



Universidade de Brasília

Instituto de Psicologia

Programa de Mestrado em Psicologia Clínica e Cultura

***A REVELAÇÃO DE UM MESSIAS:
UM ESTUDO CLÍNICO PSICANALÍTICO DE
UM DELIRANTE BEM SUCEDIDO***

Mestranda

Renata Arouca de Oliveira Moraes

Orientador

Prof. Dr. Francisco Moacir de Melo Catunda Martins

Brasília

Outubro de 2009.

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.



Universidade de Brasília

Instituto de Psicologia

Programa de Mestrado em Psicologia Clínica e Cultura

***A REVELAÇÃO DE UM MESSIAS:
UM ESTUDO CLÍNICO PSICANALÍTICO DE
UM DELIRANTE BEM SUCEDIDO***

Dissertação de Mestrado apresentada pela autora como parte dos requisitos para conclusão do Curso de Mestrado em Psicologia Clínica e Cultura.

Mestranda

Renata Arouca de Oliveira Moraes

Orientador

Prof. Dr. Francisco Moacir de Melo Catunda Martins

Brasília

Outubro de 2009.

**A REVELAÇÃO DE UM MESSIAS:
UM ESTUDO CLÍNICO PSICANALÍTICO DE UM DELIRANTE BEM
SUCEDIDO**

Dissertação de Mestrado defendida diante e aprovada pela banca examinadora
constituída por:

Professor Doutor Francisco Moacir de Melo Catunda Martins

Presidente da Banca – Universidade de Brasília

Professora Doutora Vera Lúcia Silva Lopes Besset

Membro externo da Banca – Universidade Federal do Rio de Janeiro

Professora Doutora Deise Matos do Amparo

Membro interno da Banca – Universidade de Brasília

Professora Doutora Maria do Rosário Dias Varella

Membro Suplente da Banca – Universidade Paulista de Brasília

Com carinho,
aos meus amados pais e sobrinhos,
àqueles que tornaram possível a realização deste sonho e
à J.

Agradecimentos

Depois de uma longa e árdua caminhada me encontro aqui, diante dos agradecimentos, em meio a um misto de várias sensações, sentimentos que me invadem fazendo deste momento a realização de uma vitória e sonho que não poderiam ter existido sem a contribuição das seguintes pessoas:

Aos meus amados pais, por estarem ao meu lado tornando minha vida possível, ao me incentivarem a cada dia a buscar pelos meus ideais, sendo exemplos para mim. Aos meus queridos irmãos que tornam minha vida interna mais rica contribuindo para construção do meu patrimônio. E aos meus mais que amamos sobrinhos que hoje são a alegria da minha vida.

Ao orientador, professor Francisco Martins, agradeço a disponibilidade e as enormes contribuições que me fez nestes anos.

À Rosário, meu imenso carinho e gratidão, que desde o início de minha chegada na UNB me acolheu, ajudando-me a me sustentar em momentos de grandes dificuldades. A possibilidade que me permitiu de aprender com suas grandes contribuições ao longo destes anos. Obrigada por aceitar o convite em fazer parte da minha banca!

À Deise por sua disponibilidade, ajuda e orientações em meu percurso e também por ter aceitado o convite em participar da minha banca. E a Vera Besset por ter aceitado o convite em participar da minha banca.

À J. e seus discípulos que sempre me receberam, mostrando-se disponíveis ao meu trabalho de pesquisa. Sem vocês a riqueza aqui construída e elaborada não teria existido.

À querida Fátima, por sua companhia que foi além de minha coleta de dados, pela amizade construída e a possibilidade de troca que nos foi permitida nestes anos. Obrigada por tudo!!

Aos nossos analistas, estes não poderiam deixar de estar aqui presentes. A Cristina ao me dar vida e ao Luciano que a cada sessão me incentiva a ir sempre em frente, apesar dos tombos.

À Universidade Católica, e meus queridos professores Cibelle, Viviane, Bob, Eveline e Deise por serem referências para mim neste duro caminho de nossa amada profissão. Obrigada pela força, ajuda e orientações!!!

Às minhas mais que amadas amigas: Andréia, Cris, Dri, Karlinha, Lulu, Vivi, Myla e as mais novas amizades feitas neste percurso.

Aos meus pacientes por me permitirem aprender e ser terapeuta ao lado deles.

À equipe de AT e a Clínica Athos: Carol, Drica, Fê, Mel, Mik e Simone com quem pude aprender a cuidar e acolher. Obrigada pelo apoio, pelas intervisões, por toda possibilidade de troca e aprendizagem que tive com vocês. Foi precioso para mim os momentos que estive aos seus lados.

Aos meus queridos parceiros de luta no mestrado: Mel, Ronaldo, Átila, Mari, Kelen, Nerícia e Fê que compartilharam comigo das angústias desta caminhada. Obrigado pelas inestimáveis ajudas neste percurso!!!

À equipe da Clínica Pelegrini pela ajuda, troca, apoio e entendimento com relação as minhas ausências.

À Silvana e Milton pelas correções feitas.

À CAPES pela ajuda financeira.

Resumo

O presente trabalho é o estudo de um caso no qual ocorre uma transformação no Eu como uma nova possibilidade de existência. Nesse sentido, em nossa introdução descrevemos sucintamente a história de J., nosso sujeito, pesquisa realizada durante um ano. Posteriormente, distribuimos nossos referenciais em três momentos, seguindo a evolução ocorrida em seu Eu. Assim, iniciamos com a constituição do Eu, este que se inicia a partir de um processo sensorial de afetação, tendo o corpo, a percepção e a linguagem como sustentação neste originário em constituição. Entretanto, no nosso caso, já neste início disposicional ocorreram falhas neste processo que irão contribuir para que este Eu em, um momento posterior, venha a se transformar. Dessa maneira, no segundo momento, em decorrência dessas falhas que serão apontadas durante o primeiro e segundo capítulo, há o desligamento da libido, juntamente com sua regressão ao narcisismo primário que trará sua transformação. Considerando as perspectivas da psicopatologia e da psicanálise, descrevemos todo o quadro sintomatológico iniciado com a grande revelação do novo Eu e seu conseqüente engrandecimento. Assim, em decorrência deste devenir de J., há a criação de um mundo sem falhas, devido a uma invasão dos processos inconscientes no pré-consciente e a vivência de rejeição à situação edípica com a forclusão do Nome-do-Pai, ou seja, exclusão do terceiro e da Lei. O último capítulo se caracteriza pela possibilidade de compartilhamento desta nova realidade e identidade criada, possibilitada em função da articulação da religião nesta criação. Trata-se de uma missão e de professar, pois J. conseguiu atravessar e afastar os impasses das experiências de sua vida no momento em que como filho direto e unigênito do Pai passou a transmitir a Lei divina como pai da humanidade, acolhendo seu desamparo e também o dos que à sua volta se encontram. É o delírio socializado. Com isso, articula um discurso coerente em que anuncia e alerta a humanidade para catástrofes do mundo mostrando o caminho da redenção e salvação através da aliança com o bem.

Palavras Chave: Constituição do Eu, psicose, desencadeamento, delírio e religião.

ABSTRACT

This is a case study in which a transformation in the self takes place as a new possibility of existence. The introduction provides a thorough description of the story of our subject J., after a one-year investigation. Our study is divided into three chapters, following the evolution that occurred in J's self. We start with the constitution of the self, which begins from a sensory process of affect having the body, perception, and language as support for this original self in formation. In our case, however, in this dispositional beginning there were already failures in this process, which would later contribute to the transformation of the self. In the second part, as a result of these failures, which will be pointed out throughout the first and second chapters, there is a withdrawal of the libido, along with his regression into primary narcissism which will bring about his transformation. Making use of psychological and psychoanalytical perspectives, we describe the whole symptomatology initiated with the great revelation of the new self and his consequent enhancement. Thus, as a result of J's *devenir*, a faultless world is created due to an invasion of the unconscious processes in the preconscious and due to the experiencing of rejection of the edipian situation with the foreclosure of the Name-of-the-Father, that is, the exclusion of the father and of the Law. The final chapter is characterized by the possibility of sharing this newly created reality and identity, made possible by means of religion in this creation. This is both mission and professing, for J. was able to overcome and rid himself of the impasses of his life experiences when, as "the direct and only begotten son of the Father", he started to transmit the divine Law as the father of humankind, accepting his helplessness and that of those around him. It is socialized delusion. In this way, he articulates a coherent discourse in which he announces and warns humanity of world catastrophes, showing the way to redemption and salvation through the allegiance to the good.

Key Words: constitution of the self, psychosis, triggering, delusion, and religion.

SUMÁRIO

Introdução.....	14
Capítulo 1 – <i>Da pessoa comum ao Profeta: o processo de constituição do Eu e à disposição para a perda da realidade.....</i>	19
1.1 Introdução.....	19
1.2 Princípio do cristal.....	19
1.3 Disposição infantil.....	24
1.4 Constituição do Eu e narcisismo.....	37
1.5 A questão edípica.....	47
1.6 Conclusão.....	57
Capítulo 2 – <i>Do Profeta ao Messias: a dificuldade de acesso aos primórdios e o delírio como o centro de sua existência.....</i>	58
2.1 Introdução.....	58
2.2 Estrutura psicótica.....	58
2.3 A Mãe.....	65
2.4 O Édipo psicótico.....	69
2.5 O delírio.....	81
2.6 O discurso delirante.....	109
2.7 Conclusão.....	116
Capítulo 3 – <i>O Messias: o devenir de um delirante bem sucedido.....</i>	117
3.1 Introdução.....	117
3.2 A constituição de uma nova morada: A Arca de Noé.....	118
3.3 Religião e psicopatologia.....	124
3.4 Conclusão.....	127
Conclusão.....	129
Referências Bibliográficas.....	132
Anexo 1	
Questionário para o participante da pesquisa.....	138
Anexo 2	

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE.....	141
--	-----

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 Quadro nosográfico de caracterização das psiconeuroses.....23

Quadro 2 Quadro Sinóptico para uma análise Transformacional da fantasia de Schreber.....115

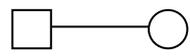
LISTA DE GENOGRAMAS

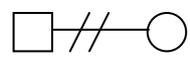
Genograma J.	103
Genograma atual de J. – Cristo.....	101

LENGENDA PARA CONSTRUÇÃO DE GENOGRAMAS

 Homem

 Mulher

 Casamento

 Separação do Casamento

 Filho e Filha

 Adoção

 Sujeito da pesquisa

 Espírito Santo

 Cristo

 Concepção do Espírito Santo

Introdução

Aquele que fala em línguas edifica a si mesmo; mas o que profetiza, edifica a assembléia [...] Assim, uma vez que aspirais aos dons espirituais, procurais tê-los em abundância para edificação da igreja [...] Quando vos reunis, quem dentre vós tem um cântico, um ensinamento, uma revelação, um discurso em línguas, uma interpretação a fazer – que se faça de modo a edificar.¹

Consideramos, aqui, essencial a colocação da figura do Apóstolo Paulo. Evangelizador, cristão, teólogo profundo que tem como razão em sua vida e a explicação de sua existência Cristo Jesus, o Senhor! Sua figura, de acordo com Flores², sempre atraiu a atenção dos cristãos por sua capacidade de ação no campo evangelizador, sua precisão e clareza de doutrina, sua força interior ao enfrentar os reveses da vida, mas principalmente sua habilidade de formar evangelizadores. Por isso, Paulo inspirou homens no sentido de mostrar que a pessoa de Jesus Cristo é o fundamento sobre o qual está alicerçada toda sua vida e atividade.

Assim, como o Apóstolo Paulo, J. entra aqui como alguém que possui sua vida e existência transformada por Cristo Jesus, diante de uma grande revelação e, com isso, passa a viver e profetizar. Neste sentido, salientamos que nosso trabalho baseou-se na história de vida de J., que logo ao nascer é abandonado pela mãe dele que o entrega à família Souza. Com esta família, J. vive até sua adolescência. Entretanto, já nestes tempos, J. possui uma variação de sensibilidade, ou melhor, sente-se um estranho em sua casa, com as outras crianças e com sua família. Além destas terríveis sensações, J., em sua adolescência, possui alterações de percepção. E estas são, em grande maioria, visões de fim do mundo, mortes, destruição, corpos pegando fogo, ou seja, uma verdadeira visão apocalíptica. Em que, paralelamente, há a imposição de um outro sobre si mesmo, este outro dando-lhe ordens, coordenando suas ações e vida.

¹APÓSTOLO JOÃO, Primeira Epístola aos Coríntios. In: *Bíblia Sagrada*. Tradução: Centro Bíblico Católico. São Paulo: Editora Ave-Maria Ltda. P. 1477, 1478-1480.

²FLORES, J. H. P. (1995) *O segredo de Paulo*. São Paulo: Edições Loyola.

Assim, diante de toda essa realidade, J. rompe com sua família, por imposição dessa voz que se torna cada vez mais presente e passa durante alguns anos vivendo como um errante, perambulando por cidades, casas, empregos e países. Isso acontece até o dia em que, numa grande revelação, esta voz o identifica e traz à tona sua nova identidade. Esta, porém, remete J. a um outro tempo, espaço e pessoa; pois, a partir deste momento, ele inicia uma nova realidade trazendo consigo novos referenciais. Neste sentido, J. possui agora uma nova vida, novos pais e um novo nome; mas, acima de tudo, isso o leva a uma missão imposta de tal modo que não lhe permite escolha e que lhe transforma a existência, dando um novo sentido a ela.

Temos, assim, em nosso sujeito, uma construção imaginária e narcísica que visa dar um sentido às situações de crise e até mesmo de insegurança. Com isso, J. constrói uma nova vida em torno deste imaginário, mas o que pode ser visto por muitos como patológico dá para J. um lugar que o possibilita fazer laços e compartilhar um mundo novo ao criar um discurso e um estilo de vida coerente com sua nova identidade.

Há também uma tentativa de compreendermos o Eu dessas pessoas. O que significa, principalmente, uma busca para proporcionar um trabalho mais acolhedor e continente com esses pacientes, articulando também este entendimento para os profissionais da área da saúde, familiares e os demais que convivem próximas aos mesmos. Avançando, assim, no entendimento sobre esse campo do conhecimento, podemos contribuir para que esses indivíduos consigam se relacionar e trabalhar melhor com esta diferença presente na psicose, sem que esta relação se dê na forma de exclusão.

Assim, Pankow³ já dizia que ao avançar nesse campo, todo psicoterapeuta, com esforços autênticos, demonstra ousadia e originalidade principalmente por se tratar de uma perturbação na estrutura que inevitavelmente evidencia um estado de desordem, devastação e dissociação.

³PANKOW, G. (1989) *O homem e sua psicose*. Campinas, SP: Papirus.

Gostaríamos de esclarecer aos nossos leitores como se iniciou o presente trabalho de dissertação, pois como todos sabemos há um pouco de nós em nossos trabalhos, discussões e escolhas que fazemos ao longo da vida. A psicose é um tema que tem nos interrogado e nascido de nossa curiosidade desde os tempos iniciais de nossa formação, na Universidade Católica. O sofrimento acometido por essas pessoas nos mostra uma violência que, muitas vezes, a palavra não é suficiente para dar conta do que ali é vivenciado. Com isso, nos perguntamos: O que ocorre com estas pessoas? Como dar a elas uma vida um pouco mais leve? Por que a realidade chega para essas pessoas de forma tão violenta e invasiva? Que defesas e recursos estas pessoas encontram em si mesmas para lidar com a realidade? Qual o lugar de um terapeuta nesta clínica? O que nós, como terapeutas, podemos fazer nesta clínica? Qual o trabalho que permeia esta clínica? Estas são questões que nos interrogam e desde já, com ansiedade, gostaríamos muito que algumas delas fossem respondidas.

A possibilidade da prática foi outro pilar na construção de nossa dissertação. Em nossas conversas, quando surgiu a possibilidade de ir a campo, para abordar melhor este assunto, foi o que tornou decisivo nossa escolha: dessa forma, teríamos como ver e participar do que estaríamos pesquisando, já que, a cada semana, teríamos contato, conversas e compartilhamento de experiências com nosso sujeito. Assim, gostaríamos de agradecer e reconhecer a riqueza da experiência que a pesquisa de campo nos ofereceu e também a disponibilidade de nosso sujeito e toda sua seita na construção desta dissertação, pois temos certeza que, sem a possibilidade de compartilhamento que ele nos proporcionou, este trabalho e sua riqueza, não teria sido possível. Além disso, podemos falar aqui, que a possibilidade de contato com nosso sujeito e sua seita nos trouxe grandes ensinamentos, possibilitando uma variedade de sentimentos e sensações que só poderiam ter sido vivenciadas no contato que ele nos permitiu.

Nesse sentido, nossa opção metodológica foi a etnográfica para a coleta de dados em que a vivência e a observação em campo, entrevistas, a princípio semi-estruturada, com nosso sujeito e ainda o diário de campo foram ferramentas utilizadas para nossa dissertação. Assim, já de antemão colocamos para os nossos leitores uma influência recíproca em que, segundo

Devereux⁴ a idéia de contratransferência é tida como ferramenta fundamental, pois permite que as ‘distorções de percepção’ dos pesquisadores, advindas de uma reação precipitada sobre seu objeto, possam ser trabalhadas e consideradas como dados de pesquisa. O que nos faz pensar numa aproximação e justificativa com o método clínico psicanalítico em que há intimidade entre duas pessoas, onde ‘um’ se revela ao se entregar ao trabalho, permitindo despir-se para aquele que o escuta e este obter o material para que possa haver trabalho, cuidado e acolhimento, sem seleções e julgamentos, prática muito bem descrita por Freud pelo método da “escuta flutuante”.

A experiência logo mostrou que a atitude que o médico analítico podia mais vantajosamente adotar, era entregar-se à sua própria atividade mental inconsciente, num estado de *atenção imparcialmente suspensa*, a fim de evitar, tanto quando possível, a reflexão e a construção de expectativas conscientes, não tentar fixar particularmente coisa alguma que ouvisse na memória e, por esses meios, apreender o curso do inconsciente do paciente com seu próprio inconsciente [...] É verdade que esse trabalho de interpretação não podia ser submetido a regras estritas e deixava uma grande margem de manobra ao tato e à perícia do médico; no entanto, com imparcialidade e prática era geralmente possível obter resultado dignos de confiança.⁵

Assim, a prática clínica e a etnográfica implicam no mergulho do mundo do outro com a abertura para as acepções subjacentes a este. Neste sentido, temos na psicanálise e na psicopatologia a opção teórica para compreender e ler os dados coletados.

Desse modo, o nosso trabalho está dividido em três momentos, cada qual correspondendo a um capítulo. Todos eles estão relacionados ao Eu de J., desde seus primórdios ou constituição, passando por sua transformação e concluindo com sua estabilização e socialização.

No primeiro capítulo, discutiremos a constituição do Eu ocorrendo em meio a fatores como a linguagem, o corpo e a percepção, dando sustentação a este processo. Nesta perspectiva, existem disposições que irão mostrar os destinos humanos onde teremos na função paterna outro pilar para a individuação. No segundo, abordaremos o devenir do profeta

⁴DEVEREUX, G. (1967) *From Anxiety to Method in the Behavioral Sciences*. United States of America, New York: Mouton and Co.

⁵FREUD, S. (1923[1922]) *Dois verbetes de enciclopédia*. Psicológicas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996. V.18. p. 256-257.

J. com a descrição e nomeação clínica clássica de fenômenos que nos fazem chegar à estrutura psicótica em que o delírio se apresenta como o sintoma principal. Na parte final, mostraremos como o delírio de J. lhe deu direções que possibilitaram sua socialização devido a posição de pregador, ou melhor, de um Messias.

CAPÍTULO I

DA PESSOA COMUM AO PROFETA:

O PROCESSO DE CONSTITUIÇÃO DO EU E À DISPOSIÇÃO PARA A PERDA DA REALIDADE

1.1 Introdução

O processo de constituição do Eu é essencial para se compreender a existência humana. Nesse sentido, consideramos fundamental, nesta parte do trabalho, descrever como esta constituição se faz, pois a entendemos como um processo sensorial de afetação na qual o corpo, a percepção e a linguagem possuem papéis decisivos. Pois o Eu emerge em meio a uma série de fatores que irão lhe dando sustentação em seu processo de constituição. Os destinos humanos mostram-se relacionados à personalidade e à linguagem desde seus tempos mais precoces. Assim, neste capítulo nos propomos, a partir do princípio do cristal, estudar a constituição de um Eu psicótico delirante. No qual neste processo constitutivo de longo tempo, a partir do discurso de J. nos permitiu entender as personações que aqui se fazem essenciais posto que o Eu é produto em processo, ao contrário do inconsciente.

1.2 Princípio do cristal

O entendimento do indivíduo na clínica nos leva ao conceito de disposição de cada um, ou seja, ao seu “estar com”, que diz respeito a relação que ele estabelece consigo, com os outros e com o mundo externo. Os conceitos freudianos permitiram uma ruptura epistemológica com os conceitos que a psicopatologia clássica introduziu no estudo e entendimento das doenças mentais e de suas causas. Assim, o esclarecimento somente psicopatológico foi insuficiente para a compreensão dos modos de sofrimento e da existência humana. Daí, a importância de Freud para a formulação dos fatores que constituem as destinações do indivíduo. Martins⁶ observa que “os destinos mais diversos se organizam em torno dessas disposições e do acaso. Sobre o acaso temos pouco a dizer, posto que se agradece ou se lamenta sua ocorrência, procurando-se *a posteriori* mudá-lo ou consertá-lo. Em relação

⁶MARTINS, F. (2005) *Psicopatologia I – prolegômenos*. Belo Horizonte: PUC Minas.

ao *pathos* é diferente, pois ele passa a ser determinante constante e essencial do destino feliz ou infeliz do sujeito.” Doente ou não, excêntrico ou centrado, equilibrado ou desequilibrado ocorre com esse estudo o entendimento de como a psicose explica algo de fundamental no humano.

Assim, explicitemos com Freud o princípio do cristal, no qual nos diz:

Se atirmos ao chão um cristal, ele se parte, mas não em pedaços ao acaso. Ele se desfaz, segundo linhas de clivagem, em fragmentos cujos limites, embora fossem invisíveis, estavam predeterminados pela estrutura do cristal. Os doentes mentais são estruturas divididas e partidas do mesmo tipo [...] esses pacientes, afastaram-se da realidade externa, mas por essa mesma razão conhecem mais a realidade interna, psíquica, e podem revelar-se nas muitas coisas que de outro modo nos seriam inacessíveis.⁷

Dessa forma, Freud ressalta que as doenças mentais podem nos ensinar sobre as formas mais loucas dos destinos humanos e também do homem de todos os dias, através de suas articulações. E neste sentido temos formas específicas de adoecimento psíquico. Martins⁸ enfatiza a necessidade de reconhecermos nas chamadas doenças mentais a questão da humanização do sujeito e da possibilidade radical de existência, ou seja, o vir-a-ser de cada um. Pois o adoecimento psíquico toca sempre suas estruturas essenciais já que essas formas mais radicais vêm esclarecer as disposições primordiais que mostram o que o homem pode vir a ser.

Seguindo esse princípio de adoecimento psíquico em um plano sintomatológico e nosográfico, o autor apresenta quatro formas mais radicais de ruptura do cristal que é o ser humano. No entanto, há um princípio de universalidade e de necessidade de seus constituintes estarem potencialmente em todos os seres humanos, restaurando a idéia de unidade psíquica:

- distúrbios do humor: distúrbios cíclicos do humor que geram uma estruturação predominantemente timopático. A mania e a depressão apresentam-se como suas formas clássicas.

⁷FREUD, S. (1933[1932]) *A dissecção da personalidade psíquica*. Obras Psicológicas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996. V.22. p. 64-65.

⁸MARTINS, F. (2005) *Psicopatologia I – prolegômenos*. Belo Horizonte: PUC Minas.

▪ distúrbios na qual a problemática essencial é de ordem moral e demandam uma estruturação neurótica. Neste caso, inserem-se os distúrbios ditos histéricos e obsessivos.

▪ distúrbios que abrangem as formas clássicas de loucura: esquizofrenia e paranóia. Estes demandam uma estruturação psicótica.

▪ distúrbios que envolvem o modo de experimentar o próprio corpo e o do outro: representa as diferentes formas de sexuação. Temos as modalidades de sadismo e masoquismo e o modo de estruturação é predominantemente perverso.

Há, no entanto, uma causalidade que explica o sofrimento, os distúrbios. Estes implicam em dimensões biológicas, psicológica e sociológica, sendo, contudo, insuficientes para esclarecer a problemática. Mas, de acordo com Martins⁹, há algumas características fundamentais dessas “doenças” humanas:

1. são distúrbios de ordem pulsional;
2. são distúrbios endógenos;
3. são de essência discordancial, implicando causalidade psíquica;
4. ensejam ao aparelho psíquico organizar-se e configurar-se de diferentes modos a cada vez;
5. tendem a ser excludentes, determinando uma forma de funcionamento psíquico preferencial;
6. envolvem sempre o Eu, mas de maneira diferenciada em cada tipo;
7. implicam a elaboração da temporalidade de diferentes maneiras;
8. implicam a espacialização do sujeito de maneiras diversas;
9. envolvem problemas de estética, moral, ética e lógica;
10. implicam sempre a questão da lei.

⁹MARTINS, F. (2005) *Psicopatologia I – prolegômenos*. Belo Horizonte: PUC Minas.

Freud caracterizou as psiconeuroses, utilizou este termo em 1915¹⁰, quando denominou de psiconeuroses o campo do humano. A distinção entre psiconeuroses narcísicas e de transferência já trazem consigo a idéia de unidade e da definição do campo. Nas psiconeuroses narcísicas, o drama experimentado se passa essencialmente no campo do Eu, com pouco ou nenhum investimento objetal. Já as psiconeuroses de transferência implicam a entrada em jogo de outras pessoas, da alteridade e a concepção de que o conflito essencial se passa no plano do inconsciente. A esperança freudiana foi sempre que as psiconeuroses narcísicas viessem a ensinar sobre o espírito humano, sua consciência e o Eu. Quando alguém se passa por outro que ele não é, segundo a apreciação comum, tal como vemos em J. que efetivamente se toma como Deus, e não somente imaginariamente, estamos face a um fenômeno chamado de psicótico.

Freud, numa perspectiva dualista, faz uma compreensão etiológica com base nos mecanismos psíquicos inconscientes de duas grandes estruturas conhecidas como neurose e psicose. Em 1924¹¹, ele afirma que a diferença existente entre ambas “é o fato de que em uma neurose o ego, em sua dependência da realidade, suprime um fragmento do id (da vida pulsional), ao passo que, em uma psicose esse ego, a serviço do id, se afasta de um fragmento da realidade.” Processo que ocorre em duas etapas: a primeira arrastando o ego para longe da realidade e a segunda tentando reparar o dano causado e restabelecendo as relações do indivíduo com a realidade as expensas do id.

Em outro momento de sua obra, Freud¹² acentua que:

Na neurose, um fragmento da realidade é evitado, por uma espécie de fuga, ao passo que na psicose, a fuga inicial é sucedida por uma fase ativa de remodelamento; na neurose a obediência inicial é sucedida por uma tentativa adiada de fuga [...] a neurose não repudia a realidade, apenas a ignora; a psicose a repudia e tenta substituí-la.

Ao estudar sobre os sonhos, Freud¹³ os relaciona em três aspectos com os distúrbios mentais:

¹⁰FREUD, S. (1915) *Os instintos e suas vicissitudes*. Obras Psicológicas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996. V.14.

¹¹FREUD, S. (1924) *A perda da realidade na neurose e na psicose*. Obras Psicológicas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996. V.19. p. 205.

¹²FREUD, S. (1924[1923]) *Neurose e psicose*. Obras Psicológicas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996. V.19. p. 207.

(1) As conexões etiológicas e clínicas, como quando um sonho representa um estado psicótico, ou o introduz, ou é um remanescente dele; (2) as modificações, a que está sujeita a vida onírica nos casos de doença mental; (3) as ligações intrínsecas entre os sonhos e as psicoses, apontando as analogias para o fato de eles serem essencialmente afins.

Nessa perspectiva, temos indivíduos que se organizam com o recalque e a regressão das pulsões e de outro indivíduos que recalcam a realidade e fazem a repressão do Eu. Com isso, temos, segundo Martins¹⁴, modos principais de o sujeito se subjetivar que neste sentido apresenta o seguinte esquema:

QUADRO NOSOGRÁFICO DE CARACTERIZAÇÃO DAS PSICONEUROSES

As psiconeuroses

Psiconeuroses transferenciais		Psiconeuroses narcísicas	
Neuroses	Perversões	Timopatias	Psicoses
<i>Histeria</i>	<i>Masoquismo</i>	<i>Melancolia</i>	<i>Esquizofrenia</i>
<i>Obsessão</i>	<i>Sadismo</i>	<i>Mania</i>	<i>Paranóia</i>
<i>Fobia</i>	<i>Fetichismo</i>	<i>Distimia</i>	<i>Catatonía</i>
Recalque e regressão pulsional		Recalque da realidade e regressão do Eu	
Investimento objetal maior		Investimento narcísico maior	
que investimento narcísico		que investimento objetal	
Princípio de realidade		Princípio do prazer	

Assim, temos a noção de estrutura, de acordo com Bergeret¹⁵, nos conceitos de normalidade e patologia, em que a estrutura implica numa disposição complexa, estável, composta de partes arranjadas entre si levando a um todo. Porquanto, há uma parte latente e

¹³FREUD, S. (1972) *A interpretação dos sonhos*. Obras Psicológicas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996. V.04. p. 93-98.

¹⁴MARTINS, F. (2005) *Psicopatologia I – prolegômenos*. Belo Horizonte: PUC Minas. P. 223.

¹⁵BERGERET, J. (1998) *A personalidade normal e patológica*. Tradução Maria Elísia Valliatti Flores. Porto Alegre: Artmed.

outra estrutural que constitui a personalidade dos indivíduos, composta pelos elementos que lhe são peculiares. Com isso, temos uma linhagem estrutural em que persiste uma variedade de possibilidades havendo em cada uma, formas benignas e graves, não se justificando temer uma estrutura que é composta por elementos que se pré-estabelecem na infância ou adolescência do sujeito. Para Freud¹⁶, através de um exame minucioso ou de uma crise, podemos encontrar os elementos primários de uma personalidade.

Temos então:

[...] modos de responder a questões e dimensões do humano, destacando-se a situação edípica como o interpelador essencial. Assim, as chamadas fases do desenvolvimento libidinal são, em princípio, comuns a todos os humanos. Indicam em que mucosas e orifícios do corpo o gozo é privilegiado. A maneira como cada pessoa resolveu os conflitos inerentes de cada fase fornece indicativos do modo de ser e das facilitações das formas de adocimento psíquico.¹⁷

O Eu se forma e se processa através das relações de cada pessoa com os conflitos inerentes a cada fase do desenvolvimento libidinal. Isso acontece da maneira como cada um lida com seus conflitos, possibilitando indicações do modo de vir a ser dos chamados indivíduos sociais e das formas de sofrimento e gozos de cada um.

1.3 Disposição infantil

Temos que o Eu vai sendo constituído *pari passu* com o nascimento, a partir das fantasias que a mãe vai fazendo com relação a seu bebê, na escolha do nome, se foi uma criança esperada ou não, a forma com que foi concebida, investimentos que irão dando um lugar a esta criança que ainda não chegou concretamente, mas que, de alguma forma, já pode ir tomando corpo no imaginário materno. Nesse sentido, é a partir do discurso que J. faz acerca de si mesmo que tivemos acesso as suas origens.

O que podemos falar das origens mais arcaicas de J.? Em nossas primeiras elaborações, esta parte não nos veio à mente. Só depois nos perguntamos: Como iríamos construí-la? O que dizer dessa época da vida dele? Inicialmente, pensamos em deixá-la em

¹⁶FREUD, S. (1933[1932]) *Novas conferências introdutórias sobre psicanálise*. Obras Psicológicas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996. V.22.

¹⁷MARTINS, F. (2005) *Psicopatologia I – Prolegômenos*. Belo Horizonte: PUC Minas. P. 224.

branco, talvez como reflexo da vida mais arcaica que ele teve. Todavia, ao iniciar nossa descrição, tentaremos esclarecer como foi essa etapa em sua história, pois ela será o início de um modo constitutivo, o qual já é um discurso sobre si-mesmo e no qual os marcadores referenciais estão transformados.

Vamos à história de J.: no dia 07 de julho de 1925, uma parteira, chamada Dona Bema, o entrega à Brigdet e Joseph, casal de camponeses ingleses católicos, que o criou. J. viveu com eles numa pequena aldeia no interior do estado de São Paulo chamada Rio Vermelho, até a idade adulta. O relato de J. é muito pobre com relação ao conteúdo que traz a respeito de sua infância, pois ele nega esta etapa de sua vida. Mas como foi sua vida nestes anos? O que sabemos é que nos seus primeiros anos de vida J. sofre uma grande violência ao ser abandonado por sua mãe biológica. Mas longe de ter um destino mais cruel, sua mãe biológica lhe entrega à família Souza e lá J. continua a trilhar seu percurso.

Em nossas conversas, é muito claro para nós o quanto ele se sentia sozinho, em sua infância. Seus relatos, com relação a esta época de sua vida, traz sensações de miséria afetiva e falta de pertencimento. Ele comenta que esta época da vida dele e muitas outras, “mexem” muito, e é nítida sua dificuldade em voltar nestes tempos. J. retorna a seus tempos de infância, em função de nossas perguntas. Porém ao falar disso, ele fica inquieto, ansioso, com fala rápida. Se não fosse por nós, está claro que ele não iria se referir à sua infância, pois é como se ela não existisse para ele.

Exemplo disso mostramos quando lhe pedimos ajuda para a feitura de seu genograma, na construção de seu mapa familiar e ele nos disse que poderíamos achá-lo na Bíblia.

“Em minha infância tudo era muito controlado, desde sempre me senti um estrangeiro porque nunca podia dizer o que eu pensava, o que via, queria confidenciar com alguém, falar, mas não podia porque senão eles me mandariam internar. Não era próximo a Brigde e Joseph Souza, eles gostavam mesmo do primogênito deles e da caçula.”

Afirmar que já existe um discurso sobre a origem, a respeito do qual nada podemos dizer, tem como corolário a presença de *limites que definem o espaço no interior do qual o Eu encontrará seus enunciados identificatórios*. Limites inultrapassáveis, que contêm o

conjunto das posições identificatórias que o Eu pode ocupar numa cultura dada, inclusive as posições do sujeito dito psicótico. É este caráter dito inultrapassável que condiciona a possibilidade da psicose.¹⁸

Inicialmente, há um estado de indiferenciação entre o Eu e o mundo externo que marca a constituição do aparelho psíquico. Neste estado, a criança é envolvida pela afetação, direcionada a polaridade prazer-desprazer. Assim, o Eu se constitui por meio do movimento pulsional, no circuito do par de opostos prazer-desprazer, no qual, desde o princípio, encontra-se implicado o universo da linguagem, já que o Eu é engendrado como sujeito da enunciação, ser falante que se constrói na sua ipseidade.

Assim, percebe-se que o Eu se forma através de um processo de longo tempo. O Eu humano que as psicoses ajudam tanto a esclarecer, seguindo o Princípio do Cristal, é um resultado em processo da atividade consciente. Consciência esta que se alinha no tempo e espaço junto com a personação. É por meio da afetação que o ser humano se constitui. Freud¹⁹ relaciona o nascimento do psiquismo ao processo de afetação entre o Eu e o mundo, sendo que a afetação ocorre pelo sentir. Simultaneamente, o acesso ao simbólico produz um ser capaz de auto-engendramento. Assim, J. faz um discurso sobre suas origens e sobre o seu si-mesmo.

O processo de constituição do Eu e da fundação da realidade psíquica está submetido a uma disposição, a uma afetação perceptiva. Freud analisa que a criança, ao ser afetada pelas impressões sensoriais, transforma suas experiências de prazer e desprazer em representações. Em *A negativa*, 1925, Freud²⁰ observa que “devemos nos lembrar que todas as representações mentais *Vorstellung* se originam de percepções e delas são repetições [*Wiedertrolung*] destas últimas. Dessa forma, a própria experiência de uma representação [*Vorstellung*] já é, na sua origem, uma garantia da realidade do representado [*dês Vorgestellten*].”

¹⁸AULAGNIER, P. (1975) *A violência da interpretação – Do pictograma ao enunciado*. Rio de Janeiro: Imago, 1979. p. 127.

¹⁹FREUD, S. (1920) *Além do princípio de prazer*. Obras Psicológicas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996. V.13.

²⁰FREUD, S. (1925) *A negativa*. Obras Psicológicas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996. V.19. p. 267.

A psicanálise evidencia a questão do “*Das Infantile*”. O nosso objetivo nesse trabalho é analisar o que sobrou na memória sempre deformada do sujeito, que de um ponto de vista lógico leva a constituição de um sujeito psicótico delirante.

Aulagnier²¹ descreve que viver é experimentar de maneira contínua uma situação de encontro, pois a psique está desde o início mergulhada num espaço que lhe é heterogêneo do qual ela recebe de maneira contínua e imediata os efeitos. Assim, o fato originário colocará em movimento a atividade psíquica. Neste espaço, onde há ocorrências de encontros, uma primeira representação que a psique coloca a si mesma como atividade representante, se fará pelo estabelecimento da relação dos efeitos resultantes do duplo encontro com o corpo e as produções da psique materna. Neste estágio, a única qualidade desses espaços, no qual o processo originário pode e quer ser informado, concerne a qualidade de prazer e desprazer do afeto.

O nascimento vivido como algo traumático e constitutivo é a base para os processos psíquicos. Nestes casos, deflagra-se um processo no bebê ainda não estruturado como um Eu com instâncias psíquicas diferenciadas, que desembocará nos diversos modos de subjetivação. Desse modo, a partir dos afetos desencadeados pelo transbordamento de excitações, o psiquismo irá buscar possíveis soluções tais como: aquilo que se configura como prazer ou dor passará a ter um significado, desdobrando-se em formas, sentidos e significações incluindo forçosamente o corpo, já que é por meio das sensações corporais de bem-estar e mal-estar que o bebê discernirá o que será ou não material de introjeção. Para Freud, o sujeito se constitui por meio de marcas e impressões sensoriais que dão forma a um corpo pulsional definido pelo circuito das pulsões.

No desenrolar do desenvolvimento de J. um aspecto nos chama a atenção que é o seu sentimento de estranheza desde a infância, conforme evidenciado a seguir:

“Minha vida era diferente das demais crianças, as visões, vozes que tinha. Me sentia um estranho em meio às habituais brincadeiras com meninos, pois estes debochavam de mim.”

²¹AULAGNIER, P. (1975) *A violência da interpretação – Do pictograma ao enunciado*. Rio de Janeiro: Imago, 1979. p. 127.

Freud²², no texto “*O estranho*”, coloca o quanto a sensação de estranheza remete ao que é assustador e como ela provoca medo e horror, pois nos encontramos em um terreno de incertezas, desconhecimento, e também, com fatores correlacionados a solidão e a escuridão que geram uma ansiedade infantil da qual muitas pessoas jamais se libertam.

J. nos diz que se sente uma criança triste e isolada, porque desde pequeno, estava em um lar do qual não se sentia familiar, pertencente. Ou seja, o local no qual cresceu e se desenvolveu era para ele estranho e não acolhedor. Ele nos traz em sua fala um sentimento de alguém que diz de um não lugar.

Em seus relatos, J. diz ter sido um menino triste, sozinho, porque em meio as habituais brincadeiras de criança era debochado, riam dele e ele não conseguia compreender o porquê. Hoje, ele acredita que isso ocorria por conta de suas visões, por saber do terrível destino da humanidade. Só mais tarde, quando adulto, é que pôde compreender o significado da sua origem e da circuncisão.

Neste contexto, há uma criança que sente não haver mais nenhum lugar para si, ou que nenhum lugar lhe parece próprio de ser habitado, nem dentro nem fora. É como se estivesse morta.

O corpo, abordado pela psicanálise, é erotizado e pulsional, sendo um substrato necessário à vida psíquica. Ao mesmo tempo, é um espaço de uma excitação desprazerosa, em que é fonte de sofrimento, devendo ser rejeitado, anulado e destruído. Assim, perturba um estado de quietude, de silêncio, obrigando a uma atividade de representação. O corpo torna-se fonte e lugar de um prazer erógeno, a ser investido pela atividade auto-erótica, pulsão de vida, e, ao mesmo tempo, de sofrimento que deve ser destruído, pulsão de morte.

Assim, podemos ver como J. sente seu corpo, ou melhor, como ele o tem como um espaço de estranheza e de sofrimento, forcluindo, desta maneira, sua própria morada. Para a psicanálise, o corpo e o Eu são inseparáveis. Freud²³ descreve:

²²FREUD, S. (1919) *O ‘Estranho’*. Obras Psicológicas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996. V.17.

²³FREUD, S. (1923) *O Eu e o id*. Obras Psicológicas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996. V.19. p. 39.

O ego é, primeiro e acima de tudo, um ego corporal, não é simplesmente uma entidade de superfície, mas é ele próprio, a projeção de uma superfície. Isto é, o ego em última análise deriva das sensações corporais, principalmente das que se originam da superfície do corpo. Ele pode ser assim encarado como uma projeção mental da superfície do corpo, além de, como vimos acima, representar as superfícies do aparelho mental.

O corpo próprio de uma pessoa e, acima de tudo, a sua superfície, constitui um lugar de onde podem originar-se sensações tanto externas quanto internas. Ele é visto como qualquer outro objeto, mas ao tato, produz duas espécies de sensações, uma das quais pode ser equivalente a uma percepção interna.

A autoreferência da imagem de um corpo fragmentado é característico do processo esquizofrênico. O corpo unificado só surge se o sujeito se reconhece por intermédio de outro que o reconhece e o deseja. Na paranóia essa desarrumação aparece na regressão levando a uma modalidade de funcionamento na qual o sujeito perde a possibilidade de cuidados consigo mesmo, e automanutenção. Aos treze anos, J. estando sozinho em casa, recebe uma ordem da voz para ir embora. Ao ouvi-la, pegou as roupas que estavam no quarador e saiu de casa obediente à voz que mais uma vez lhe faz imperativos.

“No dia estava sozinho em casa, a voz me disse para pegar o que havia de roupa minha no quarador e sair de casa para ali não mais voltar. Não tinha escolha, era uma ordem que se impunha para mim. Imediatamente fiz o que estava sendo mandado.”

Já podemos, nesses tempos da vida de J., verificar o aparecimento de alucinações auditivas. Estes são fenômenos comuns entre os indivíduos com sofrimento psíquico psicótico, que freqüentemente é definido segundo Dalgarrondo²⁴, como uma percepção de um objeto sem que este esteja presente e sem que haja o respectivo estímulo sensorial. As alucinações mais comuns são as auditivas embora elas possam ter outras sensações como as visuais, táteis, olfativas e gustativas. Assim, elas são experimentadas, como podemos ver no caso de J., como distintas do pensamento da própria pessoa e podem ser de vozes desconhecidas mas também conhecidas.

²⁴DALGARRONDO, P. (2000) *Psicopatologia e Semiologia dos transtornos mentais*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul.

Desse modo, temos as alucinações de J. como uma das expressões e evidências de sua perda de realidade, já que são experimentadas sem que haja um objeto real externo como estímulo. Estas representações perdem a característica de uma experiência interna, pois são tomadas como verdade e vivenciadas como vindas do mundo exterior. Assim, são fenômenos que expressam a ruptura entre o Eu e seu mundo, pois os pensamentos próprios são projetados e ouvidos como provenientes de outros, tomados como verdadeiramente exteriores, rompendo com a estabilidade da relação e dos limites entre o Eu e o mundo.

Com isso, acreditamos que os fatos que descrevemos anteriormente em sua vida também contribuem para sua saída de casa e passagem por bons tempos de cidade em cidade, vivendo como um errante. Esse é um período de grandes angústias, no qual muitos se perdem como andarilhos, vagabundos, alguém sem tempo, sem nenhum lugar, sem ser ninguém. Nessa época, J. não mais obedecia a seus pais, tornando-se insubmisso a eles, e com esta postura começa a trabalhar em diferentes cidades, passando, às vezes, até mais de um ano sem visitá-los.

A percepção é, portanto, outro aspecto importante de formação do Eu e também se encontra submetido aos investimentos e às transformações libidinais, que estão na origem do Eu e fundam a realidade psíquica possibilitada pelo acesso à linguagem.

Neste caminho, Freud²⁵ relaciona a instauração do princípio de realidade com a consciência e os órgãos sensoriais, em acréscimo às qualidades de prazer e de desprazer que até então lhe haviam exclusivamente interessado. Institui-se aí duas funções do aparelho: a da atenção, que consiste em pesquisar o mundo externo para que seus dados pudessem ser conhecidos caso uma necessidade urgente surgisse; e da memória cuja tarefa é de assentar os resultados desta atividade periódica da consciência. Neste sentido, o pensar, antes inconsciente e dirigido às impressões deixadas pelo objeto, passa a ser perceptível conscientemente pela representação.

²⁵FREUD, S. (1911) *Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental*. Obras Psicológicas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996. V.12

Originalmente, o Eu é um Eu-prazer, relacionado aos processos primários. Com o princípio de realidade, junto com a função do julgamento, estabelece-se a distinção de dentro e fora, e, com isso, a dicotomia Eu-prazer e Eu-realidade. Dessa forma, Freud²⁶ ressalta que:

A função de julgamento está relacionada, em geral, com duas espécies de decisões. Ele afirma ou desafia a posse, em uma coisa, de um atributo particular, e assevera ou discute que uma representação tenha uma existência na realidade. O atributo sobre o qual se deve decidir pode originalmente ter sido bom ou mau, útil ou prejudicial. Expresso na linguagem dos mais antigos impulsos instintuais – os orais -, o julgamento é: ‘Gostaria de comer isso’, ou ‘gostaria de cuspi-lo fora’, ou, colocado de modo mais geral, ‘gostaria de botar isso para dentro de mim e manter aquilo fora’. Isso equivale a dizer: ‘Estará dentro de mim’ ou ‘estará fora de mim’. Como demonstrei noutro lugar, o ego-prazer original deseja introjetar para dentro de si tudo quanto é bom, e ejetar de si tudo quanto é mau. Aquilo que é mau, que é estranho ao ego, e aquilo que é externo são, para começar idênticos.

A outra espécie de decisão tomada pela função do julgamento – quanto a existência real de algo de que existe uma representação (teste de realidade) – é um interesse do ego-realidade definitivo, que se desenvolve a partir do ego-prazer inicial. Agora não se trata mais de uma questão de saber se aquilo foi percebido (uma coisa) será ou não integrado ao ego, mas uma questão de saber se algo que está no ego como representação pode ser redescoberto também na percepção (realidade). Trata-se, como vemos, mais uma vez de uma questão de *externo* e *interno*. O que é irreal, meramente uma representação e subjetivo, é apenas interno; o que é real está também lá *fora*. Nesse estágio do desenvolvimento a consideração pelo princípio de prazer foi posta de lado. A experiência demonstrou ao indivíduo que não só é importante uma coisa (um objeto de satisfação para ele) possuir o atributo ‘bom’, assim, merecendo ser integrada ao seu ego, mas também que ela esteja no mundo externo, de modo a que ele possa se apossar dela sempre que necessitar.

Nessa perspectiva, Freud²⁷ acrescenta:

no que se refere ao juízo, cumpre ainda observar que sua base é, evidentemente, a presença de experiências corporais, sensações e imagens motoras de si próprio. Enquanto faltarem esses elementos, a porção variável do complexo perceptivo permanece não

²⁶FREUD, S. (1925) *A negativa*. Obras Psicológicas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996. V.19. p. 266.

²⁷FREUD, S. (1950[1895]) *Projeto para uma psicologia científica*. Obras Psicológicas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996. V.1. p350.

compreendida, isto é, poderá ser reduzida, mas não apontará a direção para novas vias de pensamento.

A constituição do indivíduo ocorre no interior de um campo lingüístico, no qual o universo de significações participa da construção de sua singularidade. Ao inscrever o Eu na ordem da cultura, apresentando-se como um dos reguladores das relações existentes entre o Eu e o mundo, a linguagem é fundamental neste processo e na gênese dos mecanismos de criação de sentido. Assim, o acesso à linguagem e ao pensar faz-se possível pela constituição do Eu, em que este funciona como mediador da nomeação e da idéia.

Freud²⁸ destaca:

Aprendemos a falar associando uma ‘imagem sonora de uma palavra’ com um ‘sentido da inervação de uma palavra’. Após termos falado ficamos também de posse de uma ‘apresentação motora da fala’ (sensações centrípetas provenientes dos órgãos da fala); de modo que sob um aspecto motor, a ‘palavra’ é duplamente determinada por nós. [...] Além disso, depois de falarmos, recebemos uma ‘imagem sonora’ da palavra falada. Enquanto não tivermos desenvolvido muito nossa capacidade da fala, essa segunda imagem não precisa ser a mesma que a primeira, mas apenas associada a ela.

Nesse sentido, para Freud²⁹, vai se constituindo o aparelho psíquico, na medida em que a representação-coisa constitui-se como algo aberto, é composta de várias apresentações visuais, cinestésicas, táteis, acústicas, ou seja, imagens direta da memória da coisa, pelo menos de traços de memória mais remotos ou derivados delas e, assim, permite que a palavra adquira seu significado. Já a representação-palavra aparece como algo fechado que pode ser ampliado. Mas as representações-palavra se originam das percepções sensoriais, da mesma forma que as representações da coisa. Entretanto, estar ligado às representações da palavra não é a mesma coisa que tornar-se consciente.

As inscrições irão deixando suas marcas mnêmicas neste aparelho em construção através das representações que se tornam espacialidade, na medida em que situa espaços

²⁸FREUD, S. (1915) *O inconsciente*. Obras Psicológicas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996. V.14. p. 218

²⁹Ibidem.

diversos. Bleichmar³⁰ descreve que os movimentos que fundam a tópica implicam em tempos reais, históricos, ou seja, tempo de inscrição das representações que se tornam espacialidades no movimento que o inscreve. A história é estruturante do aparelho psíquico.

Trata-se de um tempo real que se destina a uma historização posterior, que permite que o passado seja recomposto, por *après-coup*, no presente, possibilitando que aquilo que não encontrou simbolização no momento em que se inscreveu possa vir a ter um sentido pela recomposição das representações. Historizar é estruturar de um modo significativo os efeitos dos fatos inscritos.³¹

A ruptura psicótica consiste em uma ruptura com a história comum referenciada e passível de relações objetais. J. estabelece com a religião uma relação onde se inscreve. Assim, essa relação objetiva de J. o leva a criação de uma religião. Religião e seita se distinguem pelo fato da seita tomar uma direção narcísica, do fechamento da comunicação. As igrejas são universais, são campos de relações objetais efetivas muito mais importante do que tão somente uma ilusão como diz Freud³²:

[...] retornemos a questão das doutrinas religiosas. Podemos agora repetir que todas elas são ilusões e insuscetíveis de prova. Ninguém pode ser compelido a achá-las verdadeiras, a acreditar nelas. Algumas são tão improváveis, tão incompatíveis com tudo o que laboriosamente descobrimos sobre a realidade do mundo, que podemos compará-las – se consideramos de forma apropriada as diferenças psicológicas – a delírio [...] Avaliar o valor de verdade das doutrinas religiosas não se acha no escopo da presente investigação. Basta-nos que as tenhamos reconhecido como sendo, em sua natureza psicológica, ilusões.

Interessante pensar se a Arca de Noé, seita criada por J., apesar de ser fundada por um dado delirante, mítico e referenciado em J., se sustentaria dentro e no comércio com o mundo extra- Arca de Noé, como fazem as igrejas seculares que se articulam com as normas e trocas vigentes. Se a Arca de Noé susta o comércio com o mundo ou guarda somente o que interessa, torna-se uma seita.

³⁰BLEICHMAR, S. (1994) *A fundação do inconsciente: destinos de pulsão, destinos do sujeito*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul.

³¹Ibidem. p. ix.

³²FREUD, S. (1927) *O futuro de uma ilusão*. Obras Psicológicas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996. V.21. p.40-41.

J. era católico, desde sua infância. Frequentava missas, confessava, comungava. Era um carola, como o pai. Ele ressaltava que levantava de madrugada, em jejum, e ia para missa e dizia se ver nas hóstias da comunhão da missa. Até o dia em que ao confessar com o frei Meneslau, este lhe ofendeu na frente de todos os presentes.

“Vi que a coisa estava contra mim, pois o vigário falou coisas feias a meu respeito. De acordo com a confissão ele me chamou de animal.”

Nessa circunstância, J. se afasta da Igreja e repudia o Deus criado pelos homens, por considerar que um Deus que tem mãe e que cobra para batizar, casar, não é Deus. Dizia ele: *“O deus mercenário da fé.”* Desse modo, a partir deste momento, passou a viver como ateu.

Temos a perspectiva em que o aparelho psíquico vai sendo constituído por marcas mnêmicas. Em relação a esta, Freud³³ acrescenta:

O âmago de nosso ser é, então, formado, pelo obscuro *id*, que não tem comunicação direta com o mundo externo e só é acessível, mesmo ao nosso conhecimento, mediante outro agente. Dentro do *id* operam os *instintos* orgânicos, que são, eles próprios, compostos de fusões de duas forças primevas (Eros e destrutividade) em proporções que variam e se diferenciam umas das outras por sua relação com órgãos ou sistema de órgãos. O único e exclusivo impulso destes instintos é no sentido da satisfação, a qual se espera que surja de certas modificações nos órgãos, com o auxílio de objetos do mundo externo. Mas a satisfação imediata e desregrada dos instintos, tal como o *id* exige, conduziria com frequência a perigosos conflitos com o mundo externo e à extinção.

Lacan³⁴ caracteriza a criação de uma causalidade propriamente psíquica, na qual diz da realidade do Eu concentrada através de uma:

[...] dualidade estrutural da vida psíquica, vida de relação entre o mundo e o Eu, que anima todo o movimento dialético do espírito, o qual se esforça perenemente, na ordem da ação e na ordem teórica, por reduzir essa antinomia sem jamais consegui-lo, ou pelo menos por

³³FREUD, S. (1940 [1938]) *O Aparelho psíquico e o mundo externo*. Obras Psicológicas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996. V.23. p. 211.

³⁴LACAN, J. (1998) Formulações sobre a causalidade psíquica. In: *Escritos*. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. P.160.

tentar conciliar e harmonizar as exigências dos objetos, do Outro, do corpo, do Inconsciente [...]

Seguindo o caminho sobre a constituição do Eu, Freud introduz que é através do jogo que a criança entra em contato com a língua, pois existe uma relação entre as palavras, o jogo e o prazer. Assim, a criança vai criando a linguagem para Freud³⁵, uma vez que este jogo requer a aprendizagem de utilizar as palavras e reuni-las e, ao fazê-lo, as crianças deparam-se com efeitos gratificantes. A aquisição da língua materna proporciona prazer em reunir palavras, um efeito gratificante de ritmo ou de rima que encoraja a criança a prosseguir no jogo e continuar sem atentar para o sentido das palavras ou para a coerência das sentenças.

Dessa forma, a criança irá tendo acesso à língua materna, ao emitir sons reconhecidos por ela ou outras pessoas próximas, designando seus desejos, objetos e pessoas. A criança se introduz e é introduzida no mundo da linguagem, que se relaciona com a experiência de presença e ausência da mãe, relacionado ao acesso a negatividade. Freud³⁶, observando uma brincadeira de um menino, de um ano e meio de idade, inventada por ele próprio, descobre o significado da enigmática atividade que ele constantemente repetia: como seria então a aquisição dos pronomes. Assim, vemos a importância deste brincar que segue descrito nas próximas linhas.

A criança de modo algum era precoce em seu desenvolvimento intelectual. À idade de um ano e meio podia dizer apenas algumas palavras compreensíveis e utilizava também uma série de sons que expressavam um significado inteligível para aqueles que a rodeavam. Achava-se, contudo, em bons termos com os pais e sua única empregada e tributos eram-lhe prestados por ser um 'bom menino'. Não incomodava os pais à noite, obedecia conscientemente as ordens de não tocar em certas coisas, ou de não entrar em determinados cômodos e, acima de tudo, nunca chorava quando sua mãe o deixava por algumas horas. Ao mesmo tempo, era bastante ligado a mãe, que tinha não apenas de alimentá-lo, como também cuidava dele sem qualquer ajuda externa. Esse bom menininho, contudo, tinha o hábito ocasional e perturbador de apanhar quaisquer objetos que pudesse agarrar e atirá-los longe para um canto, sob a cama, de maneira que

³⁵FREUD, S. (1905) *Os chistes e a sua relação com o inconsciente*. Obras Psicológicas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996. V.08.

³⁶FREUD, S. (1920) *Além do princípio de prazer*. Obras Psicológicas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996. V.13. p. 25.

procurar seus brinquedos e apanhá-los, quase sempre dava bom trabalho. Enquanto procedia assim, emitia um longo e arrastado ‘o-o-o-o’, acompanhado por expressão de interesse e satisfação. Sua mãe e o autor do presente relato concordaram em achar que isso não constituía uma simples interjeição, mas representava a palavra alemã ‘fort’. Acabei por compreender que se tratava de um jogo e que o único uso que o menino fazia de seus brinquedos, era brincar de ‘ir embora’ com eles. Certo dia, fiz uma observação que confirmou meu ponto de vista. O menino tinha um carretel de madeira com um pedaço de cordão amarrado em volta dele. Nunca lhe ocorrera puxá-lo pelo chão atrás de si, por exemplo, e brincar com o carretel como se fosse um carro. O carro que ele fazia era segurar o carretel pelo cordão e com muita perícia arremessá-lo por sobre a borda de sua caminha encortinada, de maneira que aquele desaparecia por entre as cortinas, ao mesmo tempo em que o menino proferia seu expressivo ‘o-o-o’. Puxava então o carretel para fora da cama novamente, por meio do cordão, e saudava o seu reaparecimento com um alegre ‘da’ (‘ali’). Essa, então, era a brincadeira completa: desaparecimento e retorno. Via de regra, assistia-se apenas a seu primeira ato, que era incansavelmente repetido como um jogo em si mesmo, embora não haja dúvida de que o prazer maior se ligava ao segundo ato.

A interpretação do jogo tornou-se então óbvia. Ele se relacionava a grande realização cultural da criança, e renúncia instintual (isto é, a renúncia à satisfação instintual) que efetuara ao deixar a mãe ir embora sem protestar. Compensava-se por isso, por assim dizer, encenando ele próprio o desaparecimento e a volta dos objetos que se encontravam a seu alcance. É naturalmente indiferente, do ponto de vista de ajuizar a natureza efetiva do jogo, saber se a própria criança o inventara ou o tirara de alguma sugestão externa. Nosso interesse se dirige para outro ponto. A criança não pode ter sentido a repetição dessa experiência aflitiva, enquanto jogo, harmonizava-se com o princípio de prazer? Talvez se possa responder que a partida dela tinha de ser encenada como preliminar necessária a seu alegre retorno, e que neste último, residia o verdadeiro propósito do jogo. Mas contra isso deve-se levar em conta o fato observado de o primeiro ato, o da partida, ser encenado como um jogo em si mesmo, e com muito mais freqüência do que o episódio na íntegra, com seu final agradável.

Desse modo, a criança consegue realizar a separação da mãe, investindo em si mesma como objeto, ao transformar o ‘o-o-o-o’ representando a ausência para o ‘nenê o-o-o-o’, e assim fazer desaparecer sua própria imagem. Assim, através do caso de Freud podemos observar como a linguagem é fator essencial na constituição do Eu.

Na psicose, o esquema de operação referencial do Eu da enunciação está modificado. Aquele que relata sua história tem uma suposição de grandeza e de ser tão especial que acaba por se infiltrar nos seus enunciados: sua paixão por si mesmo. O pré-consciente é que fornece boa parte do material imaginário para o delirante se produzir. Porém é um pré-consciente problemático, pois a representação-palavra está superinvestida. Mais que os significantes o que observamos são as predicções superinvestidas, e, no caso da paranóia, com uma predicção auto-engrandecedora, narcísica.

Portanto, nesse percurso iremos agora para outro aspecto que é extremamente importante nessa constituição. Tido como um dos eixos de organização do Eu, passamos nesse momento para o narcisismo.

1.4 Constituição do Eu e Narcisismo

O lugar em que o recém-nascido vem ocupar dará origem ao desejo marcado pela relação que se estabelece entre a criança e os que se ocupam dela. A imagem refletida no espelho produzindo a ilusão de unidade, o nome com que se designa um sujeito, esses são atributos que irão se vincular ao sujeito, servindo para que ele se sinta único, desde que receba um olhar que o ateste. Neste sentido, o sujeito só se reconhece por intermédio do outro, pois é através de seu olhar, olhar-desejo, que há a possibilidade de se unificar para posteriormente se diferenciar e vir a ser seu próprio objeto.

Nessa perspectiva, podemos perceber que o Eu desejante só surge por meio de outro que o reconhece e deseja. Freud³⁷ descreve que “...uma unidade comparável ao ego não pode existir no indivíduo desde o começo; o ego tem de ser desenvolvido. Os instintos auto-eróticos, contudo, ali se encontram desde o início, sendo portanto, necessário que algo seja adicionado ao auto-erotismo – uma nova ação psíquica – a fim de provocar o narcisismo.”

Acentuamos, então, como Bleichmar³⁸ pensa sobre o sistema narcisista: Sistema, pois exige, pelo menos, três elementos: o que escolhe e dois que possam ser comparados. Deste

³⁷FREUD, S. (1914) *Sobre o narcisismo: uma introdução*. Obras Psicológicas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996. V.14. p. 84.

³⁸BLEICHMAR, H. (1985) *Narcisismo – estudo sobre a enunciação e a gramática inconsciente*. Tradução de Emília de Oliveira Diehl e Paulo Flávio Ledur. Porto Alegre: Artes Médicas.

modo, há um campo narcisista, bastando para confirmar esta afirmação a conceitualização do Édipo, sendo esta descrição da situação relativa que os sujeitos têm sobre a base de:

- 1 – uma lógica da preferência e do menosprezo;
- 2 – o desejo de ocupar o lugar de privilégio para outro;
- 3 – os atributos que se deve possuir como meios para realizar esse desejo, o que se costuma chamar de falo.

Para o autor, “essas propriedades do campo narcisista não implica em antecedência lógica: sem atributos que possam diferenciar-se não há desejo não há preferências possíveis, mas por sua vez, sem as preferências as diferenças seriam meramente cognitivas ou perceptíveis e sem importância afetiva.”³⁹

Portanto, o narcisismo não é definido somente como o amor a si mesmo, já que depende de sua relação com outro em que é amarrado no seu desejo: “o ser humano possui dois objetos sexuais primordiais: ele mesmo e a mulher que cuida dele e, com isso, estamos pressupondo que em todo ser humano há um narcisismo primário.”⁴⁰

A mãe, ou quem quer que a substitua ao exercer sua função, é o primeiro sedutor erogeneizando o corpo do bebê, pois no momento do desamparo do *infans*, é a mãe com seus cuidados e sua presença quem libidiniza o corpo da criança, ao dar sobre seu corpo uma quantidade de excitação indissociável da função materna, guardando as marcas, que vão além da necessidade, dessa experiência que fica depositado até que algo possa ressignificá-lo. Uma nova ação ocorre do encontro com o olhar, segundo Lacan⁴¹, ou seja, o desejo da mãe, que possibilita ao *infans*, que se vivencia como partes de corpo erotizadas e fragmentadas, ver-se como um corpo unificado, como um si-mesmo.

Assim, o recém-nascido vem ocupar um lugar que originará nesse o surgimento do desejo, que por sua vez, reestruturará os intercâmbios entre aqueles que o precederam como

³⁹BLEICHMAR, H. (1985) *Narcisismo – estudo sobre a enunciação e a gramática inconsciente*. Tradução de Emília de Oliveira Diehl e Paulo Flávio Ledur. Porto Alegre: Artes Médicas. p. 11.

⁴⁰FREUD, S. (1914) *Sobre o narcisismo: uma introdução*. Obras Psicológicas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996. V.14. p.95.

⁴¹LACAN, J. (1954-1955) Seminário Livro 2: *O Eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

presença real, mas principalmente como suportes do universo simbólico da cultura. Nesta perspectiva, Bleichmar⁴² constrói a seguinte série:

1 – fase da necessidade vital e erótica em que as necessidades vitais do bebê são suprimidas pelo outro. Ao atender estas necessidades, o bebê é reconhecido como objeto da necessidade vital e como objeto erótico.

2 – fase de um desejo de um desejo na qual há o desejo de ser desejado pelo outro. Assim, o bebê – sujeito que deseja – é, por sua vez, desejado, e o outro é reconhecido como objeto desejante. “Nesta fase, o bebê, sente-se desejado, sem que isso dependa do que ele faça: o outro oferece, ao menos em condições normais, seu desejo, simplesmente porque o bebê é seu filho. Surge o desejo de ser desejado pelo outro.”⁴³

3 – fase do desejo de um desejo incondicional e do temor à rejeição. Nesta, o bebê, ao mesmo tempo, pode se sentir amado e pode também ser rejeitado, pois já surgiram os requisitos que devem ser satisfeitos. Assim, há a possibilidade de perder o amor do outro, por poder reconhecer retroativamente a fase anterior como amor incondicional, surgindo o desejo de um reconhecimento com essas características.

4 – fase do desejo de uma preferência total e do temor ao menosprezo. Aqui aparece o terceiro e o outro se converte em objeto que escolhe, adquirindo a criança e o terceiro as posições de preferido ou de relegado. A lógica que impera é: “ou Eu ou o outro”.

5 – fase do desejo de uma preferência parcial. A mãe é tida não mais como parceira sexual em si, mas há um outro ser que pode ocupar essa posição, existindo outras mulheres que podem fazê-lo. Que o pai possua a mãe como parceira sexual não exclui que o filho homem possa ter a sua. Com isso, diminui o desejo de exclusividade, pois o amor do outro, significativo em relação ao terceiro, não está em contradição com o que se tem em relação ao sujeito.

Na concepção freudiana, o indivíduo adquire unidade psíquica por meio da imagem de si mesmo advinda do modelo do outro, relação dual mãe-criança. Há a identificação como um

⁴²BLEICHMAR, H. (1985) *Narcisismo – estudo sobre a enunciação e a gramática inconsciente*. Tradução de Emília de Oliveira Diehl e Paulo Flávio Ledur. Porto Alegre: Artes Médicas.

⁴³Ibidem. p. 12.

narcisismo secundário, pois o Eu ainda está frágil, devido ao fato de estar em processo de formação. Para Freud⁴⁴, nessa fase, é o id que emite uma parte desta libido, investindo-a nos objetos. Entretanto, mais tarde, com o Eu mais fortalecido ele tenta ele mesmo se apoderar desta libido objetal enviada pelo id e busca se impor como objeto de amor ao id. Assim, o narcisismo do Eu é um narcisismo secundário que foi retirado dos objetos.

O que podemos observar são dois processos, um narcisismo primário e outro, narcisismo secundário. O narcisismo primário seria caracterizado como uma indiferenciação entre o Eu e o Id, momento de encontro originário entre a mãe e a criança, fase de indiferenciação entre o Eu e o mundo. Já no narcisismo secundário, o Eu está como objeto de investimento libidinal. Aqui, o investimento é retirado dos objetos e retorna ao Eu.

No narcisismo primário, há uma interligação entre mãe e filho que impede o reconhecimento da diferença. O Eu, ao mesmo tempo em que se forma, é igual a ele mesmo e ao outro. O narcisismo se apresenta, para Lacan, na concepção mítica do *estádio do espelho*, análise da reconstrução discursiva sobre o infantil. No caso da paranóia, há uma fixação nesta fase e com isso a construção de um discurso infiltrado por asserções delirantes no qual veremos mais adiante. Neste, a criança se percebe dada no olhar do outro. Neste olhar, ela se vê unificada, no desejo da mãe ao mesmo tempo em que se vê fragmentada, relacionada as experiências que se dão em partes de seu corpo.

Nesse sentido, segundo Lacan⁴⁵, há uma forma que situa a instância do Eu, desde antes de sua determinação social, numa linha de ficção, em que o indivíduo isolado se unirá ao devir de um sujeito, na condição de Eu. Nesta linha de pensamento, a forma total do corpo pela qual a criança antecipa numa miragem só lhe é dada como *Gestalt*, ou seja, em uma exterioridade em que essa forma é mais constituinte do que constituída, mas que, acima de tudo, ela tenta inverter em oposição à turbulência de movimentos com que experimenta. Desta maneira, simboliza a permanência mental do Eu, ao mesmo tempo em que prefigura sua destinação alienante, e também reflete as correspondências que une o Eu ao que ele projeta e aos fantasmas que o dominam.

⁴⁴FREUD, S. (1923) *O ego e o id*. Obras Psicológicas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996. V.19.

⁴⁵LACAN, J. (1998) O estágio do espelho como formador da função do Eu. *In: Escritos*. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.

Essa imagem especular parece ser o limiar do mundo visível, a nos atermos na disposição especular apresentada pela imago do corpo próprio, quer se trate de seus traços individuais, quer de suas faltas de firmeza. O *estádio do espelho* ou, também, a relação do Eu com o outro implícita neste ato traz para a criança a identificação com a unidade e a conseqüente negação do despedaçamento, quando a imagem é reconhecida. Neste sentido, o sujeito fica fascinado por essa imagem, refletida no olhar do outro, ou no desejo da mãe. Esta imagem é, então, uma imagem virtual.

Assim, para o autor, a função do estágio do espelho revela-se como um caso particular da função da imago que é estabelecer uma relação do organismo com sua realidade, pois se precipita da insuficiência para a antecipação e fabrica, para a criança apanhada no engodo da identificação espacial, as fantasias que se sucedem desde uma imagem despedaçada do corpo até uma forma de sua totalidade chamada de ortopédica, para armadura assumida de uma identidade alienante marcada com sua estrutura rígida todo o seu desenvolvimento mental.

Basta compreender o estágio do espelho *como uma identificação*, no sentido pleno que a análise atribui esse termo, ou seja, a transformação produzida no sujeito quando ele assume uma imagem – cuja predestinação para esse efeito de fase é suficientemente indicada pelo uso, na teoria, do antigo termo *imago* [...] A função do estágio do espelho revela-se para nós, por conseguinte, como um caso particular da função da *imago*, que é estabelecer uma relação no organismo com sua realidade – ou, como se costuma dizer, do *Innenwelt* com o *Umwelt*.⁴⁶

Nessa perspectiva, Lacan⁴⁷ nos acrescenta:

A história do sujeito desenvolve-se numa série mais ou menos típica de *identificações ideais* que representam os mais puros dentre os fenômenos psíquicos por eles revelarem essencialmente a função da *imago*. E não concebemos o Eu se não como um sistema central dessas formações, sistema que é preciso compreender, à semelhança delas, na estrutura imaginária e em seu valor libidinal.

⁴⁶LACAN, J. (1998) O estágio do espelho como formador da função do Eu. *In: Escritos*. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. P. 97, 100.

⁴⁷LACAN, J. (1998) Formulações sobre a causalidade psíquica. *In: Escritos*. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. P. 179.

Temos, nessa perspectiva, a relação dual entre o bebê e sua mãe como uma relação una e especular na qual o sujeito vai se constituindo nesse processo de alienação, em que Eu e outro são um só, não há outro como objeto e, portanto, não há perda mas somente a completude. Estas características constituem o narcisismo primário.

Aulagnier⁴⁸ ressalta que a entrada em função do primário é a consequência de reconhecimento imposto à psique pela presença de outro corpo e, portanto, de outro espaço separado do seu próprio. Mas isso, segundo a autora, não ocorre no postulado de auto-engendramento, pois neste não há separação (qualquer que seja), entre engendrante e engendrado. O que na teoria freudiana corresponderia ao narcisismo primário. Pode-se dizer que, nesta atividade do primário, há uma coincidência entre a imagem que representa o espaço do mundo e os elementos que o ocupam, e a imagem que representa o espaço do corpo e das partes que o compõem.

Porém, qualquer que seja a “coisa” que o primário se representa através da imagem será também aquilo através do qual se apresenta uma parte erógena do corpo; qualquer que seja a relação unindo as imagens entre si, ela será também representação da relação que une as partes erógenas do corpo. Como consequência, em toda fantasmática se manifestará, explicitamente ou como pano de fundo, a representação fantasmática do próprio espaço corporal, percebido como um conjunto de zonas erógenas. O prazer ou o desprazer que elas experimentam e que têm o poder de oferecer ou impor, dependerá da presença ou ausência do corpo de um outro dotado de mesmo poder.⁴⁹

Esse auto-engendramento deve ser distinto do relato paranóico da sua infância histórica. Trata-se de auto-engendramento, auto poiesis, mas que tem a ver com relação da ruptura do processo de referenciação, na paranóia, e de significação, na esquizofrenia.

Nesse sentido, para Aulagnier⁵⁰, além do auto-engendramento, essa relação da criança com sua mãe pode ter uma representação que implica uma ação psíquica definida pelo termo da introjeção, que pressupõe a percepção na cena exterior de presença de um sinal

⁴⁸AULAGNIER, P. (1975) *A violência da interpretação: do pictograma ao enunciado*. Rio de Janeiro: Imago, 1979.

⁴⁹Ibidem, p. 70-71.

⁵⁰AULAGNIER, P. (1975) *A violência da interpretação: do pictograma ao enunciado*. Rio de Janeiro: Imago, 1979.

interpretado como prova da presença do Outro e como uma manifestação do seu desejo de dar ou recusar prazer. A interpretação dada pela autora desta cena é por um lado a introjeção na cena psíquica do desejo deste Outro ao qual a criança responde e a projeção sobre um fragmento do exterior do Outro desejante.

O Eu, ou como Bleichmar⁵¹ designa a forma pela qual o sujeito se representa, não é uma entidade única nem homogênea. Na realidade, acha-se integrado pelo conjunto de representações – enunciados e imagens – que o sujeito toma como descrição de seu ser. Dentro destas, há representações que se têm a partir da perspectiva da valoração dos julgamentos positivos e negativos que se formulam acerca de si. O que o autor descreve como representações narcisistas do ego.

Mas para que o indivíduo venha a ter estas representações de si mesmo, é necessário, anterior a isto, que algo ocorra. E neste sentido, Freud⁵² aponta que a criança deve satisfazer os sonhos e os desejos nunca realizados dos pais, pois a ela é atribuída todas as perfeições que reivindica os privilégios que um dia eles haviam renunciado. Assim, o amor parental não é nada mais do que o narcisismo renascido dos pais. O amor por si mesmo, ocorrido na infância, será dirigido para a criança, o Eu ideal, revivenciando nos pais a completude narcísica e a satisfação da perfeição. Como ele nos descreve, “Sua Majestade o bebê” realizará os sonhos de desejo que os pais não colocaram em prática, assim, garantindo a imortalidade de seu Eu.

Mais que imaginário, representações de si mesmo que seria o *eu moi* de Lacan “a soma das representações imaginárias do sujeito”. Existem regras de enunciação que não são seguidas pelo paranóico. Assim, ele não quer se dar conta do seu pai, sua mãe e das limitações efetivas ocorridas. As regras consistem na articulação da linguagem com os dados da história de cada um e com os dados da interlocução com os outros. Supor-se deus é romper com os dados imediatos e com a história. Deus não deixa de ser uma majestade na metáfora freudiana de “sua majestade o bebê”. Agora, é sua onipotência e onipresente Deus.

⁵¹BLEICHMAR, H. (1985) *Narcisismo – estudo sobre a enunciação e a gramática inconsciente*. Tradução de Emília de Oliveira Diehl e Paulo Flávio Ledur. Porto Alegre: Artes Médicas.

⁵²FREUD, S. (1914) *Sobre o narcisismo: uma introdução*. Obras Psicológicas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996. V.14.

Assim, as palavras vindas desses enunciados parentais são, para Bleichmar⁵³, verdadeiros armazéns de significações que produzem efeitos de sentido involuntários, pois basta que empreguem possessivos para que empurrem o sujeito, além de sua consciência e vontade, até a crença arcaica de que refletem uma propriedade ou uma virtude do Eu. No caso da paranóia, esses armazéns de significações remanescem no imaginário para a profusão delirante e também narcísica do si mesmo

Mas a criança não permanece neste estado de fascínio e satisfação e procura recuperar esta experiência por meio de um ideal de Eu, que forma-se por influência de vários fatores, primeiramente por meio dos pais, posteriormente por seus substitutos, professores, ou seja, pelo processo educacional. Assim, o ideal do Eu, é uma instância psíquica que funciona como uma consciência moral advinda da transmissão do que os pais falam ao educar a criança.

Lacan⁵⁴ ressalta que o homem mostrou-se incapaz no domínio da libido de renunciar a satisfação, uma vez obtida. Desse modo, é para esse Eu ideal que vai agora o amor de si, de que gozava na criança, o verdadeiro Eu. Pois ele não quer renunciar a perfeição narcísica da sua infância, e procura reganhá-la na forma nova do seu ideal do Eu, esta nova forma é o que ele projeta diante de si como o seu ideal.

Antes mesmo de seu nascimento, a criança já é inserida em um discurso em que o sujeito desejante dela também foi filho de uma história que o concerniu e, por isso, foi transmitido um desejo parental que se sucede por meio das gerações. Dessa maneira, o desejo edipiano aparece revertido no desejo de que o filho venha a se tornar pai ou mãe, ou seja, possa desejar um filho.

Nesse sentido, o desejo de ter um filho, segundo Aulagnier⁵⁵, é elaborado no primário, na fase em que iniciam as transformações sobre ser objeto do desejo da mãe. Estas transformações ocorrem sobre o enunciado nos quais vão desde: ser objeto do desejo da mãe;

⁵³BLEICHMAR, H. (1985) *Narcisismo – estudo sobre a enunciação e a gramática inconsciente*. Tradução de Emília de Oliveira Diehl e Paulo Flávio Ledur. Porto Alegre: Artes Médicas.

⁵⁴LACAN, J. (1901-1981) *Seminário Livro 01: os escritos técnicos de Freud*. Tradução de Betty Milan. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

⁵⁵AULAGNIER, P. (1975) *A violência da interpretação: do pictograma ao enunciado*. Rio de Janeiro: Imago, 1979.

ter um filho da mãe; tomar o objeto de desejo da mãe; ser objeto do desejo do pai; ter um filho do pai; dar um filho ao pai e desejar que seu próprio filho se torne pai.

Concluiremos dizendo que o desejo “ter uma criança”, é herdeiro de um passado que faz deste enunciado a formulação do desejo humano, mas que este desejo, tal qual a mãe o pronuncia e tal como ela o imputa à criança é, paradoxalmente, o que permite à mãe se colocar como um doador interdito.⁵⁶

Podemos perceber, nesse contexto, a criança ocupando o lugar dos primeiros destinatários do desejo da mãe. Assim, já no narcisismo primário há o reconhecimento de uma primeira diferença, ou seja, de um exterior. Entretanto, o Eu ainda continua sob o domínio do prazer, podendo se utilizar da fantasia, sonhando com a satisfação que ele deseja. A lógica dominante ainda é o princípio de prazer, mas o princípio de realidade começa a atuar sobre a presença de um espaço exterior e separado.

A partir do que expomos, Freud⁵⁷ já descrevia que era preciso que a satisfação esperada não ocorresse, ou seja, que houvesse uma frustração, para que a tentativa de satisfação via alucinação fosse abandonada. Assim, em vez de alucinar, o aparelho psíquico teve de decidir conceber as circunstâncias reais presentes no mundo externo e passou a almejar uma modificação real deste. Não se espera mais que as impressões sensoriais apareçam, pois se vai ao encontro delas. A realidade passa a ser modificada pelo agir: “a realidade do pensar torna-se equivalente a realidade exterior e o mero desejar já equivale a realização do desejo ou equipara-se até mesmo à ocorrência do evento desejado.”⁵⁸

Nessa perspectiva, saímos do narcisismo primário, tido mais como uma necessidade lógica do que algo observável onde o Eu tem a si como objeto de amor, localizado entre o auto-erotismo e o amor objetal, em que há a unificação do Eu que parte de um estado de indiferenciação entre ele e o mundo externo e começamos a falar no domínio do secundário, em que o Eu toma a si mesmo como outro e como objeto, em decorrência da adaptação ao princípio de realidade que leva ao processo de busca do objeto ao amor objetal.

⁵⁶AULAGNIER, P. (1975) *A violência da interpretação: do pictograma ao enunciado*. Rio de Janeiro: Imago, 1979, p. 120.

⁵⁷FREUD, S. (1911) *Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental*. Obras Psicológicas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996. V.12

⁵⁸Ibidem. p. 70.

Como podemos observar, segundo a teoria freudiana, o narcisismo primário representa de, certa forma, uma espécie de onipotência criada no encontro entre o narcisismo nascente do bebê e o narcisismo renascente dos pais. Há com relação às pulsões, um movimento narcísico, na teoria freudiana, pois estas levam o homem à exaltação de sua pessoa. Assim, o Eu garante sua integridade, colocando-se como uma representação de si, com suas funções defensivas e inconscientes.

Em suas funções defensivas, o Eu, algumas vezes, inibe a relação com o processo primário, pois evita que imagens mnêmicas, representações de prazer, ganhem força alucinatória, mudando a percepção da realidade, já que estas trazem ameaça a sua integridade. Assim, os estímulos originados das necessidades internas do organismo são vivenciados como desprazerosos.

Com isso, inicia-se a busca em direção aos objetos por meio de um deslocamento da libido em direção a um ideal de si, mas buscando-se recuperá-lo na forma de um Ideal de Eu, imposto externamente, em que sua realização traz a satisfação da busca de prazer. Esse ideal, tendo parcela individual quanto social é o precursor do Supereu.

A formação do ideal-de-Eu é muitas vezes confundida com a sublimação da pulsão, o que prejudica sua compreensão. Aquele que trocou seu narcisismo pela veneração de um ideal-de-Eu elevado não conseguiu necessariamente sublimar suas pulsões libidinais. Embora para ser alcançado o ideal-de-Eu requeira tal sublimação, ele não pode forçá-lo.⁵⁹

Para Lacan⁶⁰, o Eu Ideal situa-se na dimensão imaginária ao contrário do Ideal do Eu que possui uma dimensão simbólica, pois se refere à relação com o Outro. Ou seja, representa uma introjeção simbólica construída com o terceiro, pai, na relação dual com a mãe.

O *Ich-Ideal*, o ideal do Eu, é o outro enquanto falante, o outro enquanto tem comigo uma relação simbólica, sublimada, que no nosso manejo dinâmico é, ao mesmo tempo, semelhante e diferente da libido imaginária. A troca simbólica é o que liga os seres humanos entre si,

⁵⁹FREUD, S. (1914) *Sobre o narcisismo: uma introdução*. Obras Psicológicas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996. V.14. p. 101.

⁶⁰LACAN, J. (1901-1981) *Seminário Livro 01: os escritos técnicos de Freud*. Tradução de Betty Milan. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

ou seja, a palavra, e que permite identificar o sujeito. [...] O *Ich-Ideal*, enquanto falante, pode vir situar-se no mundo dos objetos ao nível do *Ideal-Ich*, ou seja, ao nível em que se pode produzir essa captação narcísica com que Freud nos martela os ouvidos ao longo desse texto.⁶¹

Nesse contexto, temos o narcisismo do Eu Ideal transferido para os ideais que o sujeito se esforçará para alcançar, assim o Ideal do Eu seria uma nova forma de ideal, permeado pelos valores morais, culturais e críticos. Neste, o sujeito procura recuperar a perfeição narcísica antes desfrutada. O Eu Ideal constitui-se no estádio do espelho, traduz o narcisismo primário, a dimensão imaginária e idealizada atribuindo ao sujeito uma sensação de onipotência. Já o Ideal do Eu refere-se ao narcisismo atravessado pela castração, na qual o sujeito verá algo que ele ainda não é, formulando um Eu que sustenta um Ideal.

Como vimos, o Ideal do Eu corresponde a um conjunto de traços simbólicos que são introjetados e que correspondem à sociedade, às leis e principalmente à linguagem. O sujeito encontra um lugar de onde se vê podendo ser amado, na medida em que satisfaça certas exigências. Assim, como a função materna e o narcisismo são elementos essenciais a constituição do Eu; a função paterna é também necessária para a individuação e autonominação do ser humano. A próxima parte do trabalho busca compreender algumas particularidades do desenvolvimento da psique.

1.5 A Questão Edípica

Na tentativa de compreensão sobre o que está na teoria psicanalítica, mais especificamente em Freud e Lacan, iniciaremos o percurso no que está posto em sua origem: o pai.

⁶¹LACAN, J. (1901-1981) *Seminário Livro 01: os escritos técnicos de Freud*. Tradução de Betty Milan. Rio de Janeiro: Jorge Zahar., p. 166.

Freud⁶² descreve que por meio do pai, ou melhor, da significação de sua idéia, realidade sagrada em si mesma, espiritual, há como função a presença e dominância. Assim, não pode ser explicada pela simples realidade do vivido, mas somente pela via mítica, da inscrição do homem na origem da sua história. Nesta perspectiva, a teoria psicanalítica utiliza o mito para abarcar o substrato psicológico comum a todos os homens, manifestado pela inscrição na ordem edípica, ordenado pela dialética do desejo em face das diferenças de sexos. O mito utilizado como metáfora, para Lacan, incide na sua estrutura como algo que modifica seu sentido, sendo interpretado e permanecendo no tempo.

Para chegar nesta concepção, Freud⁶³ faz uma suposição entre a psicologia dos povos primitivos, vista pela antropologia social e a psicologia dos neuróticos, revelada pela psicanálise. Neste contexto, o autor analisa diferentes tribos descritas pelos antropólogos como sendo selvagens, mais atrasadas, miseráveis e arcaicas e conclui:

Verificamos que eles estabelecem para si próprios, com o maior escrúpulo e o mais severo rigor, o propósito de evitar relações sexuais incestuosas [...] Vemos, então, que esses selvagens têm um horror excepcionalmente intenso ao incesto, ou são sensíveis ao assunto num grau fora do comum, e que aliam isso a uma peculiaridade que permanece obscura para nós: a de substituir o parentesco consanguíneo real pelo parentesco totêmico. Este último contraste, contudo, não deve ser exagerado em excesso e devemos nos lembrar que as proibições totêmicas incluem a proibição contra o incesto verdadeiro como um caso especial.⁶⁴

Freud⁶⁵ enfatiza que desde estes tempos mais primitivos acreditava-se que já havia uma rejeição como um produto da aversão que os seres humanos sentem pelos seus primitivos desejos incestuosos, que nos tempos atuais seriam dominados pela repressão. O tabu, já colocado por nossos ancestrais traria um sentido de algo inabordável, sendo principalmente expresso em proibições, restrições e provendo a base para uma organização social, já que por essa organização havia também a distinção uns dos outros pelo uso de nomes, surgindo, desta maneira, a idéia de parentesco.

⁶²FREUD, S. (1939) *Moisés e o Monoteísmo – Esboço de Psicanálise e outros trabalhos*. Obras Psicológicas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996. V.23

⁶³FREUD, S. (1913) *Totem e Tabu*. Obras Psicológicas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996. V.08.

⁶⁴ *Ibidem*.p 22 e 25.

⁶⁵*Ibidem*.

Assim, por intermédio do mito freudiano do pai da horda primitiva, a psicanálise pode pensar a questão originária do incesto e da instituição de sua interdição. Também, por meio do mito de Édipo, houve uma tentativa de explicar como se opera o inconsciente, determinante da posição do sujeito com a alteridade e de sua forma de se relacionar com a cultura, pois como Martins⁶⁶ nos diz, o acesso à regra advém somente por meio da própria execução dos efeitos de seu Complexo de Édipo, também é organizador essencial das disposições elementares do vir a ser humano.

A forma típica do complexo de Édipo freudiano é derivada da história pessoal infantil, mas suas formas freqüentes, sofrem variações, dependendo das organizações culturais e do espírito do tempo. Afinal, o *pathos* não é fixo, ele é passível de organizações diversas que sofrem influência dos tempos e da linguagem e da constituição da subjetividade. Portanto, mesmo mantendo seus elementos essenciais, o Édipo é diferente através da história.

Para Freud⁶⁷, o complexo de Édipo revela sua importância como o fenômeno central do período sexual da primeira infância. Nos escritos freudianos, encontramos o complexo de Édipo sendo definido a partir de um desejo inconsciente de incesto com a mãe e de homicídio do pai. Teríamos, no Édipo, uma atração amorosa pelo genitor do sexo oposto e uma rivalidade, um ódio em relação ao genitor do mesmo sexo. Além de simbolizar a entrada no processo de mediação humana, incluindo aqui a linguagem e a produção especular do Eu e de uma consciência mediada. No caso da psicose, há uma dificuldade, quando em atividade psicótica, em articular o simbólico em especial a entrada no funcionamento genealógico devido a rejeição do Édipo, que veremos mais adiante.

Na concepção freudiana, temos, neste contexto, uma experiência psíquica decisiva para a futura identidade sexual da criança, pois há aí o reconhecimento da diferença entre os sexos, quando que anteriormente a esta fase ela vivia na ilusão da onipotência, mas agora terá de aceitar os limites de seu corpo e que não poderá concretizar seus intensos desejos sexuais em relação aos genitores. Além, de possibilitar a entrada na cultura que implica o processo estrutural na diferença de gerações e de sexo.

⁶⁶MARTINS, F. (2002) *O Complexo de Édipo*. Brasília: Editora Universidade de Brasília.

⁶⁷FREUD, S. (1925) *Dissolução do complexo de Édipo*. Obras Psicológicas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996. V.19.

De acordo com Martins⁶⁸, estudar o complexo de Édipo é fundamental porque indica algo de trágico que paira sobre o ser humano e aponta com precisão a existência de um período decisivo na história do sujeito, onde o *pathos* começa a se definir:

No estudo das estruturações psíquicas e da formação das estruturas elementares do ser humano, o chamado complexo de Édipo é fundamental na perspectiva *páthica*. Fundamental por indicar algo de trágico que paira sobre o ser humano e por apontar com precisão a existência de um período decisivo na nossa história, onde o *pathos* passa a se definir.

Lacan⁶⁹, por sua vez, coloca o Édipo como uma armadura significativa mínima, que viabiliza a entrada do sujeito no mundo simbólico. Toma como referência o falo, relacionando-o ao pai, cuja função é mediatizadora da relação da criança com a mãe e da mãe com a criança. E, neste contexto, é a estrutura de linguagem, que antecede a criança, determinando-a. Assim, a criança já nasce inscrita na linguagem, pois a ela é dado um nome, um lugar. Trata-se da significação que, para o adulto, o filho adquire, muito embora ele já tenha sido significado muito antes de nascer, quando encontrou um lugar na família.

Penso que o complexo de Édipo não surgiu com a origem do homem (se é que não é insensato tentar escrever sua história), mas no alvorecer da história, da história da “história”, no limite das culturas “etnográficas”. Ele só pode surgir, evidentemente, na forma patriarcal da instituição familiar, mas nem por isso deixa de ter um valor liminar incontestável; estou convencido de que, nas culturas que o excluía, sua função devia ser exercida por experiências iniciáticas, como aliás a etnologia nos permite ver ainda hoje, e seu valor de fechamento de um ciclo psíquico decorre de ele representar a situação familiar, na medida em que, por sua instituição, esta marca no cultural o recorte do biológico e do social.⁷⁰

⁶⁸ MARTINS, F. (2002) *O complexo de Édipo*. Brasília: Editora Universidade de Brasília. p. 10.

⁶⁹ LACAN, J. (1957 – 1958) *Seminário Livro 05: as formações do inconsciente*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999.

⁷⁰ LACAN, J. (1998) Formulações sobre a causalidade psíquica. In: *Escritos*. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. P. 185.

Neste contexto da função simbólica, Bucher⁷¹ retoma de Lacan um quarto termo da triangulação totalizando na função simbólica do falo, que :

[..]tem como função repetir o que torna significantes as imagens eróticas, a saber, a perda da coisa inefável que obseda o desejo da presença, conquanto remete, simultaneamente, à relação da mãe ao pai, à autoridade da fala, à lei dos intercâmbios constitutivos da família.

Além disso, o autor complementa:

[..]o valor estrutural do Édipo é de introduzir o pequeno homem (infans) na cultura, de propiciar a passagem do estado natural (e imediato) à condição cultural. Nesta passagem, não podemos esquecer que a cultura inclui tanto a sociedade (e as regras de intercâmbio) quanto a linguagem (e os significantes, condições de desejo).⁷²

A entrada na cultura implica a capacidade de prometer. O prometer é o ápice da atividade simbólica colocada em ato pela fala efetiva. Assim, a entrada na cultura implica a dupla entrada processual: na diferença de sexo e na diferença de gerações. A forclusão consiste largamente na rasura da diferença de geração.

De acordo com Waelhens⁷³, o Édipo oferece uma contribuição decisiva que consiste em inserir o sujeito na lei. Aí, o sujeito recebe o Nome-do-Pai em troca da renúncia que lhe é imposta e para a qual ele tem que se curvar. Dessa maneira, ele está inserido na sucessão das gerações, abandonando o meio de uma existência simplesmente natural em que seria difícil se situar e a se identificar.

Há, no Édipo, um pacto simbólico no qual ocorre a renúncia ao amor edipiano e a retirada do sujeito da natureza biológica para completar a identidade, situando o sujeito perante ele mesmo e perante todos, ao mesmo tempo, autorizando seu lugar que é próprio e marcando-o através da negatividade. Encontra-se, nesse momento, o primeiro sentido da

⁷¹BUCHER, R. E. (1982) O valor estrutural do complexo de Édipo. In: *Alter – Jornal de estudos psicodinâmicos*. V. 12. p. 33.

⁷²Ibidem. p. 37.

⁷³WAELEHENS, Alphonse de. (1990) *A psicose – ensaio de interpretação analítica e existencial*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

castração, o sentido simbólico, mas que também pode explicitar-se conforme os termos da linguagem.

Seguindo esta perspectiva, Lacan⁷⁴ demonstra que a criança se tornará sujeito a partir da operação da metáfora paterna e de seu mecanismo, o recalque originário, que se desenvolve com base numa substituição significante, na qual um significante novo tomará o lugar do significante originário do desejo da mãe que, recalcado em benefício do novo, vai se tornar inconsciente, o que significa que a criança renunciou a seu objeto inaugural de desejo.

A inscrição no registro do simbólico ocorre a partir da dialética edipiana, segundo Lacan⁷⁵, descrito como um processo que se desenvolve em três tempos. Num primeiro momento, a criança ainda mantém com a mãe uma relação de indiferenciação, reforçada pelos cuidados que recebe e pela satisfação de suas necessidades. Essa relação quase fusional a permite supor ser seu objeto de desejo. É nesta posição de objeto, que a criança se coloca como suposto completar o que falta à mãe. Ao querer constituir-se como desta maneira, a criança se coloca como único objeto de desejo da mãe, assujeitando seu desejo ao dela, o que Lacan descreve no emprego de palavras figuradas é que para agradar a mãe é necessário e suficiente se colocar nesta posição.

Assim, o que a criança busca é se fazer desejo de desejo, é poder satisfazer o desejo da mãe, ou como Lacan⁷⁶ diz: ser ou não o objeto de desejo da mãe. Por outro lado, prover as necessidades do filho não é o único desejo da mãe: detrás dela, remete toda ordem simbólica da qual ela depende. Esse objeto predominantemente da ordem simbólica é o falo.

A estreita ligação desse remeter a mãe a uma lei que não é a dela, mas a de um Outro, com o fato de o objeto de seu desejo ser soberanamente possuído, na realidade, por esse mesmo Outro a cuja lei remete, fornece a chave da relação do Édipo. O que constitui seu

⁷⁴LACAN, J. (1957 – 1958) *Seminário Livro 05: as formações do inconsciente*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999.

⁷⁵Ibidem.

⁷⁶Ibidem.

caráter decisivo deve ser isolado como relação não com pai, mas com a palavra do pai.⁷⁷

Nessa perspectiva, em um primeiro momento, a problemática fálica situa-se sob a forma da dialética do ser. A natureza do objeto fálico com a qual a criança se identifica confere um caráter imaginário a essa relação, uma vez que pressupõe a ausência da instância mediadora, pai. Contudo, apesar de não contar com a intervenção do pai, a relação se dá pela identificação fálica da criança como objeto de desejo da mãe. Essa omissão à mediação da castração e identificação de objeto fálico coloca-a numa posição dialética em ser ou não ser o falo. O segundo tempo do Édipo parte justamente dessa dialetização de ser ou não ser o falo, introduzindo a dimensão paterna, que intervirá na relação mãe-criança-falo sob a forma de privação.

O pai é aquele que interdita a satisfação do impulso da criança à medida que ela percebe que é para o pai que a mãe se dirige. A entrada do pai na relação intersubjetiva da mãe com a criança, como quem tem o direito àquilo que diz respeito à mãe, é vivida pela criança como uma frustração. Por outro lado, também, a mãe se vê privada do falo suposto. Dessa forma, a criança é introduzida no registro da castração pela entrada em cena da dimensão paterna, e passa a se interrogar sobre ser ou não ser o falo. O que permite sua entrada na dialética do ser é o aparecimento do pai em sua relação com a mãe, surgindo na vida subjetiva como um objeto fálico possível.

O pai, como objeto rival, aparece como o outro intermediário, terceiro, nesta relação, e se apresenta como objeto do desejo da mãe, como aquele que é, imaginariamente, o falo. Tendo deslocado o falo para o lugar da instância paterna, a criança se depara com a lei do pai, fundada no pressuposto de que a própria mãe depende dessa lei. Portanto, para responder às demandas da criança, é preciso que, por meio da mãe, esse desejo passe necessariamente pela lei de desejo do pai.

Eu lhes disse que, no plano imaginário, o pai intervém como privador da mãe, o que significa que a demanda endereçada ao Outro, caso transmitida como convém, será encaminhada a um tribunal superior,

⁷⁷LACAN, J. (1957 – 1958) *Seminário Livro 05: as formações do inconsciente*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999, p. 199.

se assim posso me expressar. Com efeito, aquilo sobre o qual o sujeito interroga o Outro, na medida em que ele o percorre por inteiro, sempre encontra dentro dele, sob certos aspectos, o Outro do Outro, ou seja, sua própria lei. É nesse nível que se produz o que se faz com aquilo que retorna a criança seja, pura e simplesmente, a lei do pai, tal como imaginariamente concebida pelo sujeito como privadora da mãe.⁷⁸

Com essa descoberta, a criança significa o desejo da mãe como submetido à lei do desejo do Outro, o que implica que seu próprio desejo depende de um objeto, que o outro é suposto ter ou não ter. Conforme Lacan⁷⁹, tem-se aí a chave da relação do Édipo e de seu caráter essencial: a relação da mãe com a palavra do pai e com aquilo que ele é suposto possuir, que a satisfaz e regula o desejo que ela tem de um objeto que não é mais a criança. Ela se remete ao desejo de um outro, reconhecendo a lei do pai como aquela que mediatiza seu próprio desejo. O pai que priva é o que apresenta a lei.

A criança, na perspectiva de Lacan⁸⁰, tem acesso à simbolização da lei do pai, confrontada com a questão da castração na dialética do ter. A mediação que o pai introduz na relação com a mãe é o fato de que ela o reconhece como aquele que lhe dita a lei, o que permite à criança colocá-lo num lugar de depositário do falo. Quando essa intrusão significativa colocar em dúvida seu desejo, a criança vai poder questionar sua identificação imaginária de objeto fálico da mãe. A incerteza psíquica, forçada pela função paterna, coloca em questão seu desejo e a permite confrontar-se com o registro da castração pela instância paterna. A criança se dá conta de que não é o falo e de que também não o possui, assim como sua mãe.

É no terceiro momento, tempo de declínio do Complexo de Édipo, que a criança irá dialetizar os outros dois. Ameaçada em seus investimentos libidinais, a criança descobre que também a mãe nutre um desejo em relação ao desejo do pai. Lacan formula:

Alguma coisa que destaca o sujeito de sua identificação o ata, ao mesmo tempo, à primeira aparição da lei sob a forma do fato de que, nesse ponto, a mãe é dependente; dependente de um objeto que não é

⁷⁸LACAN, J. (1957 – 1958) *Seminário Livro 05: as formações do inconsciente*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999.p. 198-199.

⁷⁹Ibidem.

⁸⁰Ibidem.

mais, simplesmente, o objeto de seu desejo, mas um objeto que o Outro tem ou não tem.⁸¹

A rivalidade fálica que gira em torno da mãe é que intervém e coloca o pai no lugar daquele "que tem o falo, e não como aquele que o é, que pode produzir para si algo que re-instaura a instância do falo como objeto desejado pela mãe, e não mais apenas como objeto do qual o pai pode privá-la."⁸² Ocorre um novo deslocamento do objeto fálico, no qual a instância paterna deixa seu lugar no imaginário para advir ao lugar de pai simbólico, lugar onde será investido como aquele que tem o falo.

A criança, na problemática fálica, deixa de lado *ser* o falo para aceitar a problemática de ter o falo. A dialética do ser e ter põe em jogo as identificações. O menino se inscreverá na lógica identificatória, a partir do momento em que renuncia ser o falo e se engaja na dialética de ter, identificando-se com o pai, que é suposto ter. A menina se identifica com a mãe, deparando-se com a dialética do ter a partir do não-ter. Como a mãe, ela não tem, mas sabe onde encontrá-lo.

O que se torna estruturante é o fato de o falo voltar a seu lugar de origem, ao pai, por meio da preferência da mãe, a qual irá desencadear a passagem do ser ao ter e determinará a instalação da metáfora paterna. É por meio da metáfora paterna e de seu mecanismo fundamental, o recalque originário, que a criança efetuará uma substituição significativa, colocando um novo no lugar do significante originário do desejo da mãe. À medida que o significante originário é substituído pelo novo, automaticamente ele é recalado, passando para o inconsciente, o que permite de fato à criança efetivar a renúncia ao objeto inaugural de desejo, tornando inconsciente o que antes o significava.

Todo sujeito determina-se por seu pertencimento a uma ordem simbólica. Na categoria do simbólico, o inconsciente freudiano é repensado como cadeia de significantes. O Nome-do-Pai é o conceito onde a função simbólica se torna lei, que é a proibição do incesto,

⁸¹LACAN, J. (1957 – 1958) *Seminário Livro 05: as formações do inconsciente*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999. P. 206.

⁸²Ibidem, p. 190.

processo descrito por Lacan⁸³ através da Metáfora Paterna, que pode ser ilustrada com o jogo do fort-da freudiano, onde ao jogar o carretel amarrado num cordão, a criança simboliza a presença e ausência da mãe, tendo acesso ao simbólico. O fort-da é uma substituição significante, o carretel uma metáfora da mãe, e a atividade lúdica demonstra que a criança passou de uma posição passiva, assujeitada, para uma posição ativa. A criança inverte a situação, agora é ela que abandona a mãe simbolicamente, tornando-se mestre da ausência devido a identificação; não é mais o único e exclusivo objeto do desejo da mãe, o objeto que preenche a falta do Outro, o falo, mobilizando, então, seu desejo como desejo de sujeito, dirigindo-se para objetos substitutos do objeto perdido, tendo acesso ao simbólico através da metáfora paterna, sustentada pelo recalque originário.

Um dos traços mais fulgurantes da intuição de Freud na ordem do mundo psíquico é ter captado o valor revelador dos jogos de ocultamento que são as primeiras brincadeiras da criança. Todo mundo pode vê-las e ninguém antes dele havia compreendido, em seu caráter iterativo, a repetição libertadora de qualquer separação ou desmame como tais que nelas assume a criança. Graças a ele, podemos concebê-las como exprimindo a primeira vibração da onda estacionária de renúncias que irá escandir a história do desenvolvimento psíquico.⁸⁴

O recalque originário é estruturante, sendo uma metaforização. É a simbolização primordial da lei, efetuada através da substituição do significante fálico pelo significante Nome-do-Pai. A criança substitui a posição de ser o único objeto do desejo da mãe, o falo, a dialética do ser, para a dimensão do ter. O advento do sujeito implica numa operação inaugural de linguagem, esforço simbólico, onde a criança renuncia ao objeto fálico; sendo que o significante fálico, significante do desejo da mãe, é recalcado e substituído pelo Nome-do-Pai. Como Lacan afirma “que não há sujeito se não houver um significante que o funde”.

A metáfora paterna funciona como princípio de estabilização, ela é ponto de parada do deslocamento dos significados sob os significantes, o que Lacan nomeia efeito de ponto de

⁸³LACAN, J. (1957 – 1958) *Seminário Livro 05: as formações do inconsciente*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999.

⁸⁴LACAN, J. (1998) Formulações sobre a causalidade psíquica. *In: Escritos*. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. P. 188.

basta. A metáfora paterna permitirá uma significação à questão do ser. Ela dá conta de algo a significar, e o que deve ser significado na clínica é o que é denominado por Lacan⁸⁵ o ser do sujeito, ou ainda ser do ente, ou ainda sua inefável e estúpida existência.

Podemos pensar, então, a metáfora paterna como uma dificuldade no processo de auto-denominação e denominação do outro, como se apresenta na psicose. A metáfora paterna implicaria uma crença originária de que aquilo que foi dito foi acreditado. A psicose coloca em questão se a fala da mãe e do pai e dos outros tem essa capacidade.

1.6 Conclusão

Como pontuado anteriormente, fizemos uma discussão sobre a constituição do Eu e seu processo de desenvolvimento para uma autonomia. Assim, ressaltamos aspectos essenciais nesta, como o corpo, a percepção e a linguagem, tendo a mãe como primeiro objeto de amor e posteriormente o pai. Em nosso próximo capítulo iremos discutir sobre os aspectos em que ocorrem alguns distúrbios e manifestações clínicas ocasionadas por uma desordem na simbolização.

⁸⁵LACAN, J. (1957 – 1958) *Seminário Livro 05: as formações do inconsciente*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999.

CAPÍTULO II

DO PROFETA AO MESSIAS:

A DIFICULDADE DE ACESSO AOS PRIMÓRDIOS E O DELÍRIO COMO O CENTRO DE SUA EXISTÊNCIA

2.1 Introdução

No caso de J., nos perguntamos quais teriam sido suas identificações ou se teria tido alguma. Pois como constatamos, ele nasce com um referencial de muita miséria afetiva. Em relação aos referentes, J. se afasta. Sai do local onde viveu seus primeiros anos de vida e lá não volta mais da mesma forma. Ou seja, faz uma ruptura familiar. O risco de perdição e esfacelamento do eu e da consciência se faz presente: uma esquizofrenização da paranóia. Se o delírio consegue dar conta da megalomania desejante de ser tudo, então cria-se a possibilidade de vir a ser um profeta e não uma *dementia precox* como diziam os antigos psiquiatras.

2.2 Estrutura Psicótica

De acordo com Bergeret⁸⁶, a linhagem psicótica parte do nível das frustrações muito precoces em que estas originam-se principalmente do pólo materno, pelo menos, no que concerne as frustrações mais primitivas. Temos, nestes casos, um Eu que sofreu fixações durante a fase oral, ou mais tardar durante a primeira parte da fase anal. Entre as estruturas psicóticas, temos a esquizofrenia como a mais arcaica, e a paranóia como a menos regressiva, no aspecto pulsional.

Vamos tendo uma noção em que o Eu veio a se constituir com outra lógica, relacionada a uma impossibilidade de simbolização devido a uma quebra na cadeia significativa e com isso a criação de um novo código, pois na convocação da metáfora paterna, esta não compareceu e a criança continuou numa relação imaginária com o Outro e desse modo não obteve uma saída do complexo de Édipo e com isso afastou-se da realidade.

⁸⁶BERGERET, J. (1998) *A personalidade normal e patológica*. Tradução Maria Elísia Valliatti Flores. Porto Alegre: Artmed.

Nessa perspectiva, para Lacan⁸⁷, existe uma predisposição constitucional, ou seja, existe uma longa preparação nas tendências antigas do caráter ou preexistentes que contribuem para a ruptura da personalidade, pois em um passivo balanço houve anomalias da situação familiar destas pessoas como orfandade e ilegitimidade, dentre outras das quais já descrevemos que mostram sua influência nestas estruturas de personalidade e a acumulação destes fatores parece determinar na eclosão de uma psicose.

Esse foi o mundo externo do qual iniciou seu mundo interno. Com isso, podemos entender um pouco mais de seu mundo, sua história e perguntamos até que ponto sua saída de casa não poderia ter sido uma tentativa desesperada de se encontrar e também um lugar de pertencimento, no qual pudesse se sentir acolhido e pertencendo. Diante desta realidade, cruel, solitária e mortífera, J. vai se transformando, ou seja, começa, aos poucos, surgir o Profeta. E na medida em que este nasce em sua vida, sua história passada, infantil, fica cada vez mais distante.

Nesse sentido, podemos ver nos relatos de J. sua submissão à voz que escuta. Esta lhe dando ordens, dizendo o que pode ou não fazer e, ainda, como ele não tem saída para todos os imperativos colocados diante de si. E é justamente por ordem desta voz, que inicialmente lhe é desconhecida e lhe fala em seu interior é que ele, aos 13 anos, sai de casa. Poderemos visualizar, aos poucos, como ela se tornará mais presente em sua vida, adquirindo atributos como previsão de acontecimentos, ajuda em futuras curas e criação de leis. Assim, diante deste que fala, J. se torna um homem passivo que somente recebe e nada questiona.

Como havíamos descrito anteriormente, J., aos treze anos, sai de casa, em obediência à voz que lhe impõe ordens, caracterizando um supereu violento que retorna e passa a viver independente.

“Minhas vestes, recém lavadas, estavam molhadas, mesmo assim peguei-as num saco plástico e segui em direção ao destino que meu pai me reservara. Passei a peregrinar sobre a terra e a vivenciar a realidade das esquinas sociais para conhecer de perto os endurecidos corações dos homens, suas fraquezas e misérias, as enfermidades disfarçadas em tecidos

⁸⁷LACAN, J. (1915[1981]) *Da psicose paranóica em suas relações com a personalidade*. Tradução de Aluisio Menezes, Marco Antonio Coutinho Jorge e Potiguara Mendes da Silveira Jr. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1987.

caros, a hipocrisia e a corrupção da sociedade. Muitas vezes eu me perguntava: por que tenho que estar aqui? Por que tenho que me passar por isto? E só depois do jejum compreendi ser necessário a fim de que pudesse cumprir minha missão.”

O termo peregrina já é uma interpretação a posteriori da decisão. Para os outros, pode ser visto como vagabundo. Mas ele se toma como um predestinado a posteriori, numa tentativa de reconstrução.

Nessa fase crítica, vamos tendo noções sobre as disposições que levam J. a um processo de mudança do Eu: seu abandono inicial, seus maus-tratos, seu sentimento de estranheza, suas visões, as vozes que se impõem, ou seja, situações que contribuem para uma transformação de quem ele é para quem ele virá a ser.

Ele abandona seu país, lar, que na sua realidade não foi sentido como sendo seu, isto é, fazendo parte de seu mundo. J. sai deste lugar que lhe era insuportável, terrificante, e vai para o mundo viver como um errante e buscar significações para o que lhe acontece e acomete.

Desse modo, toda a vivência do sujeito, suas origens, estruturação edípica, fantasias criadas pelo sujeito com certa independência dos fatos objetivos são colocadas em questão. Entretanto, na concepção freudiana das psiconeuroses narcísicas - termo utilizado por Freud⁸⁸ para separar as neuroses cujos distúrbios que são eminentemente de origem psicológica, nas quais o conflito psíquico é determinante e revela-se entre as exigências da sexualidade e as do Eu, juntamente a esses momentos de quebra ocorre também um desmoronamento do Eu. Há, com isso, o recalque da realidade e a regressão do eu e da libido ao narcisismo, ou seja, há um investimento narcísico maior que o investimento objetal.

Freud utiliza o conceito de regressão pela primeira vez nas últimas sessões da Parte I do Projeto⁸⁹. Conceito este que ao longo de sua obra vai adquirir um papel cada vez mais importante. E, com o passar do tempo, o termo passou a ser utilizado nos sentidos mais variados classificado pelo autor como “topográfico”, “temporal” e “formal” e dessa forma faz diferenciações entre estes tipos de regressão. Entretanto, em seu artigo sobre *A interpretação*

⁸⁸FREUD, S. (1915) *Os instintos e suas vicissitudes*. Psicológicas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996. V.14.

⁸⁹FREUD, S. (1950[1895]) *Projeto para uma psicologia científica*. Obras Psicológicas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996. V.1.

*dos sonhos*⁹⁰ ao considerar estas variações de terminologia ele nos diz: “Todas essas três espécies de regressão; porém, são no fundo uma só e ocorrem, em geral, simultaneamente; pois a que é mais antiga no tempo é a mais primitiva na forma, e na topografia psíquica situa-se mais próxima da extremidade perceptual”. Assim, no caso Schreber⁹¹, o autor nos traz que a regressão estende-se ao narcisismo, manifestando-se sob a forma de megalomania, ou seja:

na paranóia, a libido liberada vincula-se ao ego e é utilizada para o engrandecimento deste. Faz-se um retorno ao estágio do narcisismo (que reconhecemos como estágio do desenvolvimento da libido), no qual o único objeto sexual de uma pessoa é seu próprio ego. Com base nesta evidência clínica, podemos supor que os paranóicos trouxeram consigo uma *fixação no estágio do narcisismo*, e podemos asseverar que a extensão do *retrocesso do homossexualismo sublimado para o narcisismo* constitui medida da quantidade de *regressão* característica da paranóia.

É preciso reconhecer que a teoria relaciona ao estado narcísico da organização libidinal todo o domínio das psicoses, o que é descrito por Freud⁹² na análise do caso Schreber. Nele, o psicanalista propõe que o sujeito retorna a uma fase em que toma a si mesmo e seu corpo, como objeto de amor. Com isso, o enfoque dado na teoria freudiana é da retração da libido sobre o Eu, ou seja, o reinvestimento do Eu pela libido que se desinveste do objeto.

O fato de ter freqüentado a escola poucos anos não impediu J. de futuramente aprender a ler e a escrever, pois como ele mesmo diz é um teodidata, recebendo instruções superior diretamente de Deus; diz ter vindo a este mundo para ensinar a lei divina aos homens, ensinar-lhes a viver em paz e harmonia e a reconciliá-los na união com DEUS. Nesse sentido, colocase em uma posição de saber tudo, sem precisar do outro. Diz estudar até hoje na universidade da vida, passando por todos os degraus da sociedade contemporânea, desde as vicissitudes inerentes à pobreza até os altos escalões sociais.

⁹⁰FREUD, S. (1900-1901) *A Interpretação dos sonhos (II) e Sobre os sonhos*. Obras Psicológicas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996. V.5. p. 584.

⁹¹FREUD, S. (1911) *Notas psicanalíticas sobre um relato auto-biográfico de um caso de paranóia (Dementia Paranóides)*. Obras Psicológicas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996. V.12. p. 79-80.

⁹²Ibidem.

Mas dentro das psiconeuroses narcísicas, temos a paranóia, estrutura na qual nos propomos a trabalhar. Sobre este tema, temos *Rascunho H: paranóia*⁹³ e em *Observações adicionais sobre as neuropsicoses de defesa*⁹⁴ textos que Freud nos introduz este quadro ao afirmar que a paranóia, mas especificamente os delírios, são conseqüências de distúrbios afetivos, e sua força deve estar radicada num processo psicológico. E assim continua: “Em todos os casos a *idéia delirante* é sustentada com a mesma energia com que uma outra idéia, intoleravelmente penosa, é rechaçada do ego. Assim, essas pessoas *amam seus delírios como amam a si mesmas*. É esse o segredo.”⁹⁵

No outro texto, as observações freudianas sobre a paranóia são sua descrição como uma psicose de defesa na qual se articula com a projeção.

Na paranóia, a auto-acusação é recalcada por um processo que se pode descrever como *projeção*. É recalcada pela formação do sintoma defensivo de *desconfiança nas outras pessoas*. Dessa maneira, o sujeito deixa de reconhecer a auto-acusação; e, como que para compensar isso, fica privado de proteção contra as auto-acusações que retornam em suas representações delirantes [...] Uma característica bastante peculiar a paranóia, e sobre a qual esta comparação não pode lançar mais luz, é que as auto-acusações recalcadas retornam sob a forma de pensamentos ditos em voz alta.⁹⁶

O enfoque dado por Freud como possibilidade para o início do adoecimento ocorrer é uma regressão nas últimas fixações adquiridas. O desenvolvimento dessa idéia nos leva ao encontro da paranóia como uma fixação no segundo momento do narcisismo, o secundário, se relacionando ao Ideal do Eu. Temos assim, na paranóia um Eu que ambiciona ser da ordem do ideal, tornando-se um Eu idealizado e com isso separa-se da realidade, para então se criar e criar para si uma nova realidade.

⁹³FREUD, S. (1895) *Rascunho H. Paranóia*. Obras Psicológicas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996. V.01.

⁹⁴FREUD, S. (1896) *Observações adicionais sobre as neuropsicoses de defesa*. Obras Psicológicas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996. V.03.

⁹⁵FREUD, S. (1895) *Rascunho H. Paranóia*. Obras Psicológicas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996. V.01. p. 257.

⁹⁶FREUD, S. (1896) *Observações adicionais sobre as neuropsicoses de defesa*. Obras Psicológicas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996. V.03. p. 182-183.

Desse modo, ele, Freud⁹⁷, explicita estes aspectos com relação ao narcisismo descrevendo: “o processo da repressão propriamente dita consiste num desligamento da libido em relação às pessoas – e coisas – que foram anteriormente amadas [...] é bem possível que um desligamento da libido seja o mecanismo essencial e regular de toda repressão.”

O desenlace dessa experiência é o fracasso da função defensiva do Eu. O sujeito está diante da incapacidade do eu de se defender contra o perigo de uma frustração, ou uma representação psíquica intolerável, ou melhor, da experiência de castração. Assim, as anomalias da situação familiar destas pessoas como orfandade e ilegitimidade, mostram-se como fatores que contribuem para a constituição desta personalidade.

Assim, conforme Lacan⁹⁸ nos coloca:

O início da psicose é brutal. Os primeiros sintomas manifestos representam, tanto em intensidade quanto em discordância, os fenômenos máximos da evolução [...] São em geral acompanhados de uma remissão aparente, que é um período de inquietude e de meditação delirante. O período de estado aparece com a sistematização do delírio.

E marcam os descritos “fenômenos elementares”.

Demonstramos, além disso, que as interpretações fazem parte de todo o cortejo de distúrbios da percepção e da representação, que nada têm de mais racional do que este sintoma, a saber: *as ilusões da percepção, as ilusões da memória, os sentimentos de transformação do mundo externo, os fenômenos frustrados de despersonalização, as pseudo-alucinações, e mesmo as alucinações episódicas [...] todos esses fenômenos elementares são comuns ao conjunto das psicoses paranóicas, e o único traço que os especifica ocasionalmente na forma que descrevemos se deve a seu “conteúdo”. Frequentemente, com efeito, exprimem a mesma nota de auto-acusação que aparece na convicção delirante sistematizada, e significam mais ou menos diretamente os reproches éticos que o sujeito faz contra si mesmo,*

⁹⁷FREUD, S. (1911) *Notas psicanalíticas sobre um relato auto-biográfico de um caso de paranóia (Dementia Paranóides)*. Obras Psicológicas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996. V.12.p.95.

⁹⁸LACAN, J. (1915[1981]) *Da psicose paranóica em suas relações com a personalidade*. Tradução de Aluisio Menezes, Marco Antonio Coutinho Jorge e Potiguara Mendes da Silveira Jr. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1987. P. 273.

assim como o conflito externo que o estudo do delírio revela como determinante.⁹⁹

Assim, a psicose, com suas características frágeis, mostra-se como um fenômeno de personalidade, segundo Lacan¹⁰⁰, que:

1 – sua significação humanamente compreensível que se mostra na dependência exaustiva que demonstram, tanto em sua evolução quanto em seu conteúdo, os sintomas mentais da psicose em relação as experiências vividas do doente;

2 – suas virtualidades de progresso dialético, manifestado em traços de progressão delirante, mas ao máximo na cura do delírio, que se tem aqui o valor de uma *catharsis* de manifestações conceituais, que representaria para o sujeito uma liberação da concepção de si mesmo e do mundo, cuja ilusão se devia a pulsões afetivas desconhecidas e a essa liberação se realiza um choque com a realidade;

3 – sua abertura a participação social. Pode-se ver que é pela via desses distúrbios que o doente soube tomar com as idéias, as personagens e acontecimentos de seu tempo um contato muito mais íntimo e amplo, ao mesmo tempo que sua situação social não o comportava.

O autor continua em suas descrições sobre a psicose como uma anomalia do comportamento sexual, do papel eletivos de certos conflitos e de seu elo com a história infantil. Assim, reconhece as descobertas da psicanálise sobre o papel primordial, em psicopatologia, da sexualidade e da história infantil. Com isso evidencia:

1. A preeminência, na semiologia concreta da personalidade da doente anteriormente a psicose, das anomalias do comportamento relativas a esfera sexual; preeminência manifestada pelo apragmatismo das relações familiares, das relações amorosas heterossexuais, das relações

⁹⁹LACAN, J. (1915[1981]) *Da psicose paranóica em suas relações com a personalidade*. Tradução de Aluisio Menezes, Marco Antonio Coutinho Jorge e Potiguara Mendes da Silveira Jr. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1987. P. 273-274.

¹⁰⁰Ibidem.

- conjugais e maternas; signos de inversão psíquica; donjuanismo, platonismo, etc.;
2. A preeminência, no determinismo etiológico da psicose, de um certo conflito; preeminência que se marca tanto na evolução do delírio (simetria da evolução do conflito e do delírio) quanto em sua própria estrutura (manifestadamente simbólica do conflito);

A preeminência, no valor patogênico desse conflito, de sua ligação direta com a história afetiva infantil da doente [...] preeminência que se revela tanto pelo desconhecimento sistemático do conflito na realidade, quanto pela ausência eletiva, na “análise lógica” tão clara e completa quanto lhe dá o delírio, desse único traço que faz dele um conflito fraterno.¹⁰¹

Nas psicoses, podemos perceber uma transformação do Eu e, conseqüentemente, da relação do Eu com seu mundo. De acordo com Martins¹⁰², as psicoses nos mostram uma evolução processual a partir de uma lenta e progressiva transformação da relação do eu do futuro do sujeito com o seu mundo. Em que teve início nas sensações de deslocamento do seu mundo.

Nesse contexto, conforme temos em Martins¹⁰³, há fases sucessivas que nem sempre são identificáveis na progressão constitutiva dos signos para o entendimento da semiologia psicótica em que percebemos a apofania em evidência. Pois esta se inicia por um humor delirante no qual qualquer transposição do pensamento torna-se impossível já que encontramos um aprisionamento do Eu.

2.3 A mãe

Inicialmente, o bebê transforma em significação seja de amor, de agressão, de recusa, acessível e partilhada pelo meio, o indizível e o impensável próprios do originário.

Esta metabolização operada inicialmente pela mãe, sobre o vivenciado pelo *infans*, se instrumenta e se justifica, a seus olhos, pelo saber que

¹⁰¹LACAN, J. (1915[1981]) *Da psicose paranóica em suas relações com a personalidade*. Tradução de Aluisio Menezes, Marco Antonio Coutinho Jorge e Potiguara Mendes da Silveira Jr. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1987. P. 326.

¹⁰²MARTINS, F. (2003) *Psicopatologia II: Semiologia Clínica – Investigação Teórica Clínica das Síndromes Psicopatológicas Clássicas*. Brasília: Universidade de Brasília, Instituto de Psicologia.

¹⁰³Ibidem.

ela se outorga a respeito das necessidades deste corpo e desta psique. Em um ponto a mãe não se engana: esta transformação radical é uma necessidade para a estruturação psíquica, e permite que a resposta recebida pelo *infans* prenuncie a nominação e o reconhecimento daqueles que se tornarão os seus objetos de demanda. [...] Essa violência operada pela interpretação da mãe sobre o conjunto das manifestações do vivenciado pelo *infans* é, portanto, necessária; ele é ilustração paradigmática da definição de violência primária por nós proposta.¹⁰⁴

Temos, pela via materna, o Outro inicial da criança, pois é através dela, mãe, inicialmente, que o bebê irá se constituir, tendo acesso à vida pelo mundo simbólico materno. Não nos deteremos muito nestes aspectos nesta parte, pois no capítulo anterior discutimos o originário com maiores detalhes. Assim, vemos a importância com relação à função exercida desta pessoa no originário do indivíduo.

Aos três anos, J. teve que deixar a escola para carregar água e ajudar Brigdet, pois ela era lavadeira e era deste trabalho que vinha o sustento da família. Pelo que ele nos conta Brigdet coloca suas regras do jogo, pois o único jogo que conhece é o dela, no qual não existe parceiro. J. nos fala de uma mãe que não exerce sua maternidade com prazer e cuidado, mas uma mulher que se sente forçada, com muitas obrigações e que escolhe ele, J., para junto de si cumprir com estes deveres. Vale, neste momento, ressaltar: qual seria o desejo de Brigdet com relação a J.? Onde ele se encontra dentro desta relação, mãe-filho?

“A maternidade dá um poder a genitora sobre o filho, que é quase impossível cortar o vínculo com ele. A mãe pode ser perversa e levar o filho a loucura”.

Dessa forma, Aulagnier¹⁰⁵ descreve que há um desejo heterogêneo da mãe, ou seja, desejando poder ser esta oferta contínua, necessária à vida do *infans* e o desejo de ser por ele reconhecida como a única imagem dispensadora de amor. Nesta fase, constataremos uma invariante dependente das leis da estrutura psíquica, porém a seu lado aparece outro fator igualmente importante para o destino do sujeito:

¹⁰⁴AULAGNIER, P. (1975) *A violência da interpretação – Do pictograma ao enunciado*. Rio de Janeiro: Imago, 1979. p. 121 e 122.

¹⁰⁵Ibidem.

[...] o risco do excesso, risco que, é verdade, não se atualiza, mas cuja tentação está sempre presente na psique materna. Na atualização operada pelo discurso materno, infiltra-se, inevitavelmente, um desejo que na maioria dos casos, permanece desconhecido e inconfessado e que pode ser formulado como o desejo de preservar o “status quo” desta primeira relação, ou melhor, desejo de preservar o que, durante uma fase da existência (e somente durante uma fase), é legítimo e necessário. O que é desejado é a não-modificação do atual, mas este desejo de não-modificação, se a mãe não consegue renunciar a ele, é suficiente para mudar radicalmente o sentido e a extensão do que era lícito.¹⁰⁶

Assim, a formulação para nada mudar é facilitadora para mãe e para outros, o desconhecimento do abuso de violência que tentará se impor através de sua voz. Muitas mães, sacrificando-se pelo bem de seus filhos, são consideradas como modelo, quando na verdade: “o futuro da criança testemunhará – sem conseguir fazer-se ouvir – o abuso de poder por ela sofrido. A tentação deste abuso é constante, donde a importância de se compreender o que a mãe não gostaria de perder, mesmo se ela aceite renunciar a isto, e o perigo que está na base desta tentação do excesso.”¹⁰⁷

A mãe de J. aparece em suas falas como forte, autoritária, bastante rígida, fazendo sua Lei dentro de casa e utilizando J. como seu objeto. Em um de nossos encontros, J. refere-se a ela da seguinte maneira:

“Eu vi o demônio incorporado na Brigdet cometendo injustiça comigo.”

“Ela era uma mãe nazista, muito rígida com mania de limpeza. Tudo tinha que estar impecável para ela. Em muitos sábados eu ficava limpando a casa, pois Brigdet me impunha este trabalho.” “Ela é uma excelente disciplinadora, exigente, rigorosa. Me colocava para trabalhar de noite.” “Mas hoje percebo que estava ali somente cumprindo uma etapa.”

No relato de J., observamos a construção delirante de um supereu precoce mais violento que aquele ligado ao pai. De acordo com Meissner¹⁰⁸, essa clínica a qual nos propomos a estudar, refere-se a níveis psicóticos voltados para o primeiro ano de vida. O tema

¹⁰⁶AULAGNIER, P. (1975) *A violência da interpretação – Do pictograma ao enunciado*. Rio de Janeiro: Imago, 1979. p. 122.

¹⁰⁷Ibidem. p. 122.

¹⁰⁸MEISSNER, W.W. (1978) *The paranoid process*. United States of America, New York: Copyright by Jason Aronson, Inc.

central do desenvolvimento encontra-se submetido nos cuidados que um parente da criança possa vir a ter com ela, e assim, ela poder ser incondicionalmente influenciada por esta outra pessoa. Nos tempos da infância e adolescência, a pessoa pode manter-se em um estado pré-psicótico de desequilíbrio pela evitação de situações nas quais há uma mãe ditatorial ou no qual um substituto não é presente. A presença dessa figura serve para organizar e direcionar o processo paranóide de atividade, que quando esta figura autoritária torna-se indisponível, a estrutura delirante emerge.

Numa outra perspectiva, a mãe pode achar-se numa posição ambígua. Lacan¹⁰⁹ descreve que, neste contexto, a mãe pode exercer duas posições para a criança, como aquela que proíbe, desempenhando um papel castrador que poderia ser atribuído ao pai, o que não a impede de no plano prático deixar a criança entrar em sua intimidade e não apenas lhe permitir que exerça a função de seu objeto imaginário, mas de encorajá-lo a isso. Ela, a criança, com efeito, presta-lhe os melhores serviços, encarnando perfeitamente o falo para ela, e assim mantém-se numa posição de assujeito, ou objeto.

Assim, o que podemos descrever é que deve ocorrer um encontro entre a criança com suas necessidades e o que a mãe tem e pode lhe oferecer enquanto cuidado. Contudo, as falhas neste processo de regulação e negociação mútuas podem ser catastróficas, pois, para Meissner¹¹⁰, a criança e a mãe podem desenvolver uma relação simbiótica na qual toma um lugar fora da personação normal. Essa é um das razões que quebra o processo mútuo de negociação, ou seja, a mãe torna-se psicologicamente distante e o amor da criança para a mãe não acha representação adequada. Isso conduz para a introjeção da representação de aspectos da personalidade materna e para a falha da relação simbiótica a ser resolvida no curso do desenvolvimento. Assim, ambos, a mãe e a criança fracassam na resolução da fase ambivalente de suas relações de desenvolvimento com o resultado de agarrarem-se numa relação simbiótica. Há, dessa forma, uma ambivalência em ambas, mãe e criança, que deve ser reconhecida, resolvida e integrada nelas e antes de alcançar um objeto real de parentesco.

¹⁰⁹LACAN, J. (1957 – 1958) *Seminário Livro 05: as formações do inconsciente*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999.

¹¹⁰MEISSNER, W.W. (1978) *The paranoid process*. United States of America, New York: Copyright by Jason Aronson, Inc.

Nesse percurso, a mãe antecipa, interpreta sinais da criança. Aulagnier¹¹¹ descreve que estas primeiras manifestações efetivas desta atividade, a aprendizagem das primeiras palavras, o pragmatismo das primeiras respostas, serão observados como a garantia do evitamento do risco maior, o de que ele ou ela poderiam não saber pensar. A autora nos coloca que a finalidade do excesso, que descrevemos em alguns parágrafos anteriores, precede o poder pensar da criança e sua finalidade é a de conseguir fazer com que esta atividade de pensar, presente ou futura, seja adequada a um modelo pré-estabelecido e imposto pela mãe. Atividade na qual deve permanecer em segredo e na qual deve ser submissa a um poder-saber materno, só podendo abrigar os pensamentos que o saber materno decreta lícitos.

Nessa perspectiva, temos o desejo da mãe não sendo referido ao pai e o da criança ficando circunscrito à mãe, sob o modo imaginário e arcaico. Há uma relação fusional patológica que decorrerá uma falta de filiação, portanto, a criança não será reconhecida e designada como a filha ou o filho de um pai. Assim, vamos agora, em nossa próxima parte deste capítulo, descrever este desprezo patológico sobre a Lei do pai, aquela que se funda na diferença dos sexos e na filiação.

2.4 O Édipo psicótico

Como podemos observar, temos uma constituição do Eu que vai fundando-se sob a destituição antecipada da função paterna, na medida em que a relação fusional da mãe com a criança neutraliza toda sua possibilidade de inserção. Desse modo, vamos agora para outro pilar de nosso trabalho, ou seja, continuamos a explicar os mecanismos psíquicos na origem da psicose e assim nesta construção teórica temos então o conceito de forclusão. Ou a falta de inscrição, no inconsciente, da experiência normativa da castração. Normativa, pois, sendo esta simbolizada, permite a criança assumir seu próprio sexo e assim, ser capaz de reconhecer seus próprios limites.

Nas manifestações clínicas que nos propomos a estudar, há uma falta de simbolização da castração, assim, temos uma incerteza do indivíduo com respeito a filiação, a identidade sexual e, com isso, uma perda do sentido da realidade. Nesse sentido, não é que estas pessoas

¹¹¹AULAGNIER, P. (1975) *A violência da interpretação – Do pictograma ao enunciado*. Rio de Janeiro: Imago, 1979.

não disponham de significantes para falar de sua família, seu pai. A questão que explicitaremos é que não há uma amarragem central como na neurose.

Em seus textos, Freud¹¹² supunha que havia uma divisão da consciência, acompanhada da formação de grupos psíquicos separados. Ele defende a tese de que as diferentes doenças mentais seriam a expressão de defesas inadequadas e mórbidas do Eu com relação à representação incompatível.

Não posso, naturalmente, afirmar que um esforço voluntário de eliminar da mente coisas desse tipo seja um ato patológico, nem sei dizer se e de que modo o esquecimento intencional é bem-sucedido nas pessoas que, sob as mesmas influências psíquicas, permanecem saudáveis. Sei apenas que este tipo de “esquecimento” não funcionou nos pacientes que analisei, mas levou a várias reações patológicas que produziram a histeria, ou uma obsessão, ou uma psicose alucinatória. A capacidade de promover um desses estados – que estão todos ligados a uma divisão da consciência – através de um esforço voluntário desse tipo deve ser considerada como manifestação de uma disposição patológica, embora esta não seja necessariamente idêntica à “degeneração” individual ou hereditária.¹¹³

Assim, já nesse texto, podemos ver as diversas entidades clínicas como a histeria, obsessão, fobia e psicoses alucinatórias, cada uma delas decorrendo de uma forma específica do Eu de se defender de uma representação intolerável, pois esta representação ameaça o Eu e diz respeito a um fragmento de realidade muito investido, ligado a experiência de castração. Temos aí, algo que constitui perigo, ameaça, para o Eu, pois diz respeito de um ressurgimento iminente, sob a forma de uma idéia inconsciente, da experiência dolorosa da castração. E nas psicoses? Como podemos pensar este mecanismo?

O fato para o qual desejo agora chamar a atenção é que o conteúdo de uma psicose alucinatória desse tipo *consiste precisamente na acentuação da representação* que era ameaçada pela causa precipitante do desencadeamento da doença. Portanto, é justificável, dizer que o eu rechaçou a representação incompatível através de uma fuga para a psicose. O processo pelo qual isso é concebido escapa, mais uma vez, à autopercepção do sujeito, assim como escapa à análise psicológico-clínica. Deve ser encarado como a expressão de

¹¹²FREUD, S. (1894) *As neuropsicoses de defesa*. Obras Psicológicas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996. V.03.

¹¹³Ibidem. p. 55.

uma predisposição patológica de grau bastante alto e pode ser descrito mais ou menos como se segue. O eu rompe com a representação incompatível; esta, porém, fica inseparavelmente ligada a um fragmento de realidade, de modo que, à medida que o eu obtém esse resultado, também ele se desliga, total e parcialmente, da realidade. Em minha opinião, este último evento é a condição sob a qual as representações do sujeito recebem a vividez das alucinações; assim, quando a defesa consegue ser levada a termo, ele se encontra num estado de confusão alucinatória.¹¹⁴

Podemos dizer que a castração consiste na castração do Outro, na castração da mãe. A dor existente, nestes casos, consiste em constatar e perceber no corpo feminino a ausência do pênis que supostamente a mãe possuía. Ou seja, a representação intolerável para o Eu é o vestígio deixado pela percepção dolorosa da falta do pênis na mulher. Falamos nos aspectos dolorosos, pois isso significa que também a criança pode ser privada dele, e igualmente essa percepção vem confirmar a seriedade da proibição paterna do incesto.

Isto se dá, pois em um tempo mítico, a partir de seu próprio corpo, a criança supõe que todos os seres humanos e em particular sua mãe, possuem um pênis. Isso, foi colocado por Freud¹¹⁵:

A primeira dessas teorias deriva do desconhecimento das diferenças entre os sexos a que me referi no início deste artigo como uma característica infantil. Consiste em *atribuir a todos, inclusive às mulheres, a posse de um pênis*, tal como o menino sabe a partir de seu próprio corpo.

Tem-se aí um juízo, este entendido “como um método para ir da situação perceptiva dada na realidade à situação que é desejada [...] Tendo como base a presença de experiências corporais, sensações e imagens motoras de si próprio.”¹¹⁶ Assim, o juízo primário pressupõe um grau de influência menor por parte do Eu e persiste numa associação que se deve a uma coincidência parcial entre as catexias de desejo e perceptiva, uma associação à qual não se aplica modificação alguma. Assim, esse tempo inaugural, tempo mítico, corresponderia a atribuição universal do pênis.

¹¹⁴FREUD, S. (1894) *As neuropsicoses de defesa*. Obras Psicológicas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996. V.03. p. 65.

¹¹⁵FREUD, S. (1908) *Sobre as teorias sexuais das crianças*. Obras Psicológicas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996. V.09. p. 196.

¹¹⁶FREUD, S. (1950[1895]) *Projeto para uma psicologia científica*. Obras Psicológicas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996. V.01. p. 386.

Já um segundo momento, aquele em que tem lugar o fato fundamental da experiência da castração, ou seja, a percepção da falta do pênis. A representação deste evento perceptivo, inscrito no inconsciente, tem um valor do juízo de realidade da castração, ou mais precisamente, a existência de uma falta de pênis na mulher. Desse modo, o que o Eu defende trata-se da representação no inconsciente destes dois momentos: a afirmação universal e a existência particular de uma falta devido a uma constatação da falta do pênis na mãe e a submissão à lei do pai que proíbe o incesto.

Nesse sentido, há uma rejeição do Eu da representação que leva a um desemplicamento deste em ato da representação rejeitada, refletindo na enunciação ser rejeitada como sendo de si mesmo. E quando esta rejeição implica dimensões constitutivas daquilo que seria o Eu comum. Ou seja, a rejeição de ser só um homem, de ter pulsões, daria a psicose. Como podemos observar no caso Schreber analisado por Freud¹¹⁷, em que ele:

Acreditava que tinha a missão de redimir o mundo e restituir-lhe o estado perdido de beatitude. Isso, entretanto, só poderia realizar se primeiro se transformasse de homem em mulher. [...] Foi convocado a esta tarefa, assim assevera, por inspiração direta de Deus, tal como aprendemos que foram os Profetas; pois os nervos, em condições de grande excitação, assim como os seus estiveram por longo tempo, tem exatamente a propriedade de exercer atração sobre Deus – embora isso signifique tocar em assuntos que a fala humana mal é capaz de expressar, se é que o pode, visto jazerem inteiramente fora do raio de ação da experiência humana e, na verdade, terem sido revelados somente a ele [...] ele próprio está convencido, é o único objeto sobre o qual milagres divinos se realizam, sendo assim o ser humano mais notável que até hoje viveu sobre a terra.

O registro da experiência da castração no inconsciente é o que Freud denominou de “representação intolerável” e é contra essa representação que o Eu se defende. Defesa esta que nestes casos, como abordamos, consiste numa ação mais violenta e radical, pois o Eu rejeita a representação insuportável e ao mesmo tempo seu afeto, e, com isso, estes não são integrados no inconsciente do indivíduo. Nesse sentido, há uma separação radical e definitiva entre o Eu e a representação. Por isso, ele expulsa a representação e o fragmento da experiência da castração que a ela estava ligada.

¹¹⁷FREUD, S. (1911) *Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranóia (Dementia Paranoides)*. Obras Psicológicas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996. V.12. p. 27.

Desde menino, a vida de J. foi diferente das demais crianças. Em sua infância, ele relata escutar uma voz que lhe falava, impunha ordens, no interior de sua cabeça. À noite, muitas vezes, era acordado por terríveis visões, nas quais pessoas gemiam, arrastavam-se sobre seus próprios membros, as paredes do quarto onde dormia desapareciam e era-lhe mostrado um vale de catástrofes, terremotos, inundações, seres humanos gemendo e rangendo dentes, rastejando sobre seus membros expostos, gritos de dor. A experiência de destruição do mundo não deixa de ser a projeção de um si mesmo conturbado. Virar outro não é fácil. Nunca ele é só ele, o ser humano é sempre ele e as circunstâncias, e o mundo que ele carrega pela linguagem.

”Essas visões culminavam sempre com uma explosão de uma imensurável bola de fogo que parecia consumir todos...Era uma radiografia da hecatombe nuclear, do Juízo Final.”

Podemos ver na história de J. sintomas que dizem respeito a uma alteração da percepção, ou seja, “é a percepção clara e definida de um objeto (voz, ruído, imagem) sem a presença do objeto estimulante real”¹¹⁸ e que, de acordo com Martins¹¹⁹, há nestes a participação ativa da representação com todas as relações que constituem o corpo próprio, o pensamento, a imaginação e a linguagem.

Sem dúvida, uma experiência apocalíptica. Em seguida, a esses momentos de muita angústia, J. era acalmado por sua mãe, que chegava a seus aposentos e lhe abraçava forte contendo seu desespero, dando-lhe colo, acalmando e protegendo.

Além dessas visões havia uma voz imperativa que falava a J., dentro de sua cabeça, se impunha cada vez mais em sua vida. Parecendo outra pessoa lhe dando ordens e dizendo o que deveria ser feito, assim também dando uma nova forma de organização do Ser. Elucidamos, nesses contextos, a inserção do pensamento em que “é vivida como algo que é feito naquele que sofre a inserção diferentemente do pensamento comum, onde o sujeito

¹¹⁸DALGALARRONDO, P. (2000) *Psicopatologia e semiologia dos transtornos mentais*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul.

¹¹⁹MARTINS, F. (2003) *Psicopatologia II: Semiologia Clínica: Investigação Teórica Clínica das Síndromes Psicopatológicas Clássicas*. Brasília: Universidade de Brasília, Instituto de Psicologia.

experimenta o seu pensamento como sendo feito por ele mesmo.”¹²⁰ Neste sentido, temos sinais que caracterizam, de acordo com Martins¹²¹, a perda da própria intimidade, ocorrendo a experiência que os outros, os fatos do mundo modificam, causam e controlam o seu próprio pensar, sentir e devir. Com relação a esta voz, J. nos diz:

“Tenho confiança na voz interior, mais do que confiança. Eu não existo, eu sou o que a voz me comanda e diz.”

Assim, J. vai aos poucos se perdendo, encontrando-se submisso a esta voz que lhe diz o que deve ou não ser feito e que, também, em outro momento de sua vida lhe dirá quem ele é, ou quem se tornou. Aos poucos, vamos notar que a voz que lhe diz em seu interior passa de algo estranho, assustador e ameaçador para seu mais querido companheiro. É assim que ele vira outro delirantemente e procura liquidar o conflito impossível de sanar fora.

As visões que possuía de pessoas gemendo e morrendo, inundações, lhe traziam muita angústia e J. diz não falar sobre elas com ninguém, pois temia a reação dos outros, além de se sentir culpado por estas atrocidades, pois acreditava que era ele quem causava tais situações. Aspectos de sua onipotência surgem cedo, na infância, sendo projeções de seu mundo interno cheio de dores, mortes e sangue, onde há várias vivências de horror e desamparo.

Temos, como descrevemos em parágrafo anterior, uma rejeição da representação, de seu afeto e de tudo o que dessa relação evoca, como o desejo sexual em relação a mãe. Neste sentido, vemos a importância do conceito de rejeição para o nosso trabalho. Assim, Laplanche¹²² nos coloca:

Termo introduzido por Jacques Lacan: mecanismo específico que estaria na origem do facto psicótico; consistiria numa rejeição primordial de um “significante” fundamental (por exemplo: o falo enquanto significante do complexo de castração) para fora do universo simbólico do indivíduo. A rejeição distinguir-se-ia do recalçamento em dois sentidos:

¹²⁰MARTINS, F. (2003) *Psicopathologia II: Semiologia Clínica: Investigação Teórica Clínica das Síndromes Psicopatológicas Clássicas*. Brasília: Universidade de Brasília, Instituto de Psicologia. P. 256.

¹²¹Ibidem.

¹²²LAPLANCHE, J.; PONTALIS, B. (1967) *Vocabulário da psicanálise*. Tradução de Pedro Tamen. Martins Fontes Ed., 1988. P. 571 e 572.

1 – os significantes rejeitados não são integrados no inconsciente do indivíduo;

2 – não retornam “do interior”, mas no seio do real, especificamente no fenômeno alucinatório.

Nesta perspectiva, Freud¹²³ nos descreve:

Foi incorreto dizer que a percepção suprimida internamente é projetada para o exterior; a verdade é, pelo contrário, como agora percebemos, que aquilo que foi internamente abolido retorna desde fora.

Portanto, a representação repudiada retornará inevitavelmente desde o exterior para o Eu e com isso acarretando nos distúrbios tipicamente psicóticos. Problemática que encontra seus primeiros marcos significativos no célebre caso do *Homem dos Lobos*. Neste estudo, em especial no evento de uma alucinação ocorrida durante sua infância, Freud¹²⁴ faz um comentário mais preciso desenvolvido a respeito da alucinação do dedo cortado. Neste, ao fazer uma arte na casca de uma noqueira com seu canivete, de repente, observa com um terror inexprimível que havia cortado o dedo mínimo da mão, este só estando preso apenas pela pele. O que o fez sentir um grande medo, e não uma dor, como de usual. Assim, afundou-se no banco vizinho sendo incapaz de olhar novamente seu dedo e quando se acalmou olhou para seu dedo e viu que não havia sofrido o menor ferimento.

Na compreensão da lógica que Freud vai estabelecendo, há um paralelo entre o sujeito e a realidade, ou mundo externo, no campo das psicoses. O que podemos testemunhar em dois famosos estudos em que ele tenta descrever a natureza dos processos psicóticos no campo da perda da realidade. Os textos seriam em 1924, *Neurose e psicose*¹²⁵ e *A perda da realidade na neurose e na psicose*¹²⁶. No entanto, ao descrever esta perda, ele nos diz também de uma reconstrução delirante da realidade. E observa assim que o neurótico tentaria fugir da realidade, do mesmo modo que o psicótico seria levado a renegá-la.

¹²³FREUD, S. (1911) *Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranóia (dementia paranoides)*. Obras Psicológicas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996. V.12. p. 78.

¹²⁴FREUD, S. (1918[1914]) *História de uma neurose infantil*. Obras Psicológicas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996. V.17.

¹²⁵FREUD, S. (1924[1923]) *Neurose e psicose*. Obras Psicológicas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996. V.19.

¹²⁶FREUD, S. (1924) *A perda da realidade na neurose e na psicose*. Obras Psicológicas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996. V.19.

O que nos aproxima da questão do fetichismo abordada por Freud¹²⁷ em que ele traz no texto a questão da rejeição necessariamente acarretada pela divisão no Eu do indivíduo, e se distânciam um pouco da questão da negação da realidade como mecanismo indutor das psicoses. Neste texto, “Fetichismo”, ele é bem enfático ao dizer: “essa divisão do ego não é peculiar ao fetichismo, mas que, na realidade, pode ser encontrada em muitas outras situações em que o ego se defronta com a necessidade de construir uma defesa, e que ela ocorre não apenas na rejeição, mas também na repressão.”¹²⁸ Com isso, ele tenta esclarecer a função da negação e seus limites indutores. Dessa forma, Freud continua neste texto: “No conflito entre o peso da percepção desagradável e a força de seu contradesejo, chegou-se a um compromisso, tal como só é possível sob o domínio das leis inconscientes do pensamento – os processos primários [...] Desse modo, um fragmento de realidade, indubitavelmente importante, fora rejeitado pelo ego, tal como o fato desagradável da castração feminina é rejeitado nos fetichistas.”¹²⁹

Contudo, é somente no texto “A divisão do ego no processo de defesa” em 1940 que Freud¹³⁰ nos traz uma reflexão mais debatida sobre o tema, pois ressalta que a rejeição resulta de uma divisão do ego que é invariavelmente ocasionada pelos processos de defesa, em função de um conflito imposto pela realidade. Assim, ele continua a salientar que há um afastamento da realidade, procedimento este que prefere reservar para as psicoses. Temos, então, a perda da realidade como um corte, ou melhor, afastamento parcial. Assim, uma parte do Eu, seria efetivamente cortada da realidade. Afastamento este que não ocorre somente no caso das psicoses, pois além dos perversos, ele acaba observando esta incidência nos neuróticos também, como mencionado:

[...] toda neurose perturba de algum modo a relação do paciente com a realidade servindo-lhe de um meio de se afastar da realidade, e que, em suas formas graves, significa concretamente uma fuga da vida real

¹²⁷FREUD, S. (1927) *Fetichismo*. Obras Psicológicas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996. V.21.

¹²⁸Ibidem, p. 152 e 153.

¹²⁹Ibidem. p. 156 e 157; 158

¹³⁰FREUD, S. (1940[1938]) *A divisão do ego no processo de defesa*. Obras Psicológicas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996. V.23.

[...] O afrouxamento da relação com a realidade é uma conseqüência desse segundo passo na formação de uma neurose.¹³¹

Seguindo essa perspectiva, sobre a negação e a clivagem do Eu na teoria freudiana, com a intenção de mostrar estes mecanismos também nas perversões, psicoses e também neuroses, é no final do texto *Esboço de psicanálise*¹³² que ele nos apresenta formulações e este respeito. A este respeito, Freud acentua que os fetichistas também possuem um desligamento do Eu em relação a realidade do mundo externo, mas que estas atitudes sempre irão surgir em todos os indivíduos, pois:

Seja que o for que o Eu faça em seus esforços de defesa, procure ele negar uma parte do mundo externo real ou busque rejeitar uma exigência instintiva oriunda do mundo interno, o seu sucesso nunca é completo e irrestrito. O resultado sempre reside em duas atitudes contrárias, das quais a derrotada, a mais fraca, não menos que a outra, conduz a complicações psíquicas.¹³³

Portanto, temos nas formulações freudianas que os mecanismos de defesa, como a perda da realidade e a clivagem do Eu estarem mais correlacionados as psicoses, e, por isso, em decorrência destes teríamos a construção delirante. A dimensão chamada por Lacan de foraclusão já diz de outra lógica que parte de Freud, porém tem suas particularidades, já que rompe com a existência do simbólico, pois não chegou aí. Logo esta noção em Lacan, a foraclusão se exercerá exclusivamente sobre o significante Nome-do-Pai que designa a função paterna tal como é internalizada e assumida pela criança.

Com relação a Joseph, J. nos diz que ele trabalhava em um curtume, hoje extinto, situado em Rio Vermelho, São Benedito-SP. Entretanto, foi afastado do emprego por causa de uma enfermidade pulmonar, mas a previdência social não respondeu a seus encargos inerentes. Posterior a isto, Joseph vendeu rifas durante algum tempo. Todavia, o que mais nos chamou a atenção foi que, ao descrever Joseph, J. diz se tratar de um homem muito católico, freqüentador e devoto assíduo da igreja. “*Joseph ganhou um dia na loteria e chegou a dar*

¹³¹FREUD, S. (1924) *A perda da realidade na neurose e na psicose*. Obras Psicológicas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996. V.19. p. 205.

¹³²FREUD, S. (1940[1938]) *Esboço de Psicanálise*. Obras Psicológicas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996. V.23.

¹³³FREUD, S. (1940[1938]) *O aparelho psíquico e o mundo externo*. Obras Psicológicas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996. V.23. p. 217-218.

o dinheiro para o padre da igreja que freqüentava, mas o padre lhe disse que era para ele ficar com o dinheiro ganho e construir sua casa.”

Dizemos função, pois é qualquer expressão simbólica produzida pela mãe ou pelo filho que representa a instância terceira, paterna, da lei da proibição do incesto. Assim, isto pode ser visto na mãe, ou seja, em sua condição de mulher desejante situado na relação à lei simbólica da proibição ou no filho, em como integrou em si a proibição e a partir de então se torna capaz de praticar um ato ou de instituir seu próprio limite. J. teve dificuldades de aceitar a realidade de sua família, como ela era. Enfim de aceitar que era mortal e limitado. Assim, cria uma realidade na qual passa a ser um ser puramente lógico, um conceito: Deus.

Dessa forma, o Nome-do-Pai é uma expressão, ou melhor, uma metáfora do desejo da criança perpassada pelo desejo da mãe. Nesse sentido, pode ser qualquer expressão singular que ocupa o lugar do desejo da mãe ou da criança.

Vocês precisam compreender a importância da falta desse significante especial do qual acabo de falar, o Nome-do-Pai, no que ele funda como tal o fato de existir a lei, ou seja, a articulação numa certa ordem do significante – complexo de Édipo, ou lei do Édipo, ou lei da proibição da mãe. Ele é o significante que significa que, no interior desse significante, o significante existe. É esse o Nome-do-Pai, e, como vêem, ele é, no interior do Outro, um significante essencial, em torno do qual procurei centrá-los no que acontece na psicose – a saber, que o sujeito tem de suprir a falta desse significante que é o Nome-do-Pai. Tudo o que chamei de reação em cadeia, ou de debandada, que se produz na psicose, ordena-se em torno disso.¹³⁴

Nessa perspectiva, a forclusão do Nome-do-Pai faz falhar toda a função paterna e nos diz de uma hipótese estruturalmente operatória dos processos psicóticos. Para Dor¹³⁵, a forclusão se produz propriamente falando, quando nenhum significante vem se apresentar a essa convocação. Logo, ela não se dá de uma vez por todas, pois não cessa de se reproduzir sucessivamente. Ou seja, temos de apreender este mecanismo em termos de movimento e regulação.

¹³⁴LACAN, J. (1957 – 1958) *Seminário Livro 05: as formações do inconsciente*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999. P. 153.

¹³⁵DOR, J. (1991) *O pai e sua função em psicanálise*. Tradução: Dulce Estrada e Marco Antônio Coutinho Jorge. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.

[...] o significante que foi morto no sujeito faz brotar de uma noite, primeiro, um clarão de significação na superfície do real, e depois faz o real iluminar-se com uma fulgurância projetada das profundezas de seu substrato de nada? É assim que, no auge dos efeitos alucinatórios, as criaturas que seriam as únicas a merecer o título de alucinações, se quiséssemos aplicar com todo o rigor o critério do aparecimento do fenômeno na realidade [...]¹³⁶

Assim, nesse movimento é necessário que outro significante venha a ocupar o lugar do significante do desejo da mãe. Entretanto, nesta substituição, caso não venha um significante adequado, à lógica simbólica se organizará de forma diferente, e com ela a realidade psíquica do sujeito. Com isso, a idéia de forclusão marca uma evolução na acepção do termo *Verwerfung* na concepção freudiana, pois nesta estava sujeita a idéia de uma rejeição do registro simbólico e com Lacan¹³⁷ remete à idéia de um não-advento à ordem deste registro simbólico.

Nas formulações lacanianas, apenas quando o significante Nome-do-Pai está forcluído que o recalque originário é fracassado, neutralizando a emergência da metáfora paterna. Não emergindo este processo metafórico, o acesso ao simbólico fica gravemente comprometido para a criança. Dessa forma, a criança permanece assujeitada a uma relação arcaica com a mãe e continua a constituir como seu único objeto de desejo, sendo, portanto, seu objeto, ou mais. Assim, a criança é tida como extensão do corpo da mãe, ficando numa relação imaginária com essa mãe.

Ao falarmos de forclusão do Nome-do-Pai não significa que ouve, nestes casos, uma não história de certa forma edípica. A questão que ocorre aqui é que esta história edípica não ocorreu da mesma maneira que nas neuroses, pois a forclusão do nome-do-pai é uma forclusão enquanto função, expressa na diferença sexual e na genealogia. Assim, isso abre um campo obscuro, um terreno de reflexão sobre como seria a sexualidade e a genealogia nas psicoses. Já de forma ansiosa, colocamos aqui para nosso leitor que estas questões serão abordadas mais adiante em nosso trabalho.

¹³⁶LACAN, J. (1998) De uma questão preliminar a todo tratamento possível na psicose. *In: Escritos*. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. P. 567.

¹³⁷Ibidem.

Dessa forma, o indivíduo faz uma série de remanejamentos que, muitas vezes, subvertem os referentes do espaço e do tempo e que, sobretudo, perturbam as representações relativas à sua filiação. Assim, diante desta violência, arquitetase a construção de uma nova realidade na tentativa de substituir a realidade perdida. Entretanto, trata-se de uma realidade maciça, por ser invasiva e isolada dos outros acontecimentos e incontestavelmente verdadeira e certa para o sujeito. Com isso, instaurado os pilares que dão acesso a este novo mundo, vamos agora mergulhar nele como uma tentativa de aproximação e compreensão, para que possamos melhor acolher e cuidar daquele que neste mundo se encontra.

Nessa perspectiva, existem situações, descritas por Freud¹³⁸ como ordálicas que ocorrem ao longo da vida e que colocam para o Eu a possibilidade de aniquilamento que, segundo Martins¹³⁹, são modalidades de provas onde a integridade do corpo do sujeito e sua existência ficam confrontados levando-o a um desespero fundamental em que este se encontra sozinho. Nestas, o sujeito se encontra completamente desmunido do seu querer, da sua própria vontade, sendo sua existência colocada em questão da maneira mais radical ao introduzir elementos naturais como a relação ao seu complexo de Édipo e sua origem. Sendo assim, um teste de linhagem já que remete o Eu ao campo do originário, ou seja, a uma teoria do Eu, de sua gênese e constituição.

Assim, o autor descreve três aspectos de grande relevância que se encontram intrinsecamente relacionados para uma melhor compreensão das psicoses, já que consistem em colocar em primeira linha a questão do Édipo na psicose:

- 1- As fantasias ordálicas, na psicose, enfatizam a necessidade do esclarecimento do registro do originário, especificamente, no que diz respeito ao domínio do sagrado nas suas relações com a constituição do sujeito;

¹³⁸FREUD, S. (1911) *Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranóia (dementia paranoides)*. Obras Psicológicas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996. V.12.

¹³⁹MARTINS, F. (1995) *O ordálio na psicose*. Cadernos de Psicologia da UFMG, Belo Horizonte, MG, V.5, n.1.

- 2- O ordálio, na psicose, tem uma especificidade: ele é uma prova de linhagem, endereçando-nos diretamente a uma modalidade de estruturação edipiana na psicose, e mais exatamente a questão do pai;
- 3- O ordálio toca sempre uma modalidade de funcionamento do Eu que não suporta processar estas fantasias vividas em plena luz da consciência e sem espaço mínimo para representação no imaginário do sujeito; neste sentido, as fantasias podem vir a ser pura realidade do sujeito.

Com isso, o indivíduo quebra-se diante de si mesmo, sentindo-se e mostrando-se desintegrado e sem autonomia na maioria dos contatos, pois onde se mostra uma brecha ou uma rachadura, ali normalmente encontra-se presente uma articulação e é nesta articulação que J. encontra meios para construir seu delírio, que veremos em nossas próximas páginas.

2.5 O delírio

Nesse período, transita por várias cidades. Com o dom da profecia e sua predestinação em conhecer a alma humana, se faz conhecido e procurado por muitos, ao indicar a solução de problemas. Nessa fase de sua história, J. se auto-intitula com outro nome. Adotamos, aqui, a denominação de J. já que esta fase esta relacionada à sua vivência delirante de profeta.

J. assume a condição de profeta no início de sua vida pública. Desde que se desligara da Igreja Católica em sua adolescência, ele se tornou ateu e assim justifica o porquê de profeta de deus desconhecido. Só acreditava em seu dom e nas coisas que podia observar como planetas, sol, estrelas, cosmos e universo. Nas rádios, costumava falar contra certos determinismos da Igreja, que coagiam os cristãos a opor-se à vontade do cosmos no que tange ao determinismo das estrelas.

J. iniciou seus pronunciamentos na rádio Princesa. Essa rádio era dirigida pelo técnico Aroldo. Lá, J. falou cerca de uma hora. Tempo suficiente para que religiosos e pessoas do povo se reunissem para protestar contra sua presença na cidade. Nessa época, o então prefeito da cidade, aconselhado pelo secretário e com a conivência do juiz, publica uma matéria no jornal local na qual dizia que as pessoas que iam à cidade saber sobre o futuro delas. Esta declaração o coagiu a sair da cidade, pois a população já estava contra ele. De lá, ele seguiu em direção a Juiz de Fora onde deu seqüência a seus pronunciamentos na rádio. No domingo

seguinte, um padre belga falou contra J. na missa na presença dele. Até o delegado da cidade vai à sua porta mostrar-lhe o jornal de José Maria, fazendo-o lembrar sua expulsão e disse que em Juiz de Fora também não havia lugar para bruxo ou vidente e, assim, o coagiu a sair da cidade. J. ficou triste e tamanha foi sua indignação que foi até o prefeito da cidade falar-lhe sobre o acontecido. Este lhe disse que se ele, J., fosse famoso ele poderia continuar agindo do modo como estava e ninguém iria perseguir-lhe, mas como ele não era, nada poderia ser feito. Desapontado, J. paga sua conta do hotel e de mala na mão, sem saber para onde ir, encontrou um viajante com o qual antigamente já se hospedara no hotel. J. contou-lhe sua história e acabou ganhando uma carona. Chegando a rodoviária de Mato Dentro, J. telefonou para a rádio Colméia e o gerente da rádio lhe disse que lá eles não mentiam para seus ouvintes. Então J. resignou-se a fazer suas consultas e vidências na própria rodoviária. E assim, proveu meios de garantir a subsistência até chegar em Belo Horizonte.

Podemos perceber como J. começa sua vivência como outra pessoa. J. inicialmente, como um profeta, J., com seu dom da profecia e sua predestinação, busca conhecer as pessoas, ou sua alma humana. É uma vivência delirante impulsionada por idéias prazerosas. A despeito do que possa aparentar ou do que os outros pensem dele, esse é um momento que pode determinar para sempre os destinos do Eu.

Processo de transformação: “A Grande revelação”

Como vimos anteriormente, J. saiu de casa aos treze anos passando a viver como um errante e por conta própria, exercendo várias atividades profissionais como garçom, vendedor, padeiro, entregador de alimentos etc, transformando-se em J. neste processo.

Antes de virar profeta de um Deus desconhecido, J. fumava e tinha relações sexuais com as mulheres. Sua saúde era normal, ou seja, sem doenças nem problemas mais graves. Em 1969, aos vinte e um anos foi obrigado a largar a vida de vendedor de rifas e passou a viver como profeta até 1979. Ele falava em rádios sobre as estrelas, infinito, o cosmos, o misticismo em geral. Com isso, obteve o sustento para sua sobrevivência e caminhada sobre a Terra.

Em 1978, assim como quando tinha seus 13 anos, J. recebeu uma nova ordem para que saísse do local em que se encontrava. Neste momento, a voz lhe disse para sair do Brasil sem

deixar nada para trás, despojando-se de seus bens ou qualquer outra coisa. Segundo o que nos conta, ele disse que se sentia fazendo uma viagem sem volta.

Assim, em setembro de 1978, chega a Israel e no dia seguinte a faixa de Gaza. Nesta época, falou aos povos palestinos e israelenses. Após passar por todos estes lugares, J. chega a Palestina, ainda como profeta.

De acordo com seus relatos, este é o lugar no qual sua missão lhe é revelada. Ali encontra algo de muito especial em sua vida: pessoas, no caso, um grupo de esoteristas, já lhe esperavam e se preparavam há muitos anos para lhe acolher, ou receber “*El gran maestro*”. Esses esotéricos tinham construído uma rústica casa de pedra, que até a chegada, de J. não havia sido habitada por ninguém. Este seria o local em que ele faria seu primeiro jejum.

Estando neste local, J. inspirado por Deus, pede a confecção de sua primeira túnica para uma amiga dele que era professora de Filosofia aposentada. Ela nunca havia feito uma túnica antes, mas relata que inspirada por Deus costura a peça de linho puro e branco, exatamente igual ao que J. indicara. Emocionada, disse ter certeza de que já fizera algo parecido antes, mas não nessa vida. Com o fim da confecção da vestimenta, J. disse ter constatado que a túnica era rigorosamente igual a que ele usava quando se chamava Jesus.

No mesmo local, em setembro de 1979, J. sem livre arbítrio e obediente a voz que lhe comanda, submeteu-se ao jejum, sem ingerir água e já estava na iminência de um processo de inanição, quando caiu no chão e machucou o nariz. Mas a voz lhe ordenou para que se levantasse.

Com a queda, J., a convite, vai para o Instituto Villa Sana, em Santiago do Chile se recuperar do ferimento do nariz. Nesse lugar, ao receber várias pessoas que o visitavam e procuravam a voz na cabeça dele, ele disse que alguém dentre estas pessoas que o procuravam teria de fazer as sandálias dele em substituição ao “calçado profano” que ainda usava. Assim, Maria, viúva de um industrial fabricante de calçados em Santiago se propôs a confeccioná-las.

Após ter feito, as sandálias, Maria as coloca nos pés de J. e lhe diz: “*Mestre, quero falar-te algo. Quando eu era pequena, minha mãe me levou a uma vidente. Ela me disse que, quando eu crescesse, eu iria casar, ter filhos, enfim, constituiria uma família, mas minha*

principal missão não seria esta...Só agora, depois de concluir a feitura das sandálias, percebi que esta é minha missão. Era assim, de sandália, que o Mestre, quando se chamava Jesus, caminhava sobre a terra.” Emocionada, Maria chorando unge os pés de J. com suas lágrimas, fortalecendo-o para suportar os sofrimentos da reprovação.

De acordo com o que J. nos conta, há todo um ritual de fabricação de suas roupas. Segundo ele, foi Berta Sanchez, a mesma mulher que lhe ofereceu a casa onde fez seu primeiro jejum, conjuntamente com seu marido, que além da túnica lhe ofereceram seu manto de vestir. Este manto foi confeccionado com um material adquirido no Chile: o casal havia feito uma viagem ao interior do Chile, em que nenhum dos dois sabia o motivo desta. Esse casal encontrou numa pequena cidade um manto de pura lã, ainda com sua cor natural, com alguns artesãos e camponeses. Posteriormente, sem saber o motivo da viagem e da compra, eles o guarda por muitos anos. E nesta época, num certo dia muito frio em que J. se encontra em sua casa, Berta traz o manto e o coloca sobre ele dizendo-lhe: *“Mestre, este é o teu manto.”*

Da mesma forma com que observamos uma história em que as pessoas fazem as vestimentas dele, ocorre com a sacola. Pois em um dia que estava sonolento, mas consciente, recebeu ordens detalhadas de Deus que lhe disse que era chegada a hora de possuir sua sacola. Nesse dia, J. lhe pergunta como e onde conseguiu-la e, então, ouve a resposta contendo as informações de que se encontraria com um verdureiro que lhe diria o caminho para que ele chegasse até o local em que esta seria confeccionada.

De posse de tudo que lhe pertence: túnica, sandálias, manto e agora a sacola, J. sentiu-se mais completo e pronto para continuar e assumir sua difícil missão. Assim, após esses eventos, J. continua a peregrinar sobre a Terra, viajando por muitos lugares onde fala ao povo sobre si mesmo e sua missão. Ao falar em praças públicas, ele é detido algumas vezes nas cidades em que passava. E é numa destas viagens que algo lhe é informado.

Quando chega à França, já expulso da Inglaterra, a voz, agora intitulada de SENHOR, diz-lhe que deveria destruir seus documentos, pois o nome que constava nos mesmos não correspondia à verdade, ou seja, não era seu nome verdadeiro. E a voz, ainda, acrescenta, que havia lhe escondido através de seus documentos para protege-lo dos príncipes das igrejas e

dos falsos profetas deste século. Mas que agora era necessário que ele colocasse fogo em todos os seus documentos, para iniciar o período mais doloroso de sua provação, uma vez que sem seus documentos, seria repudiado, prisioneiro, expulso e humilhado. *“Mas ao final de tudo isso, Eu, SENHOR, que estarei ao teu lado em todos os lugares e situações, farei com que as autoridades terrestres te concedam documentos oficiais com seu nome legítimo”*.

Nestas condições, cumprindo a vontade de seu PAI, SENHOR e DEUS, ele abandona o hotel sem seus documentos e sem destino, já que esta era a condição exigida pela voz. Diante disso, ele caminha pelas ruas de Paris, local onde se encontrava. Posteriormente, J. vaga por várias ruas, estabelecimentos, restaurantes à procura de um lugar onde possa dormir, comer, se aconchegar. Nestas perambulações que faz ao longo de seu percurso pequenos, fatos lhe trazem enormes explicações e divagações. Num destes fatos, é surpreendido pela intercessão de seu PAI, SENHOR e DEUS, que o consolando e fortalecendo-o justifica sua angustiante e escura noite com as palavras de consolo: *“Anima-te, meu filho, anima-te! Toda esta dor é necessária para que tenhas consciência da legitimidade de tua identidade, e que ao Filho do Homem não é dado ter onde reclinar a cabeça”* e, assim ordena-lhe que mude de cidade, novamente.

Nesse novo local, Rambouillet, J. descobre novamente a frieza do ser humano, pois não encontra alguém que lhe ofereça um abrigo para repousar e mais uma vez é conduzido por seu PAI, SENHOR e DEUS, agora à floresta da cidade, onde passa a noite. Em meio a ameaçadora visita do frio J. contempla a natureza, as estrelas. Entretanto, a cruel realidade o convoca no corpo, pois o frio se torna cada vez mais intolerável.

Com o frio penetrando em seu corpo de forma impiedosa, a solidão à sua volta, o horror da escuridão da noite, o vento machucando-lhe o rosto, J. sem nada nem ninguém ao seu lado para lhe amparar invoca seu PAI, SENHOR e DEUS e pergunta-lhe porque ele permite estas que estas coisas aconteçam com ele e o que ele deve fazer. Neste momento, segundo ele, seu corpo foi possuído por um calor transcendental que se confundia com o gozo delirante da veemente e inefável manifestação e materialização do CRIADOR Supremo, que lhe disse: *“Meu amado filho, Te conduzi a este local e te sujeitei a estas provas para te dar*

poder também sobre o frio para que, no cumprimento da difícil missão que te confiei, não temas nem mesmo as adversidades climáticas.”

Nesta condição, que J. nos conta, de apátrida, ele percorre alguns países, que o detém, como Paraguai, Venezuela, México, Espanha, Luxemburgo, Inglaterra, França, Principado de Mônaco, entre outros. Foi em Bruxelas, capital da Bélgica, que ele diz oficializar sua condição de apátrida sem saber o final desta viagem, nem imaginava ou pensava sobre o que aconteceria, isto era um ponto obscuro, ou seja, o futuro era para J. uma incógnita.

Mas havia uma ordem na qual ele deveria obedecer que era de dizer às autoridades terrestres, quando o perguntassem sobre sua nacionalidade, seu país. E assim, responderia: *“Sou apátrida, o mesmo CRISTO que crucificaram, sou judeu, judeu sem pátria, porque minha pátria me foi usurpada na ocasião em que me crucificaram. Portanto, estou aqui na condição de apátrida.”*

Nesta cidade, ao conhecer duas pessoas, uma mulher e um jovem, J. conversa com este sobre o reino de DEUS. Nesta conversa, percebeu que o jovem estava gostando do que ele lhe falava. Entretanto, o demônio fez com que a mulher pensasse que o jovem estava rindo dela. Na verdade ele estava rindo de alegria, por ouvir as coisas que J. falava sobre o reino de DEUS. Ela os indagava se eles estavam rindo dela. E J. lhe disse que *“a partir daquele momento já não mais poderia ir a sua casa, pois ela achava que ele estava aqui na terra para rir de alguém que me pede uma bênção, já não é digna de que eu, J., ponha os pés em tua casa.”*

No dia seguinte, J. vai para Luxemburgo, mas espera que a polícia o detenha, já que seu PAI havia lhe dito que ele tinha que ser proclamado oficialmente perante o mundo, as autoridades terrestres e perante o povo, sua condição de apátrida. Esse seria, então, o motivo desta viagem. Mas nada lhe aconteceu. Somente teve a oportunidade de conhecer um país rico com o povo de coração duro. *“O povo deste local debochava de mim, riam, olhavam-me como se eu fora um personagem folclórico, e no restaurante todos me observavam com desdém.”* Após eventos como este, J. resolve voltar a Paris na espera de que algo lhe aconteça. Foi quando estava em um restaurante sendo novamente humilhado e tratado com

deboche que seu PAI lhe diz para voltar à França e, então, compreende que lá algo iria acontecer.

Assim, compra a passagem com destino a Paris e corre em direção a este novo destino. Entretanto, no caminho, J. é abordado por policiais que lhe pedem sua documentação. E ele os responde dizendo que não tem nacionalidade, é apátrida, portanto, não tem documentos.

Com isso, os policiais o levam para a delegacia onde, entre comunicações, descobrem que ele já havia sido detido em Paris, quando falava ao povo, postado em cima da sepultura do soldado desconhecido, no Arco do Triunfo. Assim, dizem se tratar de um agitador e que deveria ser devolvido ao último país em que estivera. Em seus relatos, podemos observar que J. larga o pensar comum e passa para uma lógica mais voltada para si mesmo, marcada pela auto-revelação e por sinais de que é especial.

Na condição de prisioneiro, J. viaja de pé no trem para Luxemburgo e, nesta ocasião, as pessoas ficam sabendo que era apátrida. Mas J. acentua que DEUS fez isso para lhe dar poder, para que quando voltasse ao Brasil, tivesse autoridade e o povo compreendesse que ele não estava aqui, e que não era daqui e que, apesar do Brasil ser seu país, ele não é brasileiro e sim CRISTO, o judeu, crucificado por ordem de Pilatos.

Aqui é um momento decisivo. Ele larga de vez o pensar comum e vai para a sua paixão. A partir deste dia, o PAI, SENHOR e DEUS determinou que J. dissesse que não é brasileiro e sim CRISTO, pai da humanidade.

Entretanto, chegando a Luxemburgo, como não havia ninguém na delegacia que havia chegado, o policial coloca J. novamente em um trem com destino a Bruxelas, e aí ele toma outro trem, mas agora com destino a Paris, e no caminho, feliz por voltar aquela que considerava sua segunda pátria, Maomé ora ao SENHOR e diz a Ele: *“Ó PAI, santo e bondoso, já que eu não tenho pátria, que Tu me concedas a França, como minha pátria, onde tenho filhos que me acolheram e amaram.”* Mas segundo seus relatos, o SENHOR lhe diz para não se equivocar pensando que iria ficar na França, pois *“agora iria conhecer as agruras da provação já que vais a uma terra onde vão te odiar, humilhar, prender, ofender e fanaticamente ultrajar, uma terra onde não imaginas o que te espera. Vais conhecer o fanatismo e a idolatria ao desembarcar numa terra desconhecida. Darás o teu amor, curarás*

enfermos, darás bênçãos a muitos e em troca vais ver o desprezo, o desdém, o descaso e a ingratidão. Vais conhecer bem o teu povo. Tu vais para a terra de Santa Cruz e desembarcará em Salvador, uma cidade que usa o teu nome, mas onde na verdade, só adoram estátuas. Lá verás o que é reprovação. E assim, terás que percorrer todas as capitais e principais cidades desta terra e vais ver como homens viraram as costas para mim. Sentirá na carne a reprovação!”

Contente ao chegar a Paris, onde tinha filhos que amava e o tratavam com amor e respeito, o SENHOR lhe dá nova ordem de fazer um rápido jejum e posteriormente embarcar para Salvador. O SENHOR lhe mostra, como num filme, as favelas onde iria dormir para poder conhecer, na carne, por que os pobres são pobres e ainda lhe diz que ele, J., teria que comprar comida para essas pessoas que depois lhe virariam as costas.

Obedecendo a cada palavra que seu PAI havia lhe dito, J. toma um trem com destino a Beauvais, onde jejua por mais treze dias. De lá parte rumo ao Brasil.

Chegando ao Brasil no dia 19 de março com trinta e dois anos, na solidão de um quarto de hotel, J. completa, no dia 22 de março de 1981, seus trinta e três anos.

“Ato libertário”: Palestina

Numa sexta-feira, dia 28 de fevereiro de 1982 na Palestina, ocorre o marco no qual J. intitula como o dia em que o filho de DEUS voltou a terra. Tudo se iniciou às oito horas da manhã de domingo quando ele reúne uma multidão de pessoas na praça, previamente convocada pela TV na sexta. Após um longo discurso feito, ele convida o povo para segui-lo até a catedral onde proclama o ato intitulado, “Ato Libertário”.

Nesse ato, J. invade a catedral e fala ao microfone do altar: *“Saíam daqui ladrões mentirosos, adoradores de ídolos, vendilhões de falsos sacramentos, eu sou CRISTO.”* Em um gesto invoca seu PAI, SENHOR e DEUS e passa a proferir um sermão contra o que chamava de comércio religioso, venda de sacramentos e adoração de estátuas.

“Eis o que meu PAI disse sobre a idolatria: ‘Eu sou o SENHOR, vosso DEUS; não fareis ídolos para vós, nem imagens de escultura para adorardes, porque eu sou o SENHOR, vosso DEUS.’ Além disso, faz ofensas a sacerdotes, arranca cruzes e incita dezenas de

peessoas que o seguiam. Com isso, aciona o batalhão de choque da Polícia Militar que evacua a catedral e dá voz de prisão a ele, que passa 15 dias no então presídio.

Com relação a esse ato, ele nos relata:

“Meu pai me disse tudo que eu deveria fazer anteriormente, já sabia o que iria acontecer. Tudo foi calculado por ordem do SENHOR, ele me disse que lá deve ser feito o que tem de ser feito. Mande uma pessoa ir à catedral, antes, certificar como ela era de fato para que na hora da minha proclamação nada saísse do lugar. Sabia que teria muitas pessoas ao meu redor, não podia ser diferente, esta era a cidade em que seria reconhecido. Belém é a cidade, a cidade onde CRISTO nasceu!”

“Foi o único ato que vai fazer a humanidade refletir. Mostrei aí que eu não sou boneco, me expus a violência. Lotei a catedral pois atrás de mim vinham 10 mil pessoas, foi uma revolução e o dia mais lindo da minha vida, depois desse dia tudo mudou. Foi um momento único, mais emocionante que tive na face da terra.”

A presença de certas metáforas hiperbólicas, como lotei, abarrotei, mostra a intensidade pulsional. A força da pulsão é decisiva na capacidade de por em ato o delírio, delirantes mais velhos dificilmente são bem sucedidos.

Assim, fica provado publicamente, segundo J., que ele é o Primogênito de Deus. Mas segundo nos conta, neste ato, seus gestos de loucura são uma tentativa também de desmascarar os sacerdotes e salvar o sórdido comércio de sacramentos.

Em meio a esta bagunça, o sacerdote da catedral chama a polícia que leva cerca de duas horas para tirar o povo de dentro da catedral. Lá, J. permanece sentado numa cadeira em cima do altar, onde segundo seus relatos é o seu lugar. Posteriormente, ele é conduzido para fora por dezenas de policiais e o Senhor lhe diz que essa não era sua casa, mas sim uma casa de idolatria, onde são vendidos seu nome e o dele. Em seguida, faz uma relação dessa casa, a catedral e igrejas de forma geral. As prostitutas que vendem o corpo e as igrejas que vendem o sacramento. Assim, por conta da iniquidade que reina em todas as igrejas, não há mais lugar para ele nem para o SENHOR, por isso, o SENHOR ordena que institua na terra seu reino. Dessa maneira, nasce a A Arca de Noé, única igreja de Cristo.

Transferido da central de polícia para o presídio, ele é, também neste local, aclamado pelos presos, que segundo seus relatos, gritavam: “*CRISTO! CRISTO! CRISTO!*” Outros se ajoelharam para lhe pedir a benção e até alguns policiais dobraram seus joelhos diante do filho de DEUS.

Ao mesmo tempo, do lado de fora do presídio, multidões esperavam diariamente uma oportunidade para vê-lo. Do lado de dentro, psiquiatras o visitavam oficialmente na intenção de examiná-lo, mas saiam deslumbrados exclamando sobre o tamanho de sua inteligência divina. Em seu relato, percebemos que a hiperbolia autonominativa prossegue. Há uma metaforização em torno da idéia de muito, de grande, de abundância. Ela expressa o desejo de amar e principalmente de ser amado.

Nesta ocasião, o vaticano movido por seus interesses ocultos, manda seu psiquiatra para avaliar J., mas já tinha um diagnóstico pré-estabelecido pelo Vaticano, contrariando os princípios que norteiam a psiquiatria. Sem fazer uma análise profunda, assumindo uma atitude de justas causas diz que o Filho de DEUS é um louco perigoso.

Diante dessa fala, J. diz:

“Sim, eu sou louco de amor por toda a humanidade. Só porque eu sou louco de amor pela humanidade é que eu voltei, mesmo depois de haver sido crucificado!”

No presídio, J. disse que recebia visitas de jornalistas que iam entrevistá-lo e, nessas conversas, muitas vezes, lhe perguntavam quando iria sair da prisão, pois havia rumores procedentes da igreja romana de que ele jamais seria liberto e que pleiteavam uma condenação para enfiá-lo numa casa de loucos. Mas diante desses fatos, J. lhes falava que: *“Quando meu PAI quiser. Unicamente quando meu pai quiser sairei daqui. Nenhum minuto antes nem depois.”*

Ele ainda acrescenta:

“Em todas as vezes que estive na prisão não era lá que sentia estar, meu corpo não se prendia ao local, sou superior as coisas terrenas. Era muito tranqüilo para mim, pois não sou como os homens que se prendem as coisas materiais.”

“O SENHOR me colocou nas prisões para eu poder estar perto das pessoas que cometem crimes, para eu conhecê-las.”

Mas no dia 15 de março, J. sai da prisão, para surpresa e desgosto de todos os que são contra o reino de DEUS. Alguns dias, após sua saída, ele profere um discurso na TV, ainda na Palestina, onde fala por mais de uma hora para as pessoas que o assistiam. Também na TV, oficializa seu desligamento da igreja, que anteriormente diz ser sua casa e sua filha nascida de suas palavras a Pedro, como está escrito na Bíblia. E, ao mesmo tempo, anuncia também a nova instituição do reino de DEUS na terra, que passa a ser a única igreja de CRISTO, formando um só rebanho e tendo um só pastor, J..

A mudança de nome e de identidade: a efetivação da nova ordem e de um novo ser

Alguns acontecimentos, ao longo de sua trajetória, são muito importantes para que possamos entender melhor seu modo de ser. Em setembro de 1982, J., em obediência a voz do Senhor e na tentativa de harmonização com as leis terrestres, registra oficialmente seu novo nome em todos os órgãos públicos de acordo com as formalidades legais.

O nome que lhe foi dado por Brigdet e Joseph era J. Souza e tinha o significado como aquela pessoa que vem do ventre de nossa Senhora. Nesse sentido, J. faz uma relação com seu nome anterior, acreditando ser realmente filho de nossa Senhora e de José.

Acreditamos ser importante trazermos este fato para que possamos entender melhor o que se passa com ele, J., enfim com essa pessoa que tentamos compreender. Em uma de nossas visitas, quando lhe pedimos para que nos ajudasse a fazer o genograma de sua família, ele nos disse que poderíamos ver na bíblia, que lá havia toda sua história familiar.

Assim, com seu novo nome, J. encontra sua mãe, nossa Senhora, e sua origem, ou seja, um lugar. E, ao mudar o nome para J., ele pode fazer uma relação com a pessoa de Cristo, aquele que foi morto a mais de dois mil anos atrás. Temos aí, a pessoa com quem o mestre se identifica e diz ter sido, pois hoje, como diz ele, é sua reencarnação. Nesse ato, a partir de então, passa a se chamar Cristo e a viver como este viveu.

Para formalizar esse ato, conforme citado anteriormente, J. vai aos órgãos públicos. No caso, ao instituto de identificação, um órgão da Secretaria de Segurança Pública do estado do Rio de Janeiro, ao tribunal eleitoral, ao serviço de polícia marítima, aérea e de fronteiras e ministério do exército. Todos estes órgãos públicos o reconheceram e lhe deram documentos oficiais nos quais está escrito J., o nome que ele pagou com seu sangue na cruz, segundo ele.

Ele nos diz:

“Ao registrar meu nome nos órgãos públicos consegui judicialmente meu reconhecimento. Isso me deu poder, perdi na primeira instância, mas ganhei na segunda. Aí está a prova de que o Senhor que mandou. O que não é legítimo se fragiliza. Tudo tem que ser legítimo. Meu pai mostrou para mim que tem que ser assim ou não é.

O SENHOR me mostrou a reunião onde meu processo estava sendo julgado. Via quem votou a meu favor e quem votou contra. Eu estava em Foz do Iguaçu quando DEUS me mostrou.

Com isso, me devolveram de onde me tiraram. Não estou mentindo.”

Segundo ele relata, havia um mistério em seu nome anterior, de profeta que tinha uma letra invertida, mas que lhe foi revelado com a descoberta do novo nome. O SENHOR lhe disse que seu nome não era J., mas que J. representa aquele que agonizou na cruz, que cuspiram em seu rosto e que o humilharam quando se cumpriam as Escrituras. Assim, ele traz o nome que custou o preço do sangue que é o nome do Filho do Homem.

O nome que agora passa a se referir possui todo um significado. Em hebraico, representa fogo, terra, água e ar. E ele diz mais, que pelo fogo a natureza se renova. Para justificar isso, traz também a citação da Bíblia¹⁴⁰:

“Ao que vencer, fa-lo-ei uma coluna no templo do meu DEUS, que não saíra jamais fora. E escrevi sobre ele o nome de DEUS, e o nome da cidade do meu DEUS, a nova Jerusalém, que desde do céu, vinda de meu DEUS, e também o meu novo nome” – Apocalipse c. 3 v. 12)

¹⁴⁰ APÓSTOLO JOÃO, Apocalipse. In: *Bíblia Sagrada*. Tradução: Centro Bíblico Católico. São Paulo: Editora Ave-Maria Ltda.

No latim, já significa o Rei dos judeus e, na tradução grega, quer dizer o ungido.

Desse modo, ele nega toda sua origem anterior, pois tira seu nome de família que o introduzia nas gerações da mesma e seu pré-nome que fazia referência ao seu Eu. A troca de nomes é a forma simbólica que J. encontra de concretizar sua mudança de Eu e entrar no novo mundo que passa a construir com a inclusão de novos títulos além de outro nome oficial representando seu Ideal do Eu.

Ele se inflaciona e percebe-se que J. tem a necessidade de ser alguém e não uma pessoa qualquer, mas um Mestre capaz de fazer curas, milagres, conduzir a ferro e fogo uma comunidade e em breve julgar toda a humanidade, destino previsto já desde seu nascimento. Vamos tendo, assim, uma pessoa que vai encontrar sua identidade, um Eu, quando encontra predicados.

A aparência física e a aparente semelhança com Cristo

Um aspecto que nos intriga e na convivência com J. podemos constatar, é o quanto a vida de Cristo lhe é importante. J. estabelece uma comparação entre sua aparência e a figura de Jesus Cristo tradicionalmente enraizada no imaginário popular através das pinturas antigas.

“Mas em verdade, em verdade vos digo: o maior milagre, a maior prova do imensurável poder de DEUS foi Ele haver-me reenviado como eu era antes da crucificação, conforme podeis atestar através do Sudário, no qual se impregnou minha imagem pelas mãos da Divina Providência.”

J. gosta de se apresentar de modo que haja essa semelhança física. Ele utiliza isso para confirmar sua mensagem de que é Cristo reencarnado. Em nossos contatos, podemos perceber como ele se esforça para parecer com a imagem popular que fazem de Cristo. J. usa cabelos longos, túnica, manto vermelho, barbas e sandálias. Além disso, quando saí de sua entidade religiosa ele também coloca uma coroa de espinhos confeccionada por um seguidor.

Diante deste fato, sua explicação é a seguinte:

“Só passei a usar essa coroa de espinhos quando recebi a ordem do SENHOR. Ele determinou que me apresentasse em público assim porque foi a última imagem vista pela

humanidade e é desta forma, que o povo me espera, está no inconsciente coletivo. No princípio, tentei protelar esta ordem, pois sabia que seria incompreendido, muitos iriam debochar, como aliás debocham. Diante do impasse, o SENHOR fez um sinal: os cabelos de minha cabeça começaram a cair, caíram em punhados. Então meu PAI voltou a dizer, desta vez com mais veemência, que se eu não usasse a coroa todos os meus cabelos iriam cair. Mostrou-lhe ainda que um ex-servente de pedreiro, mesmo não sendo profissional em assunto de arte, seria unguindo e inspirado a confeccioná-la. Ao contrário do que muitos pensam, esta é uma coroa rústica, talhada na madeira; os espinhos são de verdade, como já mostrei a diversos apresentadores de TV. E desde que passei a apresentar publicamente com a coroa de espinhos conforme a ordem do SENHOR, meus cabelos param de cair.”

Além do esforço de J. com estes vários elementos visuais, outro fator que nos chama a atenção é a cena que faz quando vai falar com o Pai. Neste momento, ele o faz usando uma voz impostada, com sotaque, e não permite que estranhos o toquem, também não segura nada em suas mãos.

Perseguições e sofrimento com a revelação

Com a revelação e a conseqüente conscientização de sua origem, a vida de J. muda. Além de passar a ser uma figura pública, ele cria uma entidade religiosa na qual em seu nome apresenta símbolos da religião católica. Com isso, surgem alguns complicadores em sua vida, como por exemplo, uma difícil relação com outras religiões além de, em muitas situações, sofrer com insultos, perseguições e outras coisas mais.

“Fizeram muita maldade em mim, mas eu não sentia raiva, eu superava, era superior. Para mim a superação é a voz inaudível que diz que é preciso que eu passe por isso.

Tenho mais resistência por ter passado antes – como CRISTO, pelo que passei.”

Segundo J., há um complô geral organizado pela Igreja Católica com o propósito de não permitir que os meios de comunicação anunciem ao mundo que o Cristo encarnado está no mundo.

Quando sua identidade lhe foi revelada pelo SENHOR DEUS, no Chile, em 1979 no jejum que fazia, Ele, SENHOR, também lhe disse que isto não seria motivo de festa e alegria.

O SENHOR DEUS também lhe mostrou que por ser seu filho iria enfrentar o ódio de todos aqueles que se dizem seus servos, mas que na verdade, são os fariseus contemporâneos e servem aos inconfessáveis interesses do principado das trevas, os mesmos que a dois mil anos gritaram para crucificarem-me. Eles reencarnaram e se escondem sob o rótulo de evangélicos e cristãos.

Desde dia em diante, J. carrega um grande peso, de acordo com seus relatos é uma enorme responsabilidade da qual não teve nenhuma opção de escolha. *“Não é questão de torna-me profeta. Eu sou profeta e em momento algum tive escolha, recebi ordens do ALTÍSSIMO.”* Ele passa dessa forma, de filho excluído para o filho escolhido do Altíssimo.

Entretanto, para este fato, J. paga um preço, pois antes do seu dia de glória é necessário que ele sofra e também seja rejeitado por esta geração. Então, passou a sentir o ódio de seus inimigos que são todos aqueles que são inimigos do Reino de Deus.

Para ele, o boicote à sua mensagem só terá fim quando as necessidades humanas se tornarem tão agudas que as pessoas passarão a exigir a presença dele para ouvirem uma voz de esperança. Diante deste fato, ele diz:

“Quando chegar a hora, inevitavelmente a cortina negra do boicote se esfacelará, o Altíssimo removerá as viseiras e Abraão Cristo será visto por todos numa cadeia mundial de televisão para regozijo dos homens de coração puro, dos simples, dos humildes, dos justos, dos que amam a verdade e servem a justiça.”

Ao mesmo tempo, J. diz que a Igreja Católica se corrompeu e precisa ser combatida, o que ele faz com muito entusiasmo. No livro *“O verbo divino sobre a terra”*, ele transcreve o conteúdo de duas cartas enviadas ao Papa João Paulo II, onde aproveita para atacá-lo, chamando-o entre outras coisas, de traidor da causa divina e de anti-cristo.

Seus mais duros ataques verbais são contra a Igreja Católica Romana, além de atacar a todos os religiosos que o criticam, pois ela teria se desviado dos propósitos de Deus e enveredado pelo erro, sendo, o principal deles, a idolatria.

Desse modo, J. causa muita polêmica ao desafiar padres, bispos e invadir igrejas. Algumas vezes, seus discípulos e ele circularam pelo centro da cidade de Curitiba com

cartazes em que chamavam o ex-arcebispo da cidade de arcebesta. Outros cartazes atacavam a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, a CNBB.

Seus ataques também chegam aos evangélicos. Muito embora diga que não se preocupa com eles, freqüentemente acusa os pastores de serem interessados somente nos dízimos dos fiéis.

“Estas igrejas que se dizem evangélicas já nasceram prostitutas. São as igrejas onde congregam os fariseus deste século. Não me preocuparei com elas porque são ovelhas perdidas e que perante o plano de Deus não significam nada. Foram fundadas pelos falsos profetas, uma geração de ambiciosos reunidos com o intuito único de chantagearem o dízimo do povo sofrido que se desiludiu da prostituta igreja romana. Estas são governadas por impostores que se auto-nomearam pastores sem haverem sido ungidos por Deus através de mim. Eu avisei que estes lobos com peles de ovelhas viriam. E todos usam meu nome antigo, Jesus, só para acumular riquezas materiais.”

Nestas perseguições, no dia 15 de março de 1982 quando sai do presídio em Belém do Pará. J. vai para o balneário Baía do Sol, situado no distrito de Mosqueiro. Neste lugar, ele fica numa casa pertencente conhecidos dele para, após este descanso, apresentar-se em um programa na TV.

Entretanto, na noite anterior à sua apresentação foi transformada em noite de horror pelos lacaios do vaticano. Estes, em pânico ligaram para o porta voz da proscrita igreja comercial romana, numa tentativa de impedir o evento usando os seguintes termos:

“Contra J. já não podemos fazer mais nada, mas qualquer chefe de família que se atrever a albergá-lo será aprisionado, espancado juntos aos familiares e colocado no manicômio.”

Continuando as ameaças, eles diziam que iriam deter e surrar qualquer pessoa que seguisse J. ou o acompanhasse em sua ida à televisão e fariam arruaças em frente a televisão, culpando depois seus seguidores, para poderem dizer que todos eram loucos. Já que J. não ficaria preso ou em um manicômio.

Ao entrarmos na questão do delírio, principalmente na concepção freudiana, temos uma perspectiva de compreensão de um quadro clínico em torno de um aspecto dinâmico, considerado, segundo Laplanche e Pontalis¹⁴¹, pelo atributo de defesa, ou seja, um modo peculiar de defesa. O delírio, nesta perspectiva, é um modo de defesa do indivíduo. Assim, temos no sentido freudiano, que qualquer tipo de estruturação do indivíduo é uma estruturação de defesa, fazendo-o se subjetivar, existir.

Nesta perspectiva da defesa, Lacan¹⁴² nos coloca a respeito das psicoses:

O termo defesa não tem mais a partir daí outro sentido que aquele que ele tem quando se fala de se defender, contra uma tentação, e toda a dinâmica do caso Schreber nos é explicitada a partir dos esforços do Eu para se sair bem com uma pulsão dita homossexual que ameaçaria sua completude. A castração não tem mais outro sentido simbólico que de uma perda de integridade física. Dizem-nos formalmente que o Eu, não sendo mais bastante forte para encontrar pontos de ligação no meio exterior a fim de exercer sua defesa contra a pulsão que está no isso, encontra um outro recurso, que é o de fomentar esta neoprodução que é alucinação, e que é uma outra maneira de agir, de transformar seus instintos duais. Sublimação a sua maneira, mas que tem grandes inconvenientes.

Temos no delírio constituído de J. a questão da genealogia e da sexuação presente, pois sua constituição delirante que é a questão da sexuação como testemunha de uma filiação obtida e construída fica evidentemente central. Além, de visualizarmos em seu delírio uma tentativa de amarragem, de uma estruturação mais organizada, já que é uma forma encontrada por J. de autofiliação que ele tenta sustentar, a cada momento, em seus argumentos, com sua certeza. Assim, ao mudar de Eu, transformando-se numa nova pessoa, J. tenta obter deste Pai uma significação, uma filiação.

A partir desta perspectiva, o delírio merece um estudo mais aprofundado. De acordo com Freud¹⁴³, o fundamento lógico da criação de um delírio verdadeiro é o indivíduo tomar uma representação-palavra como representação-coisa. No entanto, o delírio mostra-se,

¹⁴¹LAPLANCHE, J.; PONTALIS, B. (1967) *Vocabulário da Psicanálise*. Tradução Pedro Tamen. São Paulo: Martins Fontes Editora, 1988.

¹⁴²LACAN, J. (1955-1956) *O Seminário, livro 3: As psicoses*. Tradução: Aluisio Menezes. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008. P.128.

¹⁴³FREUD, S. (1915) *O inconsciente*. Obras Psicológicas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996. V.14.

segundo Martins¹⁴⁴, como uma evidência do narcisismo e da luta para dar sentido e reconstruir o mundo, assim, trata-se de um segundo momento lógico este processo de reconstrução.

Uma das conseqüências de tomar uma determinada parte do objeto, em específico a dimensão representação-palavra, como a coisa é a ruptura das operações de referência. As palavras passam a ser as coisas modificando a presença do ser-no-mundo. A ruptura desta operação gera algo extremamente grave na economia psíquica do sujeito: os fenômenos tipo *automatismo mental*. Frequentemente, o paciente fala de um período preliminar pré-delirante, de incertezas e de intensa angústia. A este momento pré-delirante (o chamado *trema* de Conrad) segue, em geral de forma repentina, outras vezes progressivamente, uma espécie de clarificação, de revelação radical. O delírio corresponde a este segundo momento [...] de um ponto de vista psiquiátrico, diagnóstico, é importante fazer a distinção entre delírio verdadeiro e idéia deliróide ou pseudodelírio. Além dos critérios de evolução de cada caso, julgamos essencial apontar a necessária existência de sintomas de automatismo mental nas psicoses (diferentemente das produções deliróides) [...] especificamente fenômenos que o sujeito não experimenta como sendo dele, mas que se lhe impõem, logo que *tudo passa a significar, o mundo começa a fornecer indicadores que revelam algo inusitado*. Estamos, nesta situação, *no momento de constituição do delírio*.

Jaspers¹⁴⁵ nos descreve que o delírio é uma transformação da consciência global da realidade, sendo que esta se forma pelas experiências de julgamento. Em suas características, há uma certeza subjetiva na crença delirante, ou seja, uma convicção extraordinária naquilo que se crê. Desse modo, há uma impossibilidade de influenciamento da parte da experiência e de raciocínios constringentes, além de um conteúdo impossível. Assim, são idéias que remontam a uma vivência patológica primária ou exigem, como pressuposição de sua explicação, a transformação da personalidade.

De acordo com o autor, delírio autêntico é incorrigível devido a uma modificação da personalidade, ou seja, este tipo de delírio é produto da cristalização. Do ponto de vista

¹⁴⁴MARTINS, F. *Ensaio acerca dos sintomas simbólicos*: Da cabrita Desvalida ao Senhor do Mundo, e um Pouco de Todos Nós. Brasília: UNB, 2008. Inédito. P. 85-86.

¹⁴⁵JASPERS, K. (1973) *Psicopatologia geral*. Tradução: DR. Samuel Penna Aarão Reis. Volume I. São Paulo: Livraria Atheneu S/A.

psicopatológico, o autor compreende o delírio de quatro maneiras: como rendimento psicológico, ou seja, a inteligência não pode estar alterada e o pensamento dá evidência inabalável onde os demais e mesmo outros vêem engano; fenomenologicamente o que se apresenta é uma vivência baseada radicalmente na estranheza ao indivíduo sadio; conexões geneticamente compreensíveis em que uma crença delirante salva o indivíduo de situações insuportáveis, representando a libertação de uma realidade e proporcionando satisfação específica, em que pode se basear o fato de sua fixação. E por fim, o delírio apresenta-se no seu todo e no mundo dando conteúdo ao delírio e este, por sua vez, o modela penetrantemente. É como se o mundo dos seres humanos pudesse fundir-se na configuração do comportamento delirante.

Com relação às percepções delirantes, Jaspers¹⁴⁶ entende-as como um continuum indo desde vivências de significação imprecisa até os delírios de auto-referência e de observação. Nesse sentido, há uma vivência imediata do significado numa percepção de todo normal e imutável em seu aspecto sensorial.

Nessa perspectiva, J. faz uma construção delirante sobre sua origem, ou seja, há neste caso uma organização particular do espaço onde J. vê seu Eu constituído. Mas o que podemos verificar são enunciados que soam estranho aos nossos ouvidos, ou aos nossos modos de pensar, por isso, temos aí um pensamento delirante. Assim, Aulagnier¹⁴⁷ nos descreve que este pensamento delirante é definido:

a interpretação que se dá o Eu, sobre o que é causa das origens. Origem do sujeito, do mundo, do prazer, do desprazer: o conjunto das questões colocada pela presença destes quatro existentes fundamentais encontrará uma única e mesma resposta, graças a um enunciado, cuja função será a de indicar uma causa que tornará sensata a existência do conjunto. Através desta criação, o Eu mantém um acesso ao campo da significação, criando um sentido lá [...] este postulado, implícita ou explicitamente, se refere à origem de sua estória.

O delírio existe como algo para dar significação à falta de sentido inicial, parecendo estabelecer uma construção precisa e complexa, e contínua, sendo uma construção imaginária

¹⁴⁶JASPERS, K. (1973) *Psicopatologia geral*. Tradução: DR. Samuel Penna Aarão Reis. Volume I. São Paulo: Livraria Atheneu S/A..

¹⁴⁷AULAGNIER, P. (1975) *A violência da interpretação – Do pictograma ao enunciado*. Rio de Janeiro: Imago, 1979. P. 178-179.

de equilíbrio precário tendo sempre que sustentar uma certeza. Certeza esta calcada na perda da realidade objetiva e concreta. Assim, as articulações podem ter o estatuto de um mito para aqueles que seguem e acreditam.

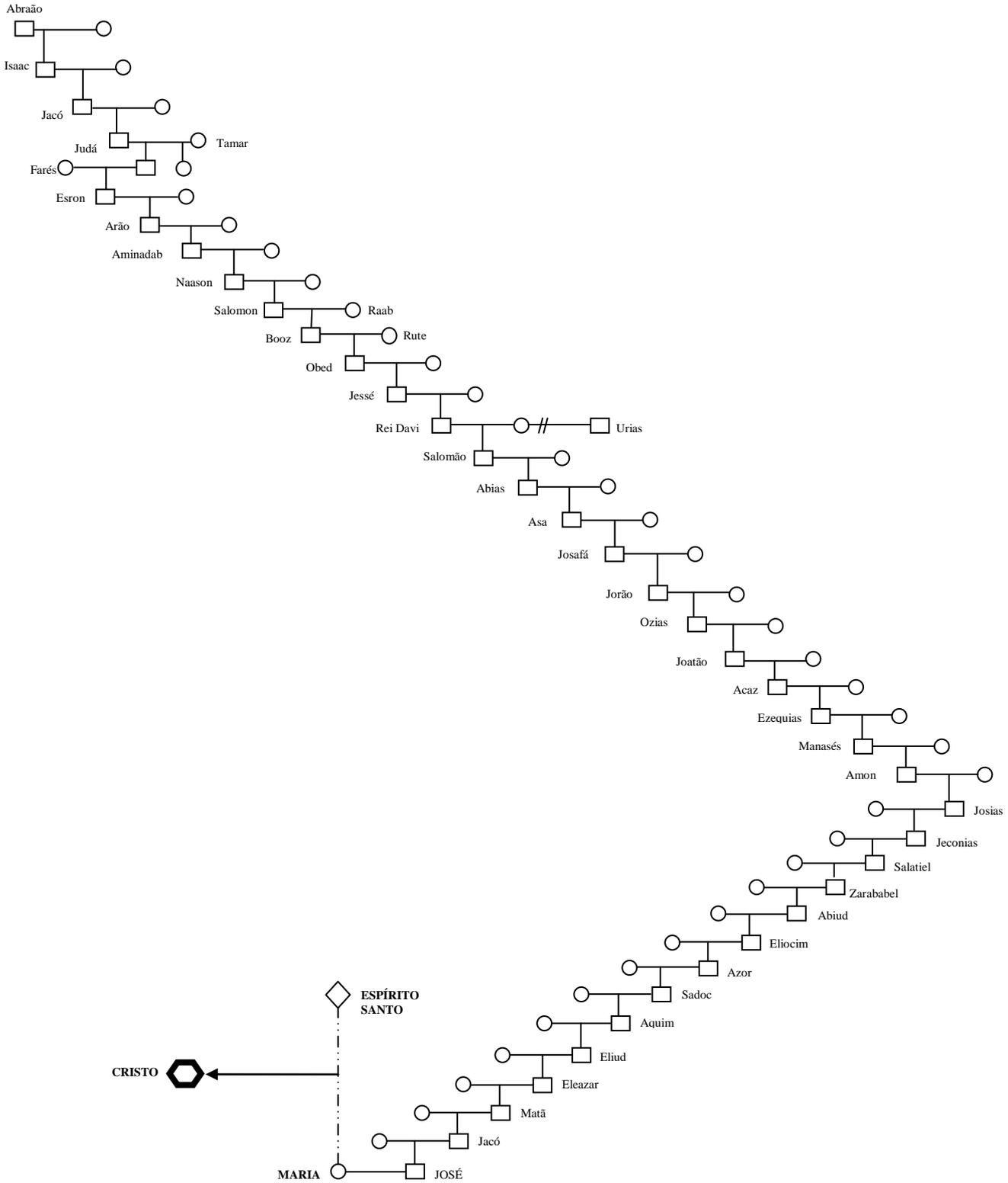
O mito delirante é coadunado com o entendimento que podemos derivar da enunciação. Quem profere as asserções é o mesmo que será reconhecido como o sacerdote máximo, confundido como o médico de todos os médicos, o homem especial, o Ungido [...] o mito tem similaridade com o delírio. Tanto o mito quanto o delírio compartilha a qualidade de tratar das origens, do registro fundador e primeiro, das explicações que ninguém tem para o universo, a vida, a diferença de sexo e assim por diante; apresentam narrativa na qual é solucionado problemas fundamentais; ambas as narrativas são compostos por metáforas que conduzem a narrativa em cenários e personagens diferentes; heróis emergem e se apresentam em momentos decisivos de transformação das diversas situações da narrativa; tanto o delírio quanto a narrativa não são submetidos a provas verificacionais posto que grande parte de suas asserções não são contatáveis: seria ridículo verificar se Eva veio da costela de Adão através de uma prova genética; finalmente, tem-se fé ou não. Seria uma grosseria não apontarmos que o delírio e o mito podem vir a ser também muito diferentes. Assim, o delírio raramente é compartilhado por toda uma comunidade. Estudar quando este é compartilhado é importante então pois pode vir a ser hipoteticamente a base para um mito. Via de regra é porém o delirante que toma mitos quem nome próprio e o refaz ritmo do seu psiquismo. Mito não tem dono. Delírio tem.¹⁴⁸

Uma forma de podermos visualizar a atual família de J. com maior clareza é utilizando o genograma¹⁴⁹, que aqui será utilizado apenas para ilustrar sua estrutura familiar:

¹⁴⁸MARTINS, F. *Ensaio acerca dos sintomas simbólicos*: Da cabrita Desvalida ao Senhor do Mundo, e um Pouco de Todos Nós. Brasília: UNB, 2008. Inédito. P. 85.

¹⁴⁹ “Genograma é um mapa que oferece uma imagem gráfica da estrutura familiar ao longo das várias gerações, esquematiza as várias etapas do ciclo de vida familiar, além dos movimentos emocionais a ele associados.” (MIERMONT, J. & Cols. (1994) *Dicionário de terapias familiares: teoria e prática*. Tradução: C. A. Molina-Loza. Porto Alegre: Artes Médicas)

GENOGRAMA ATUAL DE J. - CRISTO

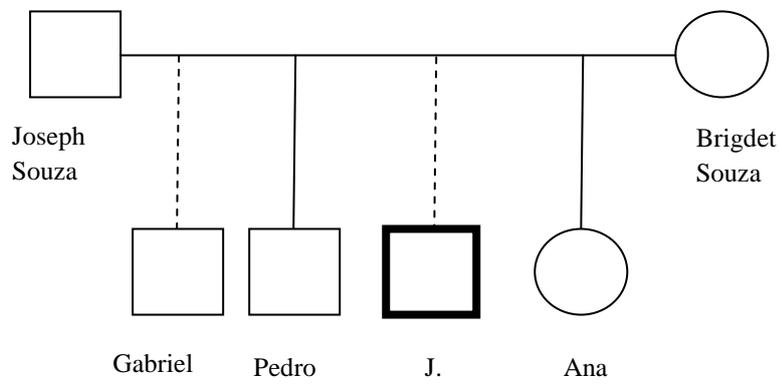


Entretanto, na família em que J. foi criado, ele é o terceiro de quatro filhos do casal, sendo dois biológicos. Com relação a esta família J. nos diz:

“Brigdet teve ao longo de sua vida vários abortos, ela não segurava os filhos na barriga, mas também não gostava de adotar crianças e sim as crianças eram como circunstâncias que apareciam em sua vida.”

Ele nos diz isso quando perguntamos a ele sobre o fato do casal ter dois filhos não biológicos. J. evidencia ao seu modo de ver, a relação do casal com os outros filhos além dele. Para nós, ficava a impressão de que J. era o único filho do casal, era como se não existisse nenhuma outra criança além dele. Essa impressão é dada pela ineficiência do processo de referenciação comum.

GENOGRAMA – J.



Isso significa, segundo Martins¹⁵⁰, que a realidade é um fenômeno essencialmente constituído e experimentado pelo indivíduo em um processo que envolve a mediação para, com isso, poder compartilhar seu mundo interno. Nesse sentido, o autor faz um paralelo entre a produção delirante com a realidade psíquica. Na qual nestes casos existe a construção diferente da realidade com relação a nossa, que pode ser percebida na construção de seu genograma, no sentido de que o genograma é tido como a expressão do modo do indivíduo constituir sua realidade, expressando a potência narcísica de suas fantasias e desejos.

Outro aspecto do qual vemos de muita importância presente nas construções delirantes é a questão da certeza destes indivíduos nestas construções. Trata-se aí de uma certeza radical. Neste sentido, Lacan¹⁵¹ acentua que “eis o que constitui o que se chama, com razão ou sem, o fenômeno elementar, ou ainda, o fenômeno mais desenvolvido, a crença delirante.” O que também podemos verificar nas interpretações que Freud¹⁵² faz de Schreber: “o paciente acha-se repleto de idéias de origem patológica, que se constituíram num sistema completo; são mais ou menos fixas e parecem inacessíveis à correção por meio de qualquer apreciação e juízo objetivos dos fatos externos.” Assim, o delirante se exime de toda referência real.

Nessa perspectiva, Lacan¹⁵³ nos coloca:

O delirante, à medida que ele sobe na escala dos delírios, está cada vez mais certo de coisas postas como cada vez mais irreais. É o que distingue a paranóia da demência precoce, o delirante as articula com uma abundância, com uma riqueza que é justamente uma das características clínicas mais essenciais, e que por ser das mais maciças, não deve mesmo ser assim negligenciada. As produções discursivas que caracterizam o registro das paranóias desenvolvem-se com toda a força aliás, a maior parte do tempo, em produções *literárias* quer dizer simplesmente folhas de papel cobertas com escrita. Esse fato advoga, observam-no, em favor da manutenção de uma certa unidade entre os delírios que se isolou talvez

¹⁵⁰MARTINS, F.; PERCÍLIO D.; MAGALHÃES, A. C.; ANTUNES, C.; VERSIANI, E. & BELTRÃO, I. ([1993]1994) A perda de realidade na psicose – um método de estudo através do genograma. In: *Revista de psicologia, Fortaleza*. V. 11 e 12.

¹⁵¹LACAN, J. (1955-1956) *O Seminário, livro 3: As psicoses*. Tradução: Aluisio Menezes. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008. P. 93.

¹⁵²FREUD, S. (1911) *Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranóia (dementia paranoides)*. Obras Psicológicas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996. V.12. p. 26.

¹⁵³LACAN, J. (1955-1956) *O Seminário, livro 3: As psicoses*. Tradução: Aluisio Menezes. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008. P. 95.

prematuramente como paranóicos, e as formações ditas, na nosologia clássica, parafrênicas.

Assim, todo este colorido em um discurso delirante trata-se de significantes que fazem parte de seu saber, ou seja, não se constroem de forma abstrata. O indivíduo poderá ou não constituir um delírio segundo a singularidade dos significantes paternos que irão veicular a volta no real desta função. “Tem em sua serventia empregar a essa respeito o termo defesa. É claro que o que aparece, no registro da significação, e de uma significação que não vem de parte alguma, e que não se remete a nada, mas uma significação essencial, que diz respeito ao sujeito.”¹⁵⁴

Outro aspecto que Lacan nos traz em sua análise sobre o presidente Schreber é com relação à questão do reconhecimento. O fato de Schreber¹⁵⁵ publicar uma autobiografia, sobre sua loucura relato de longos anos de sua internação, sua loucura onde ele já afirmava que esta se tratava de uma das obras mais interessantes que haviam sido escritas. O que ele nos aponta e vale repetir são seus objetivos expressos no final de sua obra, em que ele, Schreber, reitera os mesmos conforme segue:

Depois de tudo isto não me resta mais nada senão oferecer *minha pessoa ao julgamento dos especialistas, como objeto de observação científica*. Este convite é o *principal objetivo que persigo com a publicação do meu trabalho*. Na pior das hipóteses, resta-me esperar que um dia com a *dissecção do meu cadáver*, possam ser constatadas peculiaridades comprobatórias no meu sistema nervoso...

Temos aí a necessidade do reconhecimento.

Não digamos que o louco é alguém que vive sem reconhecimento do outro. Se Schreber escreve essa obra enorme é justamente para que ninguém ignore a respeito do que ele sofreu [...] isso se propõe justamente um esforço para ser reconhecido. Já que se trata de um discurso publicado, um ponto de interrogação é suscitado pelo que pode bem querer dizer, nessa personagem tão isolada por sua experiência que é o louco, a necessidade de reconhecimento. O louco parece a primeira vista distinguir-se por não ter necessidade de ser

¹⁵⁴LACAN, J. (1955-1956) *O Seminário, livro 3: As psicoses*. Tradução: Aluisio Menezes. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008. P. 106.

¹⁵⁵SCHREBER, D. P. (1842-1911) *Memórias de um doente dos nervos*. Tradução e introdução de Marilene Carone. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1995. P. 326.

reconhecido. Mas essa suficiência que parece caracterizá-lo não deixa de apresentar alguma contradição.¹⁵⁶

Nessa perspectiva, Lacan¹⁵⁷ nos descreve que o indivíduo compõe um mundo no qual ele se situa dentro e no qual ele se organiza para ser o que ele admitiu que ele fosse. E com isso, faz uma construção na qual seu discurso traduz este universo. Entretanto, o que quer que alguém venha falar não pode escapar de se submeter às leis da fala. Lei esta, que na concepção freudiana instala-se na Lei do complexo de Édipo, ali onde, desde o início, a sexualidade humana se realiza por meio e através dela. E onde em meio a esta construção produz-se os três registros da *Verdichtung*, *Verdrangung* e da *Verneinung*. Em que toda a condição humana da realidade submete-se a esta condição primordial, da busca do objeto de seu desejo, que nada o levará a ele. Mas que o indivíduo buscará reencontrar mesmo que de forma alucinada, delirante, como no caso de J. com tudo que comporta o seu eu, suas alienações fundamentais, ou no caso como o que se produz do presidente Schreber.

Assim, mostra-se a psicose. Toda uma significação que não se liga aparentemente a nada na realidade, pois não entrou no sistema da simbolização e que, em função disso, pode em alguns casos não se corresponder a nada e com isso ameaçar toda uma construção de Eu. Mas que não é o caso de J., pois ele consegue, mesmo que de forma falaciosa e imaginária edificar e sustentar seu novo Eu, fazendo laços ao comunicar o seu mundo. Entretanto, de acordo com Lacan¹⁵⁸, esta significação que é rejeitada e projetada reaparece na forma de uma invasão psicótica. Invasão esta, que no caso do presidente Schreber tem relação com a bissexualidade primitiva, pois nosso presidente jamais a integrou de forma alguma. E assim, em um momento culminante de sua existência, isso se revela para ele em sua construção delirante na forma de estranheza que vai progressivamente acarretar uma subversão e remanejamento de seu mundo.

O estudo do presidente Schreber nos remete à dimensão imaginária, ao Ideal do Eu e ao estádio do espelho, uma vez que o delírio mostra o jogo das fantasias, mas que não é forçosamente sem relação com um discurso normal. Com relação a isso nota-se que o

¹⁵⁶LACAN, J. (1955-1956) *O Seminário, livro 3: As psicoses*. Tradução: Aluisio Menezes. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008. P. 96.

¹⁵⁷Ibidem.

¹⁵⁸Ibidem.

indivíduo é capaz de fazer um outro ser participar e de se satisfazer com isso, pois mostra-se um interior de um mundo em que toda a comunicação não foi rompida mas que, ao mesmo tempo, lhe traz um sofrimento violento:

O sofrimento é a tonalidade dominante das relações que ele mantém com eles, e elas implicam a perda de sua autonomia. Essa perturbação profunda, intolerável de sua existência, motiva nele todas as espécies de comportamentos que ele só nos indica de uma forma forçosamente sombreada, mas cuja indicação temos pela maneira como é tratado – ele é vigiado, à noite é trancafiado, privado de qualquer instrumento. Ele aparece nesse momento como um doente num estado agudo muito grave.¹⁵⁹

Na compreensão do delírio, Lacan¹⁶⁰ descreve que sua ordenação final nos permite entender os elementos primários que estavam em jogo, pois assim, “é em que a análise do delírio nos revela a relação fundamental do sujeito no registro no qual se organizam e se desenvolvem todas as manifestações inconscientes.” Freud¹⁶¹ já havia nos dito sobre estas manifestações em seu célebre artigo *O inconsciente* ao salientar a invasão dos processos inconscientes nos sistemas pré-conscientes onde em consequência deste fato a linguagem encontrar-se-á afetada e modificada, pois as palavras são tomadas como coisas. Entretanto, o delírio, segundo Martins¹⁶², é uma construção que visa resolver este problema entre as palavras e as coisas, já que o delírio é uma tentativa de solução de um mundo que está entrando em catástrofe.

Uma vez desencadeado o processo tipicamente psicótico, surge a possibilidade de delírio. A escolha do tipo de psicose fica em íntima dependência deste mecanismo disruptor da constituição do Eu, enquanto evento simbólico essencial. Na paranóia pode ser constatado que o Eu se preserva. Mas esta aparente preservação egóica é relativa, pois o Eu passa a inflar-se, a se inflacionar através da adoção dos predicados mais grandiosos. Certamente, a primeira infância, em especial o Édipo precoce e sua perlaboração constituidora do Eu e do Supereu, são elementos essenciais para a formação disposicional facilitadora deste tipo de psicose [...] dominado por afetos de *terror*, o paranóico reage não somente intelectualmente, mas afetivamente,

¹⁵⁹LACAN, J. (1955-1956) *O Seminário, livro 3: As psicoses*. Tradução: Aluisio Menezes. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.p. 130.

¹⁶⁰Ibidem. P. 146.

¹⁶¹FREUD, S. (1915) *O inconsciente*. Obras Psicológicas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996. V.14.

¹⁶²MARTINS, F. *Ensaio acerca dos sintomas simbólicos: Da cabrita Desvalida ao Senhor do Mundo, e um Pouco de Todos Nós*. Brasília: UNB, 2008. Inédito. P. 87.

reconstruindo através do delírio respostas para experiências e questões impossíveis, posto que dolorosas [...] a paranóia representa uma tentativa de restituição via produção de um sentido novo, constituidor de um saber que busca recobrir questões cruciais [...] por isso julgamos que a observação de Freud é muito arguta, quando explicita existir nas psicoses um processo de retrodesconstrução (*ruckgebildet*) dos investimentos objetivos sublimatórios do passado, ao mesmo tempo que estes são substituídos, via uma nova construção, pelas produções narcísicas.

Temos a construção de um discurso no qual o inconsciente opera de maneira decisiva, ou como Bleichmar¹⁶³ nos escreve, de maneira automática, com juízos totais e uma vez atribuída uma identidade ao sujeito, substitui essa identidade no final do raciocínio por uma proposição de tipo universal. Assim, temos um abuso do pensamento dedutivo, imaginário, em que se chegou a crenças que não dependem da contrastação com qualquer parâmetro externo. Há desse modo, a construção do discurso totalizante.

Outro aspecto mostra-se relevante discutirmos sobre o delírio. Refere-se ao seu desenvolvimento quanto aos tipos de delírios construídos. Freud¹⁶⁴, na análise de Schreber, já nos dizia que a megalomania vinha a partir de delírios de perseguição. Neste sentido, podemos pensar no processo da seguinte maneira:

O paciente é primariamente vítima de um delírio de estar sendo perseguido por forças de máximo poder. Sente então necessidade de explicar isso a si próprio e, dessa maneira, ocorre-lhe a idéia de que ele próprio é personagem muito eminente e digna de tal perseguição. O desenvolvimento da megalomania é assim, atribuído, pelos livros didáticos, a um processo que (tomando de empréstimo a Ernest Jones [1908] uma palavra útil) podemos descrever como ‘racionalização’.

Nesse sentido, a construção paranóica é uma forma de interpretação do pensamento. Essa é uma constituição essencialmente cognitiva na qual o problema do teste e do julgamento de realidade estão relacionados no tipo de construção paranóica.

¹⁶³BLEICHMAR, H. (1985) *O narcisismo – estudo sobre a enunciação e a gramática inconsciente*. Tradução: Emília Diehl e Paulo Ledur. Porto Alegre: Artes Médicas.

¹⁶⁴FREUD, S. (1911) *Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranóia (dementia paranoides)*. Obras Psicológicas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996. V.12. p. 57.

Ao trocar seu nome, J. faz em ato a mudança, transformação, ocorrida com seu Eu, pois o nome possui uma articulação íntima com o Eu do sujeito. O nome, segundo Martins¹⁶⁵, é uma identificação da pessoa, marca seu chamamento e transborda de muito esta perspectiva de servir somente como referência do sujeito, pois ele passa a constituir o cerne daquilo que o sujeito mais preza, seu próprio Eu. Além de trazer consigo o Édipo da pessoa, introduzindo-o em uma árvore genealógica.

Percebe-se que J. não escolhe qualquer nome, ele escolhe um nome que fez e faz história, um nome que durou séculos e que ainda permanecerá durando muitos anos. Seu Eu, nesse sentido se torna imortal, pois passa por gerações. O que não o faz sentir-se submetido às angústias de morte, sendo um ser para morte nas formulações heideggerianas ou, como a psicanálise nos coloca, a angústia da castração.

Há a regressão narcisista pelo retorno da libido sobre o Eu, que se torna megalomaniaco com a fantasia de imortalidade implicitamente presente corroboram para a sensação de Nirvana, o paraíso perdido, onde tudo se pode e tudo é possível.

A crença na imortalidade está, portanto, enraizada no Eu inconsciente. A razão de ser desta topografia é a sexualização das pulsões do Eu. O não-reconhecimento da morte no inconsciente escolheu como domicílio o Eu. Mas como o Eu é também consciente – necessidade obriga – a instância garantidora da racionalidade que se sabe mortal pela sua relação com a realidade externa, carrega nas suas dobras um forro megalomaniaco, pronto para se inchar até eclipsar o outro, às vezes pelo inocente prazer de ficção, em outras pela sustentação da fé. Este reverso se revela na psicose.¹⁶⁶

2.7 O discurso delirante

Nessa parte de nosso trabalho, iremos descrever a narrativa com base na paranóia. Ou seja, a relação que ocorre no discurso do sujeito. Entendemos que, para apreender o delírio,

¹⁶⁵MARTINS, F. (1991) *O nome próprio: da gênese do Eu ao reconhecimento do outro*. Brasília, DF: Editora Universidade de Brasília.

¹⁶⁶GREEN, A. (1988) *Narcisismo de vida, narcisismo de morte*. Tradução: Cláudia Berliner. São Paulo: Editora Escuta. P. 285.

devemos nos permitir fazer uma análise das sentenças delirantes, já que estas vêm para ilustrar a realidade do indivíduo por meio de sua forma lógica. Pois o que percebemos ao longo de nossa caminhada é que aqui, na paranóia, o indivíduo vem demonstrar justamente a falha na constituição dos limites de seu mundo particular e, concomitante a isso, uma perda na possibilidade de afiguração lógica dos fatos. Desse modo, temos:

[...] a psicose implica numa degradação da imagem que o indivíduo faz para si do mundo exterior. Se a psicose em geral é uma perturbação da relação entre o eu e a realidade exterior, o discurso psicótico será um discurso que fracassa em seu trabalho de evocação dessa realidade, dito de outro modo, em seu trabalho de referência. Esse fracasso de referência pode assumir várias formas. Primeiramente, no caso mais simples e para nós marginal, o doente pode refugiar-se no silêncio, na recusa de falar – e, com mais forte razão, referir-se a qualquer coisa. Em segundo lugar, o processo de referência pode realizar-se normalmente, mas o mundo ao qual se refere não terá para nós, não-psicóticos, existência real, uma vez que nenhum índice no próprio discurso permite deduzir que ocorra algo semelhante com quem o profere. A referência se faz, mas num mundo imaginário, ou antes, num mundo em que a diferença entre real e imaginário é apagada.¹⁶⁷

Nesse sentido, é muito perceptível a sensação de estranheza que estas pessoas nos causam e isso é muito comum ocorrer com relação às vivências delirantes, pois o que ocorre é o relato de vivências não compartilhadas pela maioria das pessoas, o que podemos dizer como uma das razões por elas serem delirantes. O que acaba ocorrendo nestes casos seria um ataque às coisas que o indivíduo fala. Temos, então, de acordo com Todorov¹⁶⁸, um discurso muito semelhante ao dito normal, sendo que uma diferença importante reside no fato de os referentes evocados não terem forçosamente para nós existência real.

Assim, nada é desprovido de sentido, o paranóico percebe o que ocorre ao seu redor só que acaba por ver coisas além das que realmente existem, pois também vê coisas das quais nós não suspeitamos. Essa diferença de atitude pode ser traduzida para o discurso:

[...] com o aparecimento de índices apropriados, quer lexicais (como o subtítulo “conto maravilhoso” ou o uso do convencional “era uma

¹⁶⁷TODOROV, T. (1980) *Os gêneros do discurso*. Tradução: Elisa Angotti Kossovitch. São Paulo: Martins Fontes.P. 75-76.

¹⁶⁸Ibidem.

vez”), quer fonéticos (fatos de entonação e de expressividade sonora), quer finalmente não-verbais (gestos ou situações que indicam a qualidade do discurso que se segue ou precede). O discurso paranóico é desprovido desses índices (ou então, quando eles aparecem, são incoerentes) [...] é paranóico quem perde a possibilidade de distinguir entre ficção e verdade (e portanto de verificar suas interpretações; dito de outro modo, é quem perdeu o uso dos indicadores que serve para distinguir os dois.¹⁶⁹

Assim, nessas construções delirantes, não vemos uma incapacidade do sujeito em realizar asserções bem construídas sintaticamente e dotadas de força ilocucionária, ou seja, comprometer o falante com o fato de algo ser o caso, com a verdade da proposição expressa. Há, como vimos, uma afirmação da crença radical em relação às proposições realizadas. As palavras se ajustam ao estado de coisas supostamente presentes no mundo empírico. Elas têm como função representar esse mundo, mas há nítida falsidade dos conteúdos proposicionais asseridos.¹⁷⁰

Há uma radical produção de referentes que não estamos de acordo sobre a sua existência real ou imaginária. O delirante está em discordância sobre as mesmas coisas do mundo e das explicações que temos acerca delas. Ele cria um mundo novo a partir do seu ponto de vista e dos seus desejos sem maiores considerações a respeito do que os outros pensam. Diz-se que o que é possibilidade lógica é tomada como realidade e verdade, assim, há a possibilidade de se instalar a discordância acerca da realidade.¹⁷¹

Outro aspecto neste tipo de fala é a importância do pronome ‘ele’ que neste quadro sintomatológico fica evidente segundo Martins¹⁷², pois ‘ele’ é elemento essencial para a elucidação da questão da estranheza nestes casos e da construção delirante. Devido a sua indeterminação e a falta de referenciais, objeto referido, ‘ele’ entra como ameaçador. Há um mundo inseguro, afastado daqueles que podem amá-lo, assim, passa a ocorrer uma preocupação extrema com ele, pois há ao mesmo tempo uma degradação da situação de

¹⁶⁹TODOROV, T. (1980) *Os gêneros do discurso*. Tradução: Elisa Angotti Kossovitch. São Paulo: Martins Fontes. P. 77.

¹⁷⁰MARTINS, F. & PÔRTO, K. “O delírio a luz das teorias dos atos de fala.”. In: *Psicologia, reflexão e crítica*. Porto Alegre: 2000. V. 13. N 1.

¹⁷¹ MARTINS, F. & COSTA, A. C. “Quem são eles?” In: *Psicologia: Teoria e pesquisa*. Brasília: editora, 2003. V. 19. N.1.

¹⁷²Ibidem.

interlocução, já que todos podem vir a ser ele e desaparecer o alocutor. Temos então em seu discurso o ‘tu’ que o sujeito iria dirigir a palavra que é virtualmente um ‘ele’. Assim, há uma demolição deste alocutor, crescendo o ‘eu’ e o ‘ele’. Desse modo, pairam sobre o ‘eu’ possibilidades infinitas de ataque e afetação.

Em alguns casos, vemos um investimento desmesurado de um lugar de autoridade e reconhecimento resultantes de uma alto-declaração. Toda produção delirante encontra-se submetida a esta lógica de construir um mundo imaginário dotado de valor de verdade próprio, utilizando-se verbos declarativos.¹⁷³

Nesse contexto, vemos o delirante proteger-se da desintegração do pensamento na medida em que faz referências em um processo desenfreado de predicacões narcísicas e desse modo pressupomos seus referentes em outra lógica. O indivíduo evita a desintegração esquizofrênica ao construir um local de referimento para si próprio em que seu próprio Eu é a medida de seu mundo, e assim fica fechado em um mundo de asserções imaginárias.

É notável ao se colocar como primeira pessoa no espaço de interlocução o processo desenfreado de atribuições de qualidades especiais, estas sendo extraordinárias, grandiosas e realizadas pelo indivíduo. E com isso, não se respeita a lógica dos fatos referidos. Como já apontamos em parágrafos anteriores, seus relatos são compreensíveis na sua formalidade de estrutura e em seu conteúdo, mas só aceitáveis em um contexto de ficção. Nesta forma, ao indivíduo é suficiente a predicatividade para assegurar o valor de verdade do proferimento.

As referências objetivas que dizem respeito ao mundo, em que há uma realidade social compartilhada e são pressupostos em qualquer teoria de referência falham na construção de referimento do mundo destes indivíduos, pois o que temos é um processo ativo de atribuição de qualidades à instância que representa a primeira pessoa. O delírio surge no momento em que o indivíduo é o referente em questão, e um referente especial construído a partir de uma lógica desenfreada de auto-intitulações megalômanas.

¹⁷³MARTINS, F. & PÔRTO, K. “O delírio a luz das teorias dos atos de fala.”. *In: Psicologia, reflexão e crítica*. Porto Alegre: 2000. V. 13. N 1.

Temos, nestas situações, um espaço criado de unidade discursiva comum, pois é possível a outra pessoa se colocar como um parceiro neste ato de comunicação. Entretanto, esta situação é imaginária, já que esta outra pessoa existe somente como uma mera testemunha de tudo o que o megalômano vive.

Nos diferentes tipos de delírio, construções diferentes são articuladas, uma vez que a transformação gramatical resume, ou melhor, relaciona a fantasia – delírio, que o indivíduo constrói.

Freud colocando-se à parte do efeito de fascinação característico da imagem, pende em todas as suas análises clínicas da fantasia a fazer uso da gramática e das transformações proposicionais que uma frase originária sofre, correspondendo cada cena imaginária a uma proposição transformacional diferente. Desta maneira colocando em evidência não a imagem, mas a gramática, Freud tenta dar conta da realidade existente nas fantasias, nos sintomas, ou seja, nas diversas formações do inconsciente, e a fortiori no comportamento fantasioso que contribui na formação da realidade psíquica. Em termos lacanianos, seria esta a articulação entre o imaginário e o simbólico. Em termos freudianos a realidade constituída pelos desejos inconscientes representada pela fantasia que tenta exprimi-los em articulação com a realidade material (*Wirklichkeit*).¹⁷⁴

Nessa perspectiva, os enunciados construídos pelo indivíduo podem ser tomados como uma história construída por ele a partir do momento que neste relato ele fala de si mesmo. Assim, um processo vai se construindo num movimento enunciativo em que os verbos são importantes, pois dizem da relação existente do registro da constituição do Eu e com o conceito de narcisismo. E mais além: “[...] de imediato a relação destes destinos pulsionais com o verbo (e suas flexões), compreendendo a questão como pertencente a um campo comum da linguagem e da pulsão, ou seja, de apreender, as transformações desta ‘linguagem pulsional’.¹⁷⁵

Freud¹⁷⁶, em seu artigo sobre o presidente Schreber, ao falar sobre o mecanismo da paranóia, nos descreve que “as principais formas de paranóia podem todas ser representadas

¹⁷⁴MARTINS, F. (1991) *A gramática da fantasia*. Brasília: Editora Universidade de Brasília. p. 11-12.

¹⁷⁵Ibidem, p. 32.

¹⁷⁶FREUD, S. (1911) *Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranóia (dementia paranoides)*. Obras Psicológicas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996. V.12. p. 71.

como contradições da proposição única ‘*eu (um homem) o amo (um homem)*’, e que, na verdade, exaurem todas as maneiras possíveis em que tais contradições poderiam ser formuladas.”

Desse modo, temos a proposição ‘*eu (um homem) o amo*’ contraditada nos seguintes casos, onde Martins¹⁷⁷ elaborou o seguinte quadro exemplificando o que Freud havia nos dito:

¹⁷⁷MARTINS, F. & PÔRTO, K. “O delírio a luz das teorias dos atos de fala.”. *In: Psicologia, reflexão e crítica*. Porto Alegre: 2000. V. 13. N 1.

QUADRO SINÓPTICO PARA UMA ANÁLISE TRANSFORMACIONAL DA FANTASIA DE SCHREBER

Tempos	Primeiro Tempo	Segundo Tempo
Originários	(Contradição)	Projeção, prolongamentos em justificativas, racionalizações etc.
	Delírio de Perseguição	“Ele me odeia...assim, eu o odeio ou ele me persegue... porque ele me persegue.”
“Eu (um homem) o amo (<i>Ich liebe ihm</i>).”	Contração Verbo Delírio erotomaníaco	“Eu o odeio.”
“Amar um homem.”	Contração de objeto Delírio de ciúmes	“Eu a (uma mulher) amo.”
“(Den Mann zu Lieben”)	Contração sujeito Delírio	“Ela o ama.”
	megalomaníaco	“Eu amo nada e ninguém eu só amo a mim mesmo.”
	Contração da proposição inteira	

2.6 Conclusão

Diante de uma realidade dura na qual falamos de frustrações bem primitivas, J. cria mecanismos para se defender. Estes o afastam de sua pessoa comum e, com isso, ele perde esta realidade simplista para deixar-se inundar por outra em que existe como alguém especial. Assim, o delírio torna-se a base que dá sustentação a esta nova vida que J. passa ter e onde encontra aos poucos um sentido e lugar para si mesmo. Entretanto, esta vivência é imaginária e para que J. consiga compartilhar ele cria mecanismos nos quais iremos detalhar no próximo capítulo.

Capítulo III

O MESSIAS:

O DEVENIR DE UM DELIRANTE BEM SUCEDIDO

3.1 Introdução

Esse capítulo mostra a manutenção do messias J. e também de sua Igreja. Temos aqui o sucesso do delírio de J. pelos encontros de discípulos que lhe amam e se instituído como Totem deificado de uma nova religião.

De acordo com Queiroz¹⁷⁸, “o messias é alguém enviado por uma divindade para trazer a vitória do Bem sobre o Mal, ou para corrigir a imperfeição do mundo, permitindo o advento do Paraíso Terrestre, tratando-se, pois de um líder religioso e social.” Para Martins¹⁷⁹:

...o messias é alguém portador de um carisma pessoal, portador de uma mensagem diferente da religião oficial do contexto em que ele está inserido (no caso do Brasil, o Catolicismo), em que aponta os seus desvios a aponta soluções, quase sempre no futuro, mensagem que encontra guarida nos ouvidos desesperançados, que vêem neste pregador um líder merecedor de suas mais profundas esperanças.

Assim, os messias constroem movimentos que muitas vezes são capazes de arrastar multidões. Estes aglomeram pessoas com diferenças das mais variadas e em prol de um idéias comuns se juntam e lutam para que estes sejam colocados em práticas.

De acordo com Queiroz¹⁸⁰, o autor em quase todo movimento messiânico traz encravado em si uma condenação ou recusa da sociedade em que vive, apresentando uma proposta de regeneração da mesma. Diferente dos políticos que procuram transformar as estruturas sociais, os movimentos messiânicos procuram fugir da sociedade corrompida,

¹⁷⁸QUEIROZ, M. I. P. (1965) *O messianismo no Brasil e no mundo*. São Paulo: Editora Universidade de São Paulo. P. 5.

¹⁷⁹MARTINS, E. (2006) *Inri Cristo' e seus discípulos: um estudo sociológico das motivações na adesão ao movimento messiânico*. Tese de doutorado. São Bernardo do Campo. Universidade Metodista de São Paulo, UMESP.

¹⁸⁰QUEIROZ, M. V. (1977) *Messianismo e conflito social: a guerra sertaneja do Contestado*. 1912-1916. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

crendo na transformação sobrenatural do mundo, da ordem das coisas, o que acaba por ser uma proposta alienante. Neste sentido, ele¹⁸¹ descreve:

Em que um maior ou menor número de pessoas, em estado de grande exaltação emotiva, provocada pelas tensões sociais, se reúnem no culto a um indivíduo considerado portador de poderes sobrenaturais, e se mantêm reunidos na esperança mística de que serão salvas de uma catástrofe universal e (ou) ingressarão ainda em vida num mundo paradisíaco: a terra sem males, o reino dos céus, a cidade ideal.

3.2 A constituição de uma nova morada

No momento em que J. passa a ter consciência de sua identidade e missão, revelada por seu Pai, Senhor e Deus, compreende sua responsabilidade ao entender o significado de sua condição, do seu nome e da difícil missão que lhe foi conferida. “...quando jejuava a voz se lhe revelou dizendo ser seu PAI, SENHOR e DEUS de Abraão, de Isaac e de Jacob. Desvendou-lhe sua verdadeira identidade.”

Notamos como, ao longo dos anos, J. buscou explicações para os fenômenos que vivenciou, desde as situações mais simples até as mais complexas em sua vida, como sua origem. E à medida que as encontra ele vai através de atos tentando confirmar todas estas explicações que encontrou e em que não teve escolha, pois lhe foram impostas.

A entidade religiosa

O movimento liderado por J. possui muitas características que serão descritas a partir de agora. Sob ordens de seu Pai, Senhor e Deus, ele nomeia sua entidade utilizando símbolos da Igreja Católica.

Tudo se inicia no dia 28 de fevereiro de 1982 no ato libertário em uma catedral. Neste momento, o senhor lhe diz que aquela, Igreja Católica Romana, não era sua casa e que neste sentido ele deveria instituir seu reino. Com relação ao surgimento da entidade, ele nos diz:

¹⁸¹ QUEIROZ, M. V. (1977) *Messianismo e conflito social: a guerra sertaneja do Contestado*. 1912-1916. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. p. 287.

“Foi fundada por ordem do Pai, Deus, que ele deu para o filho, primogênito eu, e que terá para a iluminação o Espírito Santo”

Após este fato, J. começa sua luta para que sua nova casa seja criada. Para tanto, lá mesmo, ele consegue sua primeira discípula. Juntos, dão início a construção de seu novo reino que é oficializado somente em Rio Vermelho, em 20 de abril de 1982, sendo gerido e regido por normas estatutárias, criadas por ele sob ordens de seu Pai, Senhor e Deus, pois segundo J., existe a Lei divina dentro do seu reino que é a Lei criada por ele, sob ordens de seu Pai, que deve ser obedecida de qualquer maneira. Pois como ele diz:

“Sou o regente do Reino de Deus. Uso o trono que o Senhor me deu na revolução, desse modo sou o guardião das regras. O que mando fazer é aquilo que meu Pai manda que seja feito. Não tenho interesse em nada, não quero nada, quero ensinar a lei de meu pai.”

Assim, cria-se um edital que é o divino regulamento disciplinar perpétuo do reino, em que se inicia dizendo que o J., chamado de Rei, não irá em hipótese alguma submeter-se ou aceitar à vontade de nenhum dos integrantes do reino. Ao contrário, ele deve ser reverenciado, temido e amado por seus integrantes. Sua vontade é a Lei máxima, pois só ele sabe, deve e pode decidir o que é bom para todos ali. Somente J. decide quando receber alguém em sua intimidade e caso algum integrante o faça sem sua permissão, ele, o Rei, poderá impor uma disciplina ao infrator, que em caso de reincidência será posto para fora por não saber respeitar a ordem estabelecida.

Inicialmente, para fazer parte dessa religião como discípulo, a pessoa entra em contato com J. que avalia, sob ordens do Senhor Deus, como é o ingresso desta na instituição, pois como ele mesmo diz: *“Meu pai que estabeleceu os critérios para separar o joio do trigo. Ele foi me mostrando.”* Ou seja, como será o processo desta desde o período de neófito, aquele estudante das coisas de Deus, até chegar no aspirante, onde a pessoa já possui um aprofundamento da Lei e uma intimidade com o divino, já que descobriu o gozo da obediência, fidelidade, humildade e adoração ao inefável. Nesta fase, J. observa se há uma entrega total e perseverante por parte do discípulo, descartando o livre arbítrio e lhe concedendo por sua vitória uma pedrinha branca com um novo nome escrito que na cerimônia de ratificação do juramento é ativado com uma vestimenta azul, o boldré – um sintoma para

prender a túnica que pode mudar de cor de acordo com as graduações internas e o kipá – chapéu que simboliza o estado de estar abaixo de Deus.

Aos discípulos, cabe não cultivar os defeitos e vícios a seguir: irreverência, displicência, desobediência, infidelidade, lerdeza, raciocínio lento, esquecimento, preguiça, incompetência, incoerência, irresponsabilidade, desleixo, anti-higiene, escravidão da carne em todos os sentidos, mesquinhez, tacanhez, ciúme, inveja, ressentimento, animosidade, orgulho, mentira. Caso o discípulo cultive tais defeitos e vícios, ele não gradua, ou seja, pode não receber a túnica azul que simboliza um grau de hierarquia superior.

Já o discípulo que se encontra em ascensão deve possuir virtudes que o irão elevar à graduação como, por exemplo: humildade, responsabilidade, simplicidade, reverência com o SENHOR, brio, versatilidade, competência, destreza, obediência, fidelidade e autenticidade.

J. diz que seu reino é um reino de luz no qual:

“No reino de Deus, os filhos obedientes tornam-se cada vez mais belos e inteligentes porque neles a luz resplandece, enquanto os desobedientes e infiéis ficam cada vez mais feios, estúpidos, tacanhos, néscios e imbecis, deixando vazar as mencionadas virtudes para os filhos obedientes e fiéis.”

Assim, temos em seu reino um pequeno número de pessoas que acreditam em sua mensagem e com isso, J. cria sua própria igreja em 1982 na periferia de Rio Vermelho onde era sediada em propriedade simples, possuindo vários locais que serviam de templo, moradia do líder e dos discípulos e escritório do movimento.

Nas palavras de J., sua entidade religiosa é a única igreja de Cristo na Terra. A única e verdadeira que será dirigida, orientada, em seu aspecto litúrgico e religioso por ele. Assim, constitui-se o reino de Deus sobre a terra, cumprindo a promessa do Evangelho efetuada há dois mil anos. Neste aspecto, a entidade tem por finalidade principal a salvação da humanidade, prática do bem, ensino religioso, obras filantrópicas e respeito às leis do país onde se situa.

A denominação dada por J. à sua entidade religiosa como a única e verdadeira é, segundo ele, em função da corrupção da Igreja Católica e que, por isso precisa ser combatida.

Mas somente ele é apto para criticar a Igreja romana, pois ela é sua filha e cabe ao pai julgar a filha rebelde. Ele a declarou proscrita, ela desobedeceu às suas ordens, violou a Lei de Deus e se prostituiu. Neste sentido, estas igrejas não possuem a aprovação de Deus. Segundo ele, apesar das inúmeras igrejas terem se espalhado pela terra elas não possuem sua bênção nem a de Deus, mas ele não se empenhará em destruí-las porque elas nasceram mortas em função de não terem origem, não representarem a lei de Deus e, portanto não serem Cristãs.

Para afirmar sua entidade como a verdadeira igreja, J. diz se justificando que em 24/09/1983 o Supremo Criador do Universo lhe mandou que se dirigisse pessoalmente ao Vaticano. Na ocasião, ele pronunciou a frase: *“Seque árvore enferma, seque! Seque para que a boa árvore que eu plantei viceje e me dê, e aos meus filhos, os frutos que tu me negas!”* A boa árvore que o Senhor denomina é sua entidade.

Arca de Noé

Atualmente, J. e seus discípulos encontram-se em outra cidade. Isso em função da ordem que o Senhor lhe deu dizendo que esta nova cidade para a qual eles deveriam ir é a Nova Jerusalém e que lá ele e seus discípulos deveriam fundar uma nova sede.

Assim, eles moram em uma chácara neste novo local, toda cercada por cerca elétrica e com cachorros soltos em seu interior. Esta possui um terreno bastante amplo, onde eles construíram três casas: duas para os discípulos (uma para as mulheres e outra para os homens) e uma, a terceira, para visitantes. Há uma quarta casa na qual J. recebe visitas e dá suas audiências depois que a pessoa já passou por uma triagem. Nesta casa, em que as audiências acontecem, existe uma sala que possui um tablado com uma poltrona vermelha, onde ele senta para falar aqueles que estão ali. Ao lado desta poltrona tem um espelho no qual J. costuma se olhar durante as cerimônias.

Há também uma espécie de templo pequeno e dividido em dois. De um lado, fica um palco, tablado, que separa J. dos fiéis. Em cima do altar, somente ele quem fica, os fiéis precisam estar sempre com os olhos levantados para lhe ver. Este altar é coberto por uma cortina vermelha que permanece fechada até que ele apareça. Aberta a cortina, existe uma

grande cadeira de madeira, que eles denominam de trono, com um escrito entalhado no encosto dizendo que ele é o Rei dos Reis. Nos braços da cadeira há inscrições em latim.

Nesse terreno, eles cultivam frutas, verduras e hortaliças para o próprio sustento. J. e seus discípulos são vegetarianos e eles só compram alimentos que lhes são estritamente necessários, pois gostam de produzir sem agrotóxico tudo que comem. Fazem desde o pão, leite de soja e queijos. Eles assinam revistas de comidas vegetarianas. J. é extremamente preocupado com o corpo, alimentação e saúde. As pessoas que vivem dentro da entidade possuem um estilo de vida muito rígido, pois ele, J., controla sob mãos de ferro tudo lá dentro, desde a maneira de vestir, o que comer, como falar, se comportar, horários e funções a serem exercidas.

Dentro do que acreditam, todos eles possuem uma vida coerente, pois seguem à risca o estilo de vida que pregam. Eles têm o costume de estar sempre dentro das notícias que estão acontecendo, vêem diariamente o jornal, acessam sites de informações, lêem muitos livros sobre a história da humanidade, do Brasil, das religiões, assim como também se informam sobre o tipo de alimentos mais saudáveis.

As discípulas, total de 25, são maioria dentro da entidade e estão sempre arrumadas, maquiadas, com cabelos bem cuidados e compridos. Suas túnicas estão sempre limpas e bem passadas. Quando frio, elas vestem casacos com emblema da entidade. São muito educadas e comunicativas. Em todos os nossos encontros, elas serviam algum lanche, nos davam explicações de alimentação, dicas de alimentos que poderiam ser usados no auxílio de doenças e também, serviam comida para J. Ele tinha um sino que ficava ao seu lado e sempre que tocava elas apareciam e lhe perguntavam se ele precisava de alguma coisa.

De acordo com J., seus discípulos devem estar muito atualizados, por dentro de tudo o que acontece no mundo, saber como é a realidade. Há uma sala na entidade com quatro computadores, acesso à internet, impressoras, fax e telefone. Alguns discípulos ficam conectados diariamente atualizando o site que existe na net e respondendo as perguntas de internautas.

Há um aspecto que chamou muito nossa atenção. É a questão da limpeza do local. Tudo é muito limpo e organizado. Desde as hortas, passeios dentro do terreno, roupas dos

discípulos e as casas. Nestas, o chão brilha. Há um cheiro agradável por todo o terreno. Nossa sensação, na maioria de nossos encontros, era de que estávamos em outra realidade. Todos sempre se apresentavam muito alegres, solícitos. Tínhamos, em muitos momentos, a sensação de que éramos convidados a fazer parte do grupo, não só estarmos ali pela pesquisa.

Quando a entidade ainda era em Rio Vermelho ocorriam reuniões aos sábados. Uma às 16 horas que era mais reservada e destinada aos discípulos e outra às 17 horas destinada aos visitantes e àqueles em que estão no processo de se tornarem discípulos. Atualmente, ele não faz mais reuniões semanalmente destinadas aos visitantes a não ser quando estes o procuram e ele os recebe, mas permanece ainda a outra reunião. O que nos faz pensar que J. e seus discípulos vão se fechando a pessoas nas quais não possuem alguma intimidade.

Contudo, J. freqüentemente é chamado por programas de televisão para falar sobre si e sua instituição. Nestes, muitas perguntas lhe são feitas e podemos notar que J. criou mecanismos para lidar com este tipo de situação, pois na maioria das vezes ele é caçoado. Assim, para lidar com estas situações, J. reage a elas como se isto não ocorre, ou melhor, para ele realmente não ocorre pois não as percebe. Temos aí mecanismos que J. criou para não estar vulnerável ao outro. O que não deixa de serem situações difíceis para J., pois como ele mesmo nos disse:

“Sair daqui de dentro da instituição é muito difícil, conturbado, para mim. O que acaba exigindo muito de minha pessoa.”

J. nos disse isso dias depois de uma viagem onde foi entrevistado em um programa de TV. Ao nos falar dessa dificuldade, lhe perguntamos a que ele se referia e ele relacionou ao transporte e alimentação, seguiu dizendo que iria sair o menos possível para não ter este tipo de transtorno. Entretanto, são em eventos como este que J. se torna conhecido e divulga sua entidade ao pregar sua palavra. O que em muitos momentos faz com muita coerência ao falar sobre doenças, acolher o sofrimento e angústia alheios e alertar sobre as catástrofes e males da humanidade. Assim, J. cumpre sua missão ao mostrar o caminho para a salvação, cuidando e profetizando daqueles que com ele fazem uma aliança. Como ele mesmo diz: *“Sou pai e mãe para aqueles que ao meu lado vivem.”*

3.3 Religião e psicopatologia

De acordo com Dalgarrondo¹⁸², a religião é uma condição humana, pois o homem encontra consolo, refúgio, autoridade e participação social nela. Diante do medo da morte e da dor da vida, os homens precisam de Deus e da fé n'Ele para que sigam vivendo. Neste sentido, a religião nasce da necessidade moral humana, baseada no pai que a protege. Vergote¹⁸³ descreve que a religião através de uma regressão promove o reencontro com o pai simbólico, este que protege contra a doença, a fome, a natureza e o perigo dos outros. Assim, temos que “a experiência da infelicidade põe em ação o desejo de ter o bem-estar protegido por uma força sobrenatural, uma espécie de anjo da guarda ou figura paterna forte de origem mais ou menos divina.”¹⁸⁴

Freud¹⁸⁵, em seu artigo, *Totem e Tabu*, fala da origem da religião na qual a compara com a relação entre pai e filho. Neste texto, o anseio pelo pai constituía a necessidade da religião, pois Deus era o pai exaltado. Entretanto, no mesmo, Freud não tem pretensões de explicar sobre as origens da religião, mas sim do totemismo o que retomaremos mais adiante. Mas em outro artigo, *O futuro de uma ilusão*¹⁸⁶, no qual Freud aponta com maior clareza os vínculos desta união entre os três motivos manifestos: complexo paterno, desamparo e necessidade de proteção do homem.

Assim, seu anseio por um pai constitui um motivo idêntico à sua necessidade de proteção contra as conseqüências de sua debilidade humana. É a defesa contra o desamparo infantil que empresta suas feições características à reação do adulto ao desamparo que ele tem de reconhecer – reação que é, exatamente, a formação da religião.¹⁸⁷

Nessa perspectiva, Freud escreve que as idéias religiosas são ensinamentos e afirmações sobre fatos e condições da realidade externa ou interna, que dizem algo que não

¹⁸²DALGALARRONDO, P. (2008) *Religião, psicopatologia e saúde mental*. Porto Alegre: Artmed.

¹⁸³VERGOTE, A. (2001) “Necessidade e desejo da religião na ótica da psicologia.” In: PAIVA, G. J. (org.). *Entre necessidade e desejo*. São Paulo: Loyola.

¹⁸⁴VERGOTE, A. (2002) *Modernidade e cristianismo – interrogações e críticas recíprocas*. São Paulo: Edições Loyola. P. 96.

¹⁸⁵FREUD, S. (1913) *Totem e Tabu*. Obras Psicológicas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996. V.08.

¹⁸⁶FREUD, S. (1927) *O Futuro de uma Ilusão*. Obras Psicológicas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 2007. V. 21.

¹⁸⁷Ibidem. P. 26.

descobrimos por nós mesmos e que reivindicam nossa crença. E estes já eram acreditados por nossos antepassados, pois possuímos provas que foram transmitidas desde os tempos primeiros como, também, fala-se que é totalmente proibido levantar questões sobre sua autenticidade.

Desse modo, ele questiona onde reside a força interior dessas doutrinas e a que devem sua eficácia, independente, como é, do reconhecimento pela razão até porque podemos acentuar aqui que, segundo Ockham¹⁸⁸, religião e ciência são campos divergentes. Assuntos religiosos devem permanecer assim, somente como fenômeno religioso. Fé e razão são campos sem interseção e, nesse sentido, não pensamos que espiritualidade ou religiosidade são conscientes e atrapalhe o julgamento de questões científicas. Ockham sintetiza seu pensamento no princípio da parcimônia em que almejou estabelecer um juízo objetivo para a prevalência de uma teoria sobre outra. Se uma teoria é suficiente para explicar determinado fato com certo número de premissas, seria supérfluo e incoerente dar azo a uma nova que traga um maior número de premissas e que seja, portanto, mais complexa. É importante ressaltarmos aqui que este pressuposto não tem a intenção de provar nada, mas serve como um conselho heurístico.

Nesse sentido, como já havíamos colocado, é pela via científica, principalmente, nas teorias de psicanálise e da psicopatologia que temos a sustentação para nosso estudo. E tentamos interpretar toda a lógica do Eu de nosso sujeito, J. Assim, na relação com o pai, no caso, J. que seus discípulos encontram a proteção através do amor, o que supre a impressão terrificante de desamparo despertada na infância. Desse modo, no reconhecimento de que esse desamparo dura através da vida, muitos encontram a necessidade de aferrar-se à existência de um pai, mas desta vez um pai mais poderoso, J., por exemplo. Dessa maneira, ele consegue compartilhar seu mundo, seus ensinamentos, ou seja, sua nova realidade.

Nessa perspectiva, as religiões variam em seus elementos constitutivos, mas o que todas elas trazem em comum é a contraposição entre as duas dimensões fundamentais da vida, o binômio puro-impuro. O impuro, para Vergote¹⁸⁹, é descrito como o mal que é a um só tempo um fato da natureza e o produto de uma força sobrenatural, nesse caso má. Já o

¹⁸⁸OCKHAM, William; LOUX, Michael J. *Ockham's theory of terms: Part i of the summa logicae*. Notre dame: University Notre Dame Press.

¹⁸⁹VERGOTE, A. (2002) *Modernidade e cristianismo – interrogações e críticas recíprocas*. São Paulo: Edições Loyola.

sagrado, puro, pertence ao caráter das leis morais, leis que adquirem sua autoridade do divino. O que nos faz pensar que aí entra a pessoa de J., ou seja, é na religião que nosso sujeito consegue constituir uma metáfora paterna que dá sustentação e existência ao seu Eu. Este só podendo ser entendido através de um lugar mítico, poderoso e megalomaniaco, já que através da voz divina J., pode ter um direcionamento, encontrando os limites que irão nortear suas decisões.

Assim, pelo fato de a religião ser um fenômeno social universal, existir em todos os lugares e sociedades, marcado por crenças ou fé em uma transcendência é que J. faz laços com seus discursos, pois estes tratam-se de profecias em que se tenta apagar o mal e propagar o bem. Para tanto, J. estuda as mais diversas teorias para sustentar sua fala, fazendo de seu discurso algo coerente, ao trazer a paz e acolhimento para aqueles que o escutam.

Desse modo, as formas religiosas oferecem ideologias, rituais e moralismos estritos que trazem reassuramentos para as pessoas que já são tendentes ao conservadorismo, revelando, muitas vezes, um ego mais frágil e um superego mais severo. São indivíduos com personalidades mais voltadas para a aceitação de regras, com tendência a sociabilidade e ao envolvimento com grupos e instituições.

As religiões entram na vida do indivíduo fazendo parte da constituição da identidade da pessoa e inclusive, a identidade religiosa é um dos fatores fundamentais. Os indivíduos, de acordo com Dalgarrondo¹⁹⁰, têm a necessidade incontornável de ter uma identidade sólida para sentir-se minimamente seguros. Assim, a religião torna estável um conjunto de experiências e significados, além de reforçar o sentido e a concepção de realidade, produzindo também a sacralização da identidade. Neste caminho, ela fornece interpretações aceitáveis para vida, na constante luta entre pecado e salvação, como também pode ser encarada como um modo de sustentação identitária.

Nesse sentido, o autor vai ao longo de seu livro traçando um paralelo entre as doenças, alterações mentais e comportamentais e as religiões. E para tanto, inicia esta relação ao dizer que estas alterações são muitas vezes encaradas como maus espíritos, deuses, roubos espirituais, possessões, obra de bruxas ou de feiticeiros. Assim, a loucura ganha, neste âmbito,

¹⁹⁰DALGARRONDO, P. (2008) *Religião, psicopatologia e saúde mental*. Porto Alegre: Artmed.

uma acepção plenamente religiosa. Muitas vezes, o êxtase religioso do cristão era em si mesmo uma forma de estar fora do juízo, uma forma de loucura boa. Pois a loucura má estaria em sataná. As vozes, os estados alterados de humor e da consciência, as visões poderiam ser uma forma privilegiada de contato com o divino contra a terrível possibilidade de ser astutamente possuído pelo demoníaco.

Nesse cenário aparecem os profetas, aqueles delirantes que crêem que tem uma missão celeste, pois estão em comunicação direta com Deus, com o céu e com os anjos. Temos aí o fenômeno da revelação que na psicose e que é chamado por Goas¹⁹¹, em seu estudo sobre as vivências e percepções delirantes organizadas em fases, de apofania onde ocorre o aprisionamento do Eu e o indivíduo é marcado por uma transcendência do pensamento que, segundo Martins¹⁹², transforma sua existência devido a uma revelação processual.

Por outro lado, são recorrentes delírios marcados por conteúdos místicos e religiosos. Dalgarrondo¹⁹³ enfatiza que tais delírios podem estar em contexto de exaltação e não há considerável deterioração da personalidade ou alteração das vontades e da afetividade. O que podemos encontrar são pessoas que se acham destinadas a grandes obras e acontecimentos. Possuem o dom da profecia, tratam com o Cristo, são sem pecado, mediadores entre Deus e a humanidade, são instrumentos e filhos diretos do Pai Deus neste sentido, podem fazer milagres, pois receberam uma graça especial e devem cooperar para a redenção do mundo. Assim, de acordo com a etnopsiquiatria de Devereux¹⁹⁴, estes indivíduos, devido ao seu funcionamento psíquico, podem ser tidos como patológicos, teriam psicopatologias funcionais, entretanto, estes possuem uma função social.

3.4 Conclusão

Com isso, vimos ao longo deste capítulo, a possibilidade de compartilhamento da realidade, mesmo que esta seja organizada na ordem do imaginário. J. é um vitorioso ao se fazer entender quando encontra na religião, fenômeno social universal à sustentação para a

¹⁹¹GOAS, M. C. (1966) *Temas psiquiátricos – Algunas cuestiones psicopatológicas generales*. Madrid: Editorial Paz Montalvo.

¹⁹²MARTINS, F. (2003) *Psicopatologia II: Semiologia Clínica: Investigação Teórica Clínica das Síndromes Psicopatológicas Clássicas*. Brasília: Universidade de Brasília, Instituto de Psicologia.

¹⁹³DALGALARRONDO, P. (2008) *Religião, psicopatologia e saúde mental*. Porto Alegre: Artmed.

¹⁹⁴DEVEREUX, G. (1908) *Basic problems of ethnopsychiatry*. Chicago: University Chicago Press.

constituição de um nome e de uma filiação. Pois assim, assume uma função de professor, alertando a humanidade para desastres, onde a salvação torna-se possível através da aliança com o bem. Desse modo, consegue uma amarração mesmo que delirante, ao fazer suplência à sua perda da realidade e forclusão do Nome-do-Pai.

Conclusão

Longe de ser a falha contingente das fragilidades do organismo, a loucura é a virtualidade permanente de uma falha aberta em sua essência. Longe de ser um insulto para a liberdade, ela é sua mais fiel companheira, segue-lhe o movimento como uma sombra. E o ser do homem não apenas não pode ser compreendido sem a loucura, como não seria o ser do homem se não carregasse em si a loucura como limite de sua liberdade.¹⁹⁵

A análise realizada durante esse trabalho foi fruto do estudo do Eu de J., nosso sujeito de pesquisa. Neste sentido, somos muito gratos a ele por ter nos permitido aprender sobre sua pessoa durante este tempo, não só a J. mas a todos que fazem parte de sua instituição. Assim, com muito carinho agradecemos por todos os momentos que tivemos ao longo deste ano e com isso puderam nos servir de testemunho da importância da prática em nossos estudos. Acreditamos que as reflexões feitas sobre o mesmo possam servir para que outros pensem sobre os fenômenos que ocorrem nesta clínica, ou na clínica de forma geral.

Em nossas considerações, apresentamos a dificuldade da coleta de dados sobre o momento originário da história de J., o que nos levou a ficar mais em discussões teóricas em nosso primeiro capítulo. Acreditamos que o fato ocorreu em função da forclusão que J. faz em relação à sua origem, em função de suas sensações de estranheza e falta de pertencimento, ou seja o lugar de um estrangeiro, já desde a infância. Temos seus momentos caracterizados pelo distanciamento e estranhamento do Eu em relação ao mundo. Pensamos que o Eu de J. só pode ser entendido através de um lugar mítico, poderoso e megalomaniaco, em função desta ser hoje sua realidade.

Assim, J. faz uma construção de Eu religiosa permeada por seu imaginário, na qual tem que ser o que Cristo foi. Seus relatos nos trouxeram dados de um não trabalho de construção narcísica dos pais em relação a ele e uma não transmissão da metáfora paterna, ou seja, um mundo sem referências e sustentação que o faz sentir-se inseguro, contribuindo para um processo de adoecimento e afastamento da realidade. O que nos faz pensar numa fixação

¹⁹⁵LACAN, J. (2003) *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. P. 359.

na figura do Ideal do Eu, pois, nos momentos de mudança em que J. passa ao longo de sua vida, a voz lhe invade tendo um lugar de comando e tomando as decisões por ele. Assim, vemos seus momentos tomados por determinação desta voz, seu destino acaba sendo dado por um Outro grandioso, Deus. J. fica, então, apassivado no lugar de objeto de um Grande Outro, outro poderoso que determina seu destino no sentido da realização da predestinação. Há um processo que ocorre com J. de profundas vivências de transformação e despersonalização.

A ‘voz’ paterna não existe para lhe ancorar, desse modo, surge uma voz divina, com a revelação, que ocupa esta função, a função de Pai. Função que direciona, dá limites, norteando sua vida e decisões. Por isso, com a nova nomeação e filiação, mesmo que delirante, fazem suplência para J., dando-lhe um lugar. Assim, a voz que antes da revelação lhe vinha como invasiva passa a ter um significado ao dar significação sobre a sua origem, seu lugar, seu nome e sua filiação, legitimando-o como filho unigênito do Pai, Deus.

Com isso, J. constrói sua nova realidade, um novo Eu, e se afasta da realidade, rompe com sua família que lhe traz horrores e violência. Temos aí o delírio!! Este que chega e ocupa um lugar de defesa para J. dando-lhe a possibilidade de não ser esmagado e desintegrado e que lhe traz profundas vivências de alteração do Eu. Assim, através dele, um novo mundo surgiu e com ele a possibilidade de socialização, realização e pertencimento, pois J. se tornou um Messias ao criar uma instituição e encontrar seu lugar. Lugar este que J. investe, estuda e faz de forma muito coerente, ao acolher a angústia e sofrimento daqueles que se encontram à sua volta.

Entretanto, para que isso se sustente J. nega a realidade, criando outra dentro de sua própria instituição, onde a limpeza, a beleza e o bem se sobressaem. Entretanto, para conseguir isso, ele dirige a instituição com mãos de ferro e a fecha àqueles em que ele não confia. Temos também no contexto o narcisismo e egoísmo, em que o Eu é tomado como objeto pulsional. Falamos do “Eu só amo a mim mesmo”, por isso, J. tem a si mesmo como objeto e faz em si-mesmo investimentos maciços e ao, mesmo tempo, faz com que seus discípulos também lhe investem para que ele não retorne a um lugar de objeto, morto, no qual permaneceu por algum tempo.

Desse modo, J. cria um Eu extremamente poderoso, grandioso, onipotente que se torna especial, pois faz alertas sobre os males da vida de todos nós, prevendo catástrofes, fazendo curas e, por fim, julgando a humanidade. Assim, temos neste estudo uma tentativa de entendimento do Eu deste indivíduo e o início de um caminho clínico. Apesar de termos alcançado alguns de nossos objetivos, acreditamos que as reflexões que aqui fizemos não se esgotam. Ao contrário, outros olhares podem ser feitos com base neste trabalho o que enriquece a possibilidade de nosso aprendizado e troca. Nesse sentido, perguntas que havíamos feito no início de nossas pesquisas ficam para nós ainda em aberto, pois qual seria o lugar de um terapeuta para J.? O que um terapeuta tem a fazer em casos como este? O que nos faz depararmos com nosso limite, pois acredito sermos dispensáveis enquanto terapeutas para aqueles que não precisam de nós!!!

Referências Bibliográficas

- APÓSTOLO JOÃO, Apocalipse. *In: Bíblia Sagrada*. Tradução: Centro Bíblico Católico. São Paulo: Editora Ave-Maria Ltda.
- _____ Primeira Epístola aos Coríntios. *In: Bíblia Sagrada*. Tradução: Centro Bíblico Católico. São Paulo: Editora Ave-Maria Ltda.
- AULAGNIER, P. (1975) *A violência da interpretação – Do pictograma ao enunciado*. Rio de Janeiro: Imago, 1979.
- BERGERET, J. (1998) *A personalidade normal e patológica*. Tradução Maria Elísia Valliatti Flores. Porto Alegre: Artmed.
- BLEICHMAR, H. (1985) *Narcisismo – estudo sobre a enunciação e a gramática inconsciente*. Tradução de Emília de Oliveira Diehl e Paulo Flávio Ledur. Porto Alegre: Artes Médicas.
- BLEICHMAR, S. (1994) *A fundação do inconsciente: destinos de pulsão, destinos do sujeito*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul.
- BUCHER, R. E. (1982) O valor estrutural do complexo de Édipo. *In: Alter – Jornal de estudos psicodinâmicos*. V. 12.
- COSTA, A. B. C. (1997) *Delírio de linguagem: Três ensaios sobre psicose e referência*. Dissertação de Mestrado, Brasília.
- DALGALARRONDO, P. (2000) *Psicopatologia e Semiologia dos transtornos mentais*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul.
- _____ (2008) *Religião, psicopatologia e saúde mental*. Porto Alegre: Artmed.
- DEVEREUX, G. (1908) *Basic problems of ethnopsychiatry*. Chicago: University Chicago Press.
- _____ (1967) *From Anxiety to Method in the Behavioral Sciences*. United States of America, New York: Mouton and Co.
- DOR, J. (1991) *O pai e sua função em psicanálise*. Tradução: Dulce Estrada e Marco Antônio Coutinho Jorge. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- FLORES, J. H. P. (1995) *O segredo de Paulo*. São Paulo: Edições Loyola.

FREUD, S. (1894) *As neuropsicoses de defesa*. Obras Psicológicas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996. V.03.

_____ (1895) *Rascunho H. Paranóia*. Obras Psicológicas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996. V.01.

_____ (1896) *Observações adicionais sobre as neuropsicoses de defesa*. Obras Psicológicas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996. V.03.

_____ (1900-1901) *A Interpretação dos sonhos (II) e Sobre os sonhos*. Obras Psicológicas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996. V.5.

_____ (1908) *Sobre as teorias sexuais das crianças*. Obras Psicológicas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996. V.09.

_____ (1905) *Os chistes e a sua relação com o inconsciente*. Obras Psicológicas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996. V.08.

_____ (1911) *Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental*. Obras Psicológicas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996. V.12

_____ (1911) *Notas psicanalíticas sobre um relato auto-biográfico de um caso de paranóia (Dementia Paranóides)*. Obras Psicológicas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996. V.12.

_____ (1913) *Totem e Tabu*. Obras Psicológicas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996. V.08.

_____ (1914) *Sobre o narcisismo: uma introdução*. Obras Psicológicas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996. V.14.

_____ (1915) *O inconsciente*. Obras Psicológicas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996. V.14.

_____ (1915) *Os instintos e suas vicissitudes*. Psicológicas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996. V.14.

_____ (1918[1914]) *História de uma neurose infantil*. Obras Psicológicas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996. V.17.

_____ (1919) *O 'Estranho'*. Obras Psicológicas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996. V.17.

- _____ (1920) *Além do princípio de prazer*. Obras Psicológicas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996. V.13.
- _____ (1923) *O ego e o id*. Obras Psicológicas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996. V.19.
- _____ (1923[1922]) *Dois verbetes de enciclopédia*. Psicológicas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996. V.18.
- _____ (1924[1923]) *Neurose e psicose*. Obras Psicológicas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996. V.19.
- _____ (1924) *A perda da realidade na neurose e na psicose*. Obras Psicológicas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996. V.19.
- _____ (1925) *A negativa*. Obras Psicológicas de Sigmund FrEud. Rio de Janeiro: Imago, 1996. V.19.
- _____ (1925) *Dissolução do complexo de Édipo*. Obras Psicológicas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996. V.19.
- _____ (1927) *Fetichismo*. Obras Psicológicas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996. V.21.
- _____ (1927) *O futuro de uma ilusão*. Obras Psicológicas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996. V.21.
- _____ (1933[1932]) *A dissecação da personalidade psíquica*. Obras Psicológicas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996. V.22.
- _____ (1933[1932]) *Novas conferências introdutórias sobre psicanálise*. Obras Psicológicas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996. V.22.
- _____ (1939) *Moisés e o Monoteísmo – Esboço de Psicanálise e outros trabalhos*. Obras Psicológicas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996. V.23.
- _____ (1940 [1938]) *O Aparelho psíquico e o mundo externo*. Obras Psicológicas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996. V.23.
- _____ (1940[1938]) *A divisão do ego no processo de defesa*. Obras Psicológicas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996. V.23.
- _____ (1940[1938]) *Esboço de Psicanálise*. Obras Psicológicas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996. V.23.

_____ (1950[1895]) *Projeto para uma psicologia científica*. Obras Psicológicas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996. V.1.

_____ (1972) *A interpretação dos sonhos*. Obras Psicológicas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996. V.04.

GARCIA, S. R. (2007) *Segura na mão de Deus e vai: tratamentos clínicos espíritas e suas condições de felicidade*. Tese de Doutorado em Psicologia. – Universidade de Brasília, Brasília.

GOAS, M. C. (1966) *Temas psiquiátricos – Algunas cuestiones psicopatológicas generales*. Madrid: Editorial Paz Montalvo.

GREEN, A. (1988) *Narcisismo de vida, narcisismo de morte*. Tradução: Cláudia Berliner. São Paulo: Editora Escuta.

JASPERS, K. (1973) *Psicopatologia geral*. Tradução: DR. Samuel Penna Aarão Reis. Volume I. São Paulo: Livraria Atheneu S/A.

LACAN, J. (1901-1981) *Seminário Livro 01: os escritos técnicos de Freud*. Tradução de Betty Milan. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

_____ (1915[1981]) *Da psicose paranóica em suas relações com a personalidade*. Tradução de Aluisio Menezes, Marco Antonio Coutinho Jorge e Potiguara Mendes da Silveira Jr. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1987.

_____ (1954-1955) *Seminário Livro 2: O Eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

_____ (1955-1956) *O Seminário, livro 3: As psicoses*. Tradução: Aluisio Menezes. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.

_____ (1957 – 1958) *Seminário Livro 05: as formações do inconsciente*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999.

_____ (1998) *Formulações sobre a causalidade psíquica*. In: *Escritos*. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.

_____ (1998) *O estágio do espelho como formador da função do Eu*. In: *Escritos*. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.

_____ (1998) *De uma questão preliminar a todo tratamento possível na psicose*. In: *Escritos*. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.

_____ (2003) *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.

LAPLANCHE, J.; PONTALIS, B. (1967) *Vocabulário da psicanálise*. Tradução de Pedro Tamen. Martins Fontes Ed., 1988.

MARTINS, E. (2006) *'Inri Cristo' e seus discípulos: um estudo sociológico das motivações na adesão ao movimento messiânico*. Tese de doutorado. São Bernardo do Campo. Universidade Metodista de São Paulo, UMESP.

MARTINS, F. (1991) *O nome próprio: da gênese do Eu ao reconhecimento do outro*. Brasília, DF: Editora Universidade de Brasília.

_____ (1991) *A gramática da fantasia*. Brasília: Editora Universidade de Brasília.

_____ ; PERCÍLIO D.; MAGALHÃES, A. C.; ANTUNES, C.; VERSIANI, E. & BELTRÃO, I. ([1993]1994) A perda de realidade na psicose – um método de estudo através do genograma. *In: Revista de psicologia, Fortaleza*. V. 11 e 12.

_____ ; PÔRTO, K. “O delírio a luz das teorias dos atos de fala.”. *In: Psicologia, reflexão e crítica*. Porto Alegre: 2000. V. 13. N 1.

_____ (2002) *O Complexo de Édipo*. Brasília: Editora Universidade de Brasília.

_____ *O ordálio na psicose*. Cadernos de Psicologia da UFMG, Belo Horizonte, MG, V.5, n.1, 1995.

_____ (2003) *Psicopathologia II: Semiologia Clínica – Investigação Teórico Clínica das Síndromes Psicopatológicas Clássicas*. Brasília: Universidade de Brasília, Instituto de Psicologia.

_____ ; COSTA, A. C. “Quem são eles?” *In: Psicologia: Teoria e pesquisa*. Brasília: editora, 2003. V. 19. N.1.

_____ (2005) *Psicopathologia I – prolegômenos*. Belo Horizonte: PUC Minas.

_____ *Ensaio acerca dos sintomas simbólicos: Da cabrita Desvalida ao Senhor do Mundo, e um Pouco de Todos Nós*. Brasília: UNB, 2008. Inédito.

MEISSNER, W.W. (1978) *The paranoid process*. United States of America, New York: Copyright by Jason Aronson, Inc.

MIERMONT, “J” & Cols. (1994) *Dicionário de terapias familiares: teoria e prática*. Tradução: C. A. Molina-Loza. Porto Alegre: Artes Médicas

OCKHAM, William; LOUX, Michael J. *Ockham's theory of terms: Part i of the summa logicae*. Notre dame: University Notre Dame Press.

PANKOW, G. (1989) *O homem e sua psicose*. Campinas, SP: Papirus.

QUEIROZ, M. I. P. (1965) *O messianismo no Brasil e no mundo*. São Paulo: Editora Universidade de São Paulo.

QUEIROZ, M. V. (1977) *Messianismo e conflito social: a guerra sertaneja do Contestado. 1912-1916*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

SCHREBER, D. P. (1842-1911) *Memórias de um doente dos nervos*. Tradução e introdução de Marilene Carone. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1995.

TODOROV, T. (1980) *Os gêneros do discurso*. Tradução: Elisa Angotti Kossovitch. São Paulo: Martins Fontes.

VARELLA, M. R. D. (2008) *Narcisismo e Apassivação*. Tese de Doutorado em Psicologia. – Universidade de Brasília, Brasília.

VERGOTE, A. (2001) “Necessidade e desejo da religião na ótica da psicologia.” In: PAIVA, G. J. (org.). *Entre necessidade e desejo*. São Paulo: Loyola.

_____ (2002) *Modernidade e cristianismo – interrogações e críticas recíprocas*. São Paulo: Edições Loyola.

WAELEHENS, Alphonse de. (1990) *A psicose – ensaio de interpretação analítica e existencial*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

ANEXO 1

Questionário para o participante da pesquisa

- Você tem uma missão? Qual é?
- Como foi a revelação dela?
- Como isso foi se tornando claro para você? Foi uma escolha ou não?
- Como você se sente, sentiu, com essa missão em sua vida?
- O que acontece quando você escuta a voz?
- E as premonições? Como eram? O que você sentia quando as tinha/via?
- Como é sua missão diante da sociedade? Dos tempos?
- Como você foi adquirindo esse poder?
- Em que momento de vida você estava quando percebeu seu poder?
- Como era sua vida pessoal?
- Como você vivia? Com quem?
- O que gostava de fazer? O que não gostava?
- Como foi sua vida amorosa?
- Alguém ajudou a cuidar de você quando era criança?
- Como eram seus pais? Eles seguiam alguma religião?
- Como era sua relação com seus pais?
- Onde nasceu? Como foi sua infância?
- Como era sua relação com a religião? Desde a infância até os tempos atuais?

- Como era sua relação com os outros? Você tinha amigos?
- Como você vive?
- O que você faz?
- Como é sua relação com as pessoas da entidade religiosa? E com as pessoas de fora?
- Qual seu lugar dentro da entidade religiosa?
- Como ocorreu a criação da entidade religiosa?
- O que a entidade religiosa prega? Como são suas normas? Quem as constrói?
- como é o processo para se tornar seu discípulo?
- Qual a razão para que eles tenham um novo nome? Quem lhes dá os nomes?
- Você tem discípulos fora de BSB?
- Os que vivem aqui podem desistir a qualquer hora?
- Tem hierarquia dentro do movimento? Qual?
- Quais são as regras para se viver dentro da comunidade? Quem as fez? Como surgiram?
- Seus discípulos podem namorar, casar, sair de dentro da entidade religiosa para passear? Explique a razão?
- Alguém é disciplinado aqui na entidade religiosa? Como é feito?
- Qual o principal motivo das pessoas lhe seguirem?
- Você enfatiza sua semelhança com Cristo e para isso traz o Santo Sudário. Por quê?
- Como seus discípulos conheceram seu movimento?
- Além da revelação que você recebeu, qual outras provas que você dá de ser a reencarnação de Cristo?
- Quando alguém expressa dúvida com relação a sua divindade, o que você faz/fez?

- Por que seus discípulos lhe obedecem? Eles podem discordar de você?
- Por que as pessoas não podem lhe tocar?
- Por que você sempre se apresenta numa superfície mais elevada que as demais pessoas?
- Quando você se ausenta quem toma conta da entidade religiosa?
- Quando você falecer como as coisas, entidade religiosa, ficarão?

ANEXO 2

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE

Estou sendo convidado (a) a participar de uma pesquisa cujo objetivo principal é investigar o que eu (participante) penso sobre o como se tornar um profeta. Para tanto, participarei de entrevistas que podem durar mais de um encontro, com duração de até três horas. Será agendado posteriormente um encontro para devolução dos resultados dessa pesquisa.

Minha participação é voluntária. Tenho liberdade para decidir se quero ou não responder às perguntas. Caso haja, na entrevista, alguma pergunta que eu ache muito íntima não preciso respondê-la. Posso desistir de participar da pesquisa a qualquer momento, em qualquer estágio da entrevista, sem prejuízo nenhum financeiro ou pessoal.

Concordo que os encontros sejam filmados, gravados e transcritos. As transcrições serão utilizadas para estudar e melhorar os trabalhos na área da psicologia clínica, mais especificamente sobre a constituição e transformação do psiquismo. As entrevistas ocorrerão no próprio local em que o participante reside, SOUST – Suprema Ordem Universal da Santíssima Trindade.

Estou também ciente de que os procedimentos adotados nesta pesquisa obedecem aos Critérios da Ética em Pesquisa com Seres Humanos conforme Resolução no. 196/96 do Conselho Nacional de Saúde. Nenhum dos procedimentos usados oferece riscos à minha dignidade. Desse modo, poderão ser divulgados em meios acadêmicos e científicos, respeitando-se os preceitos éticos exigidos pelas pesquisas científicas com relação à manipulação dos dados.

A pesquisadora se compromete a: estar sempre disponível para responder e esclarecer dúvidas minhas a qualquer momento. Caso ache necessário, será disponibilizado, de graça, atendimento psicoterapêutico para o participante durante as entrevistas e num período de até 3 meses depois de seu término.

Informo que recebi uma cópia deste Termo de Consentimento.

EU _____ Identidade _____,
declaro que fui informado e devidamente esclarecido do projeto de pesquisa
intitulado: _____ desenvolvido
pelo(a) _____ do curso de Programa de Pós-Graduação em
Psicologia Clínica e Cultura - PPG PsiCC da Universidade de Brasília – UNB, quanto aos
itens da resolução 196/96.

Declaro, que após ser esclarecido pelo pesquisador a respeito da pesquisa, consinto
voluntariamente em participar desta pesquisa.

Brasília de _____, 2009.

Nome: _____

RG: _____ Data de nascimento: ____ / ____ / ____ Sexo M() F()

Endereço: _____

Bairro: _____ Cidade: _____

CEP: _____ Tel: _____

Assinatura do declarante

Declaração do Pesquisador

Declaro, para fins da realização da pesquisa, que cumprirei todas as exigências acima, na qual
obtive de forma apropriada e voluntária, o consentimento livre e esclarecido do declarante
acima, qualificado para a realização desta pesquisa.

Renata Arouca de Oliveira Morais
Mestranda em Psicologia
CRP 01/9650

Pesquisadora: Renata Arouca de Oliveira Morais – Mestranda em Psicologia Clínica/UnB
(61) 34687135/81239218

Pesquisador Orientador: Prof.º Dr.º Francisco Moacir de Melo Catunda Martins - Professor Titular do Departamento de Psicologia Clínica da Universidade de Brasília/ UnB (61) 33477746

Comitê de Ética em Pesquisa – Instituto de Ciências Humanas – Universidade de Brasília/ UNB (61) 33072370/ 33072761

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)